

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**POLARIDADES DIALÉCTICAS DAS NECESSIDADES
PSICOLÓGICAS: PERFIS DE DISCREPÂNCIAS E
RELAÇÃO COM A SINTOMATOLOGIA**

Elisabel Maria Soares Barcelos

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-
Comportamental e Integrativa)**

2014

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**POLARIDADES DIALÉCTICAS DAS NECESSIDADES
PSICOLÓGICAS: PERFIS DE DISCREPÂNCIAS E
RELAÇÃO COM A SINTOMATOLOGIA**

Elisabel Maria Soares Barcelos

**Dissertação orientada pelo Professor Doutor António José dos Santos
Branco Vasco**

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

**(Secção de Psicologia Clínica e da Saúde / Núcleo de Psicoterapia Cognitiva-
Comportamental e Integrativa)**

2014

Agradecimentos

A conclusão da dissertação de mestrado simboliza mais uma importante etapa da minha vida, aquela que mais ansiava e ao mesmo tempo receava. É o culminar de 5 anos de aprendizagens num trabalho de investigação individual e que se torna sobretudo muito pessoal. Este período foi marcado por um grande esforço e por algumas dificuldades inerentes à própria natureza do trabalho, mas também pela partilha de novas experiências, muitas aprendizagens e agora pelo orgulho de ver o resultado do meu investimento e dedicação.

No entanto, este trabalho não teria sido possível sem o apoio de algumas pessoas que partilharam comigo este percurso. Quero em primeiro lugar agradecer ao Professor António Branco Vasco por toda a orientação, colaboração e atenção às necessidades de quem pela primeira vez desenvolve uma investigação.

Em segundo lugar quero agradecer aos meus pais, que sempre me apoiaram e contribuíram para o meu desejo de estudar Psicologia, sem eles este percurso teria sido impossível ou, pelo menos, muito mais difícil. Quero agradecer à minha irmã por toda a ajuda com as partes mais gráficas, e ao meu namorado por toda a força que me transmitiu nos momentos mais difíceis.

A todos os colegas e amigos que partilharam comigo esta experiência, um muito obrigada. Em especial à Alice Várzea, com quem sempre me senti confortável para partilhar as minhas preocupações e que foi um apoio imprescindível ao longo desta etapa. Um obrigada também à Carmina Freitas, uma amiga de longa data que partilha comigo o interesse pela Psicologia e que abdicou do seu tempo de lazer para me ajudar com algumas dúvidas de estatística e com a tomada de algumas decisões que, em momentos de maior inquietação e agitação interior, contribuíram para aumentar a minha tranquilidade.

Aos colegas que já passaram por todas estas experiências, um muito obrigada pelo tempo dispensado no esclarecimento de dúvidas, pelas dicas e pelas palavras de conforto. Um agradecimento especial, ao António Sol e à Ana Maria Romão pela clarificação de alguns cálculos estatísticos, à Elsa Conde pela disponibilização de algumas referências teóricas, e ao Tiago Fonseca, que nunca virou costas a um pedido de ajuda e que nos acompanhou de forma persistente.

A todas estas pessoas que contribuíram para o meu crescimento a nível académico e a nível pessoal, um obrigada do fundo do coração.

Resumo

A presente investigação enquadra-se no Modelo de Complementaridade Paradigmática (MCP), que postula a influência da regulação da satisfação das necessidades psicológicas no bem-estar e distress psicológicos e no desenvolvimento de sintomatologia. Baseada na concepção de que as discrepâncias das necessidades estão na base do desenvolvimento de padrões de personalidade não-adaptativos, foi criada pela primeira a Escala de Perfis de Discrepâncias das Necessidades (EPDN). Pretendeu-se analisar as qualidades psicométricas da EPDN, estudar as suas inter-correlações e a sua relação com a capacidade de regulação da satisfação das necessidades e com a sintomatologia. Para avaliar as respectivas variáveis foi criada uma plataforma online onde foram aplicados a EPDN, ERSN-57 e o BSI, a uma amostra global de 312 adultos. Os resultados apoiaram a consistência interna da EPDN e revelaram relações positivas entre os perfis e destes com a sintomatologia, com excepção dos perfis +Prazer/-Dor, +Coerência/-Incoerência e +Autoestima/-Autocrítica, com relações negativas. Demonstraram relações negativas entre os perfis e a capacidade de regulação das necessidades, exceptuando-se +Prazer/-Dor, +Coerência/-Incoerência e +Autoestima/-Autocrítica com relações positivas. A EPDN revelou-se mais preditiva da sintomatologia, comparativamente à ERSN, e, os indivíduos perturbados apresentaram níveis superiores nos perfis, com excepção de +Coerência/-Incoerência e +Autoestima/-Autocrítica. Os níveis de sintomatologia foram superiores nos indivíduos com elevado grau de perfil geral e baixa regulação geral. Por último, regra geral, os níveis superiores de perfil registaram-se, primeiramente, nos indivíduos com baixa regulação nos dois polos de necessidades e, posteriormente, nos indivíduos com discrepâncias nos polos. Estes resultados validam a teoria da perturbação do MCP, realçando o contributo da desregulação das necessidades para o desenvolvimento de perturbação da personalidade e sintomatologia, e trazem implicações clínicas relativamente ao aumento da consciência do eventual funcionamento desajustado dos perfis +Prazer/-Dor, +Coerência/-Incoerência e +Autoestima/-Autocrítica.

Palavras-chave: Necessidades Psicológicas, Personalidade, Perfis de Discrepâncias, Sintomatologia, Modelo de Complementaridade Paradigmática.

Abstract

This research is framed by the Paradigmatic Complementarity Model (MCP) that postulates the influence of the regulation of psychological needs satisfaction on the psychological well-being, psychological distress and symptomatology development. Based on the conception that needs discrepancies underlie the development of maladaptive personality patterns, it was firstly created the Needs Discrepancies Profiles Scale (EPDN) in order to analyze the EPDN psychometric qualities and to study its intercorrelations and relationships with the regulation of psychological needs satisfaction and symptomatology. To assess these variables, it was created an online platform where the EPDN, ERSN-57 and BSI were applied to a global sample of 312 adults.

The results supported the EPDN internal consistency, furthermore, revealed positive relations into the profiles and among those and symptomatology, only with the exception of +Pleasure/-Pain, +Coherence/-Incoherence and +Self-esteem/-Self-criticism profiles which revealed negative relations. The results demonstrated, also, negative relations between profiles and the regulation of psychological needs satisfaction, excepting on +Pleasure/-Pain, +Coherence/-Incoherence and +Self-esteem/-Self-criticism profiles that showed positive relations. EPDN was more predictive of symptomatology than ERSN and the individuals “with disorder” showed the highest profiles’ levels, excepting +Coherence/-Incoherence and +self-esteem/-self-criticism. The highest symptomatology levels were present on the individuals with high degree of global profile levels and low degree of global regulation levels. Finally, in general, the highest profiles’ levels were first recorded on the individuals with low degree of regulation in both needs polarities and then in the individuals with polarities needs discrepancies.

These results validate the MCP disorder theory, highlighting the contribution of psychological needs deregulation for personality disorders and symptomatology development, furthermore, these results bring clinical implications on increasing the awareness of the eventual maladjustment of +Pleasure/-Pain, +Coherence/-Incoherence and +Self-esteem/-Self-criticism profiles functioning.

Keywords: Psychological Needs, Personality, Discrepancies Profiles, Simptomatology, Paradigmatic Complementarity Model.

Índice Geral

Resumo	ii
Abstract.....	iii
Introdução	1
Enquadramento Teórico	2
1. O Self e as Necessidades Psicológicas	2
Teorias sobre Necessidades Psicológicas	3
1.1. As Primeiras Referências	3
1.2. Teoria da Personalidade de Maslow (1954).....	3
1.3. Teoria do Self Cognitivo-Experiencial de Epstein (1993).....	3
1.4. Teoria das Necessidades Humanas de Grawe (2006)	5
1.5. Teoria da Autodeterminação de Deci e Ryan – SDT (2000)	5
1.6. Estudo Empírico de Sheldon, Elliot, Kim e Kasser (2001)	6
1.7. O Modelo dos Múltiplos Níveis da Personalidade no Contexto (Sheldon, Cheng & Hilpert, 2011)	7
1.8. A Introdução da Dimensão Dialéctica	8
2. O Modelo de Complementaridade Paradigmática.....	9
2.1. Discrepâncias e Personalidade	11
3. Os Conceitos de Bem-estar Distress e Sintomatologia	16
3.1. Discrepâncias e Relação com a Sintomatologia.....	18
4. As Implicações dos Perfis de Discrepâncias para a Psicoterapia	21
Metodologia.....	22
1. A Construção da Escala de Perfis de Discrepâncias das Necessidades.....	22
2. Objectivos e Hipóteses	27
3. Procedimento e Participantes.....	28
4. Instrumentos	30
4.1. Escala de Regulação da Satisfação das Necessidades – 57 (ERSN 57).....	30

4.2. Escala de Perfis de Discrepâncias das Necessidades (EPDN)	32
4.3. Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI).....	33
Resultados.....	34
1. Estudo das Qualidades Psicométricas da EPDN	34
1.1. Análise Factorial	34
1.2. Consistência Interna	34
2. Correlações	36
2.1. Relações entre as subescalas da EPDN	36
2.2. Relação entre Perfis, Polaridades e Necessidades.....	37
2.3. Relação entre Perfis e Sintomatologia	39
3. Regressões	41
3.1. Valor preditivo da EPDN e da ERSN em relação à Sintomatologia.....	41
4. Comparação de Grupos	44
5. Análise de Variâncias	47
5.1. ANOVA – Univariada.....	47
5.2. MANOVA.....	48
Discussão e Conclusões.....	54
Referências Bibliográficas.....	65

Índice de Quadros

Quadro 1. <i>Caracterização da amostra global e das subamostras</i>	29
Quadro 2. <i>Consistência Interna (alfa de Cronbach) da ERSN-57</i>	31
Quadro 3. <i>Consistência interna (alfa de Cronbach) das escalas e subescalas do BSI..</i>	34
Quadro 4. <i>Consistência Interna (alfa de Cronbach) da EPDN, no pré-teste e no presente estudo</i>	35
Quadro 5. <i>Correlações entre a EPDN e as sete polaridades de necessidades</i>	37
Quadro 6. <i>Correlações entre Perfis de Discrepâncias e Sintomatologia</i>	39
Quadro 7. <i>Sumário das análises de regressão lineares standard da EPDN Global e da ERSN Global, em relação à sintomatologia.....</i>	42
Quadro 8. <i>Sumário da análise de regressão linear múltipla standard da ERSN 57 global e da EPDN global em relação à Sintomatologia</i>	42
Quadro 9. <i>Sumário do melhor modelo da análise de regressão linear múltipla stepwise dos perfis da EPDN em relação à sintomatologia</i>	43
Quadro 10. <i>Sumário do melhor modelo da análise de regressão linear múltipla stepwise das polaridades e das necessidades da ERSN-57 em relação à sintomatologia.....</i>	43
Quadro 11. <i>Resumo da ANOVA Univariada para a média de sintomatologia entre os grupos dos níveis globais da EPDN e da ERSN 57.....</i>	48
Quadro 12. <i>Resumo da MANOVA</i>	49

Índice de Figuras

Figura 1. Valores médios dos perfis de discrepâncias geral (EPDN Global) dos indivíduos “com perturbação”(n=78) e “sem perturbação” (n=107).....	46
Figura 2. Valores médios dos catorze perfis de discrepâncias nos indivíduos “com perturbação”(n=78) e “sem perturbação” (n=107)	46

Anexos

Anexo A:

Escala de Regulação da Satisfação das Necessidades Psicológicas 57 (ERSN 57)

Composição das Subescalas da ERSN 57

Anexo B:

Escala de Perfis de Discrepâncias das Necessidades (EPDN)

Composição das Subescalas da EPDN

Caracterização dos Perfis de Discrepâncias das Necessidades

Anexo C - Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI)

Anexo D - Consentimento informado colocado na Plataforma Online

Anexo E - Quadro de intercorrelações da EPDN

Anexo F - Quadro de correlações entre a EPDN Global e a ERSN 57 Global

Anexo G - Quadro de correlações entre os perfis de discrepâncias e as catorze necessidades psicológicas

Anexo H - Figura com os níveis médios dos catorze perfis de discrepâncias nos indivíduos perturbados e não perturbados

Anexo I - Níveis médios dos perfis de discrepâncias nos grupos com diferentes graus de regulação da satisfação das necessidades psicológicas

Anexo J - Resumo dos resultados da ANOVA

“Nunca cultives coisas absolutas ... pois a Natureza concebeu as coisas de um modo tal que o maior prazer vem depois do maior poder, a temperança, e o sinal da normalidade é este. ”

Fernando Pessoa, Nunca Cultives o Absoluto e o Excesso, in “Reflexões Pessoais”

Introdução

A presente investigação insere-se no meta-modelo de integração em psicoterapia designado por Complementaridade Paradigmática (MCP), cujas teoria da adaptação e da perturbação salientam o constructo de necessidades psicológicas, conceptualizadas como dialécticas e complementares. A adaptação implica um processo contínuo de negociação e balanceamento entre os polos de necessidades que possibilita a regulação da sua satisfação, enquanto que a perturbação reside nesta incapacidade de balanceamento e de regulação da satisfação das necessidades, que contribui para a presença de sintomatologia. (Vasco & Velho, 2010).

Este estudo pretende contribuir para validar a teoria da perturbação, dando continuidade aos estudos das discrepâncias nas polaridades das necessidades (Sol & Vasco, 2012). A partir da concepção de que estas discrepâncias dão origem a padrões de funcionamento desadaptados, o objectivo primordial centra-se na construção da Escala de Perfis de Discrepâncias das Necessidades (EPDN), um instrumento que permita avaliar os perfis tendencialmente associados a cada discrepância das polaridades.

Este trabalho consiste essencialmente no estudo das qualidades psicométricas da EPDN e da sua relação com a regulação da satisfação das necessidades psicológicas, com as discrepâncias das necessidades e com a sintomatologia. Para tal, através de uma plataforma online, foram aplicados a 312 participantes a Escala de Regulação da Satisfação das Necessidades Psicológicas versão de 57 itens (Vasco, et al., 2013 – Anexo A), a Escala de Perfis de Discrepâncias das Necessidades (Vasco, et al., 2014 – Anexo B) e o Inventário de Sintomas Psicopatológicos (Canavarro, 1995 – Anexo C).

Inicialmente é apresentada uma revisão de literatura sobre a evolução do conceito de necessidades psicológicas, procurando-se dar maior enfoque ao seu contributo na construção da personalidade e ao estudo das discrepâncias das necessidades e a sua relação com a sintomatologia. Revêem-se também algumas teorias sobre bem-estar, distress e sintomatologia, e é feita uma referência sobre as implicações do estudo dos Perfis de Discrepâncias para a Psicoterapia.

Prossegue-se com a descrição da metodologia utilizada, onde se explicita a construção da EPDN, os objectivos da investigação e as suas respectivas hipóteses. Esta secção contém também informação relativa à caracterização da amostra e dos instrumentos utilizados.

Por fim, são apresentados os resultados da investigação bem como a sua discussão e conclusões finais, reflectindo-se sobre as limitações do estudo, sobre as suas vantagens e sobre as suas implicações para estudos futuros.

Enquadramento Teórico

1. O Self e as Necessidades Psicológicas

A relação entre a satisfação das necessidades psicológicas e a construção do *Self* inicia-se desde muito cedo, através do estilo de vinculação estabelecido ao longo dos períodos de desenvolvimento. Siegel (2001), num estudo sobre o desenvolvimento dos processos mentais, conceptualizou a integração como o processo básico das vinculações seguras, na promoção do bem-estar psicológico. Uma comunicação emocional colaborativa e coerente permite a construção de um *Self* integrado, diferenciado, coerente e com capacidades de autorregulação (Siegel, 2001), o que é promotor do desenvolvimento de estima pelo próprio *Self* e da sua sensação de agência.

Através do processamento experiencial (eu que experiencia) e do processamento conceptual (eu que explica e atribui significado à experiência), que permitem um sentimento de confiança relativamente à possibilidade de acção, o *Self* toma consciência de que é um agente activo na forma como satisfaz, ou não, as suas necessidades. O *Self* é assim responsável pela regulação emocional, através do processo de mentalização, ou seja, pela identificação, regulação e expressão das emoções (Conceição & Vasco, 2005). Uma das principais funções das emoções é a sinalização do grau de regulação da satisfação das necessidades, e das ações necessárias a essa regulação (Vasco, 2013). Este carácter motivacional e adaptativo remete para a capacidade do *Self* experienciar as emoções primárias adaptativas e de se manter em contacto com uma amplitude alargada de sentimentos. Assim, os principais objectivos terapêuticos dizem respeito à promoção da consciencialização da agência e da emoção, de modo a que o *Self* se permita entrar em contacto com as suas necessidades idiossincráticas e mobilize os recursos necessários para se auto-cuidar, cuidar os outros significativos e facilitar o cuidado dos mesmos em relação a si próprio (Conceição & Vasco, 2005).

Teorias sobre Necessidades Psicológicas

1.1. As Primeiras Referências

Dadas as diferentes orientações teóricas em psicoterapia, o conceito de necessidades psicológicas tem sido conceptualizado de diferentes formas, ao longo do tempo. As primeiras teorias sobre necessidades surgiram no início do século XX, em que estas foram caracterizadas como instintos e pulsões de carácter fisiológico e inato. (McDougal, 1908; Freud, 1920; cit por Murray, 2008/1938). Posteriormente, Murray (2008/1938), postulou a existência de necessidades psicológicas e adquiridas, identificando cerca de 27 necessidades, que se dividiam em primárias fisiológicas e secundárias psicológicas. Segundo este autor, são as diferenças nas necessidades e na relevância atribuída a cada uma delas, que conferem a singularidade da personalidade humana.

1.2. Teoria da Personalidade de Maslow (1954)

A teoria de Maslow introduziu uma concepção distinta da motivação humana, em que, mais do que eliminar ou compensar uma tensão, os indivíduos procuram realizar as suas motivações. Sendo assim, propôs uma hierarquia das necessidades, em que a base é constituída pelas necessidades básicas, que incluem as necessidades *fisiológicas* e de *segurança*. Acima destas, encontram-se as necessidades psicológicas, que incluem as necessidades *sociais* e de *estima*. No topo, situam-se as necessidades de *realização pessoal*, constituídas pela necessidade de *auto-actualização*. Para que as necessidades superiores sejam satisfeitas é necessário que as inferiores estejam igualmente satisfeitas, sobretudo quando se trata da necessidade de *auto-realização*. Apesar disso, o autor não formulou uma hierarquia rígida, considerando a existência de diferenças individuais na satisfação das necessidades. (Maslow, 1954).

1.3. Teoria do Self Cognitivo-Experiencial de Epstein (1993)

Epstein (1993) elaborou uma teoria integrativa da personalidade, sobre o processamento da informação. Nesta postula a existência de dois sistemas de processamento, o sistema racional, que opera ao nível consciente, segundo as regras sociais de inferência, analíticas e abstractas, e o sistema experiencial, que opera, ao nível do sub-consciente, segundo princípios holísticos e concretos. Este sistema associa-

se à experiência emocional, que por sua vez, permite conhecer os esquemas descritivos e motivacionais que organizam automaticamente a experiência e dirigem o comportamento.

Este autor define as necessidades como constructos motivacionais que possuem uma vertente afectiva, e defende a existência de quatro necessidades básicas igualmente fundamentais, uma vez que cada uma delas pode assumir dominância sobre as outras e a não satisfação de qualquer uma das necessidades ou a sua desarmonia, pode culminar na desorganização da personalidade. A cada uma destas necessidades associa-se uma crença básica que contém informação sobre os esquemas descritivos e motivacionais do indivíduo, que permitem a este perceber o grau de regulação das suas necessidades.

À necessidade de *Maximizar o Prazer e Minimizar a Dor* associa-se a crença sobre o mundo que varia numa dimensão entre a benignidade e a malevolência, e que corresponde às dimensões da personalidade de optimismo vs pessimismo e segurança vs insegurança. À necessidade de *Coerência* associa-se a crença sobre o mundo como coerente-incoerente, e que corresponde às dimensões da personalidade de compromisso vs alienação e de controlo interno vs externo. Na necessidade de *Relacionamento* integra-se a crença de confiança-desconfiança e rejeição dos outros, que se relaciona com as características da personalidade de confiança, de sociabilidade vs suspeição, rejeição e hostilidade. À necessidade de *Auto-realização* relaciona-se a crença sobre o *self* como amável não-amável, moral-imoral, competente-incompetente, forte-fraco, o que informa sobre uma personalidade com elevada-baixa autoestima.

Como os sistemas racional e experiencial funcionam em simultâneo, mas processam a informação diferencialmente, por vezes, podem gerar conflitos e comprometer a necessidade de *Coerência*. Por exemplo, um indivíduo pode relatar uma elevada autoestima a partir do sistema racional, mas no entanto, revelar uma baixa autoestima quando esta é inferida pelos seus comportamentos, verificando-se discrepâncias no autoconceito.

Este autor propõe uma teoria que engloba um nível estrutural e motivacional, remetendo para a importância de estudar os motivos básicos da personalidade, em que condições determinadas necessidades tendem a sobrepor-se a outras, e quais as implicações disso para a personalidade humana, sugerindo a criação de um perfil de necessidades como recurso potencialmente informativo em termos de diagnóstico.

1.4. Teoria das Necessidades Humanas de Grawe (2006)

Grawe (2006) realizou um estudo neurobiológico, considerando as quatro necessidades psicológicas propostas por Epstein, e encontrou evidências empíricas que demonstraram a participação de três dessas necessidades na constituição do sistema nervoso. Conceptualizou quatro necessidades psicológicas básicas - *Vinculação, Controlo e Orientação, Maximização da Autoestima, Maximização do Prazer e Minimização da Dor*.

Grawe não define a *Coerência* como uma necessidade, mas sim, como um princípio básico do funcionamento mental – a *Consistência*. A regulação da *Consistência* está intrinsecamente ligada à satisfação das necessidades, e, para tal, é fundamental que exista *congruência* entre as percepções e os esquemas motivacionais, uma vez que a existência de *incongruência* diminui o bem-estar psicológico e aumenta a probabilidade de perturbação psicopatológica. A *Congruência* e *Incongruência* dependem dos esquemas motivacionais desenvolvidos ao longo da vida do indivíduo, que podem ser de *Aproximação* ou *Evitamento*. Os esquemas de *Aproximação* são desenvolvidos num ambiente seguro e direccionado à satisfação das necessidades, conferindo capacidades para o indivíduo satisfazer as suas próprias necessidades. Os esquemas de *Evitamento* desenvolvem-se num ambiente oposto, caracterizado pela invalidação constante das necessidades. A sua formação tem o objectivo de proteger o *Self* da dor, no entanto, podem impedi-lo de satisfazer as suas próprias necessidades, mesmo quando estas podiam ser satisfeitas num contexto validante e permissivo.

1.5. Teoria da Autodeterminação de Deci e Ryan – SDT (2000)

A Teoria da autodeterminação propõe a existência de três necessidades psicológicas básicas, *Competência, Proximidade e Autonomia*, que são definidas como “*nutrientes psicológicos inatos que são essenciais ao crescimento psicológico, integridade e bem-estar.*”

A necessidade de *Competência* refere-se à propensão natural para influenciar o meio e obter resultados significativos e eficazes nessa interacção, o que permite uma maior adaptação em diferentes contextos e o desenvolvimento de novas potencialidades. A necessidade de *Proximidade* diz respeito ao desejo de sentir uma ligação com os outros, de ter uma sensação de segurança e pertença. Confere a integração do indivíduo num grupo social, assegurando uma maior coesão grupal e eficácia na transmissão de

conhecimento. A necessidade de *Autonomia* representa a experiência de integração individual, o sentimento de volição, de liberdade de escolha nas realizações, a tendência universal para a auto-organização, autorregulação e coerência (Deci & Ryan, 2000).

A satisfação destas três necessidades promove o aumento da autodeterminação e bem-estar psicológico, por outro lado, a sua insatisfação, diminuí a autodeterminação e potencia o desenvolvimento de necessidades compensatórias e mal-estar psicológico, que se pode expressar por conflitos internos, alienação, ansiedade, depressão e somatização. Vansteenkiste & Ryan (2013) numa revisão sobre a frustração das necessidades propostas pela SDT, identificam como consequências - o desenvolvimento de necessidades compensatórias que consistem no investimento em objectivos extrínsecos que conferem uma sensação de satisfação de curta-duração; e o desenvolvimento de comportamentos compensatórios, que consistem na perda do auto-controlo, padrões de comportamento rígidos e oposição desafiante.

Os contextos sociais e culturais que facilitam a satisfação das necessidades básicas, facilitam também os processos de crescimento natural, nomeadamente, o comportamento intrinsecamente motivado, onde existe um envolvimento comportamental espontâneo que é totalmente integrado no *self*, e o processo de internalização, que permite uma identificação com os valores das motivações extrínsecas e a sua integração no *self* (Deci & Ryan, 2000).

A partir da concepção de que existe uma tendência natural para resolver as inconsistências psicológicas e estruturá-las num *self* coerente, Fournier, Ruocco & Ayaz (2013) desenvolveram uma investigação para analisar o efeito da satisfação das necessidades psicológicas básicas no Cortex Pré-Frontal Médio (MPFC), região de processamento da informação sobre o *self*. Os participantes realizaram uma tarefa de tomada de decisão que implicava que fizessem escolhas forçadas de acordo com as suas preferências pessoais. Os resultados revelaram que a satisfação das necessidades promovia um aumento da actividade do MPFC quando o grau de conflito era elevado, sugerindo que a satisfação das necessidades pode promover a coerência do *self* através da utilização do auto-conhecimento, na resolução de conflitos de tomada de decisão.

1.6. Estudo Empírico de Sheldon, Elliot, Kim e Kasser (2001)

Sheldon, et al (2001), realizaram um estudo empírico com o objectivo de determinarem quais as necessidades psicológicas principais. Seleccionaram dez necessidades a partir de várias teorias, entre as quais, as necessidades de *Autonomia*,

Competência e Proximidade (Deci & Ryan, 2000), as necessidades de *Prosperidade Física, Segurança, Autoestima e Auto-actualização* (Maslow, 1954), a necessidade de *Maximização do Prazer* (Epstein, 1993) e, por último, as necessidades de *Dinheiro/Luxo e Popularidade/Influência* (Derber, 1979 cit por Sheldon et al, 2001). Para testarem a sua centralidade, solicitaram, a uma amostra de participantes dos Estados Unidos e da Coreia do Sul, que descrevessem os seus eventos de vida mais satisfatórios e posteriormente classificassem a saliência de cada uma das necessidades nesses mesmos eventos. Os resultados confirmaram a relevância das necessidades de *Autonomia, Competência, Proximidade e Autoestima*. Já as de *Segurança, Auto-actualização e Prosperidade Física* tiveram menor destaque, enquanto que *Popularidade e Luxo* foram quase irrelevantes, chegando a serem consideradas como prejudiciais comparativamente às restantes necessidades. Pois, os sujeitos que deram mais importância a essas necessidades reportaram maior ansiedade, depressão, narcisismo, sintomas psicossomáticos, perturbação da conduta, comportamentos de risco, e, menores níveis de auto-actualização, autoestima, vitalidade e funcionamento social (Sheldon, Ryan, Deci & Kasser, 2004).

1.7. O Modelo dos Múltiplos Níveis da Personalidade no Contexto (Sheldon, Cheng & Hilpert, 2011)

Tendo por base os três sub-níveis da personalidade propostos por McAdams, Sheldon et al. desenvolveu um modelo sobre a organização da personalidade, ao qual adicionou um quarto sub-nível, as necessidades. O autor, propôs uma hierarquia de vários processos que ocorrem a diferentes níveis de análise do ser-humano, que interagem entre si e que influenciam o comportamento e o bem-estar subjectivo. Para propor o modelo MIPC seleccionou os três níveis do topo, a cultura, relações sociais e personalidade, sendo a personalidade constituída por quatro sub-níveis – traços, preocupações pessoais, identidade do self e necessidades universais.

Visto que vários estudos corroboram a universalidade e centralidade da satisfação das três necessidades psicológicas – *Competência, Proximidade e Autonomia* – para o bem-estar subjectivo, é defendido que o sub-nível das necessidades universais medeia o efeito das diferenças individuais, das preocupações pessoais e da identidade do self, tal como o efeito dos níveis superiores das relações sociais e da cultura, no comportamento e no bem-estar (Sheldon et al, 2011; Deci & Ryan, 2011). Os resultados desta investigação confirmaram que os sub-níveis traços, disposições e identidade do

self, e os níveis relações sociais e cultura têm efeitos independentes na predição do bem-estar; que a satisfação das necessidades universais tem efeitos principais e independentes, sendo o sub-nível que mais influencia as diferenças nos níveis superiores da personalidade e no bem-estar. A cultura tem maior influência na satisfação das necessidades do que nos restantes sub-níveis, tendo um efeito significativo na predição do bem-estar quando considerada isoladamente ou com os primeiros três sub-níveis, no entanto, quando adicionado o sub-nível das necessidades, este tem um efeito significativo no bem-estar, independentemente da cultura.

1.8. A Introdução da Dimensão Dialéctica

Ao longo do tempo diversas teorias da personalidade têm dado primazia aos processos psicológicos de *Autodefinição* ou de *Relacionamento Interpessoal*, postulando a dominância de um sobre o outro no desenvolvimento e organização da personalidade. Progressivamente, foram surgindo teorias integrativas que consideraram o desenvolvimento paralelo destes dois processos essenciais. Por exemplo, Deci e Ryan (2000) já introduzem uma perspectiva *dialéctica-organicista*, onde postulam que os processos organicistas naturais (motivação intrínseca, integração das regulações extrínsecas e o movimento de aproximação face ao bem-estar) e a propensão para a integração, que coordena esses mesmos processos, necessita de nutrientes fundamentais, sendo estes, o suporte ambiental na promoção das experiências de *Competência*, *Proximidade* e *Autonomia*. No entanto, Blatt foi o primeiro autor a desenvolver um modelo dialéctico, mais explícito, sobre o desenvolvimento e organização da personalidade, quer em termos das suas variações dentro da normalidade e da patologia.

Para este autor o processo de desenvolvimento psicológico, deve-se a uma interacção dialéctica e sinérgica entre *Relacionamento* e *Autodefinição*. Estas duas necessidades ou polos são fundamentais no desenvolvimento e organização da personalidade, pois o *Relacionamento* promove a formação e aperfeiçoamento da *Autodefinição*, que, por sua vez, facilita a capacidade para estabelecer e manter relações de proximidade maduras. Conceptualmente, este é o modelo que mais se aproxima do MCP, em que se insere a presente investigação, sendo os processos de *Relacionamento* e *Autodefinição* relativamente equivalentes às polaridades das necessidades *Proximidade/Diferenciação*.

O Modelo Epigenético do Desenvolvimento Psicossocial de Erikson (1963) postula que a personalidade se desenvolve ao longo de toda a vida através da realização

de determinadas tarefas psicológicas que se organizam ao longo de oito estádios. Este modelo indicia alguma interação dialética entre *Relacionamento* e *Autodefinição*, no entanto, é visível a centralidade do autor na *Autodefinição*, colocando a dimensão interpessoal em segundo plano, como um processo meramente facilitador da formação da identidade. Deste modo, baseados nas concepções de Sullivan, Blatt e Shchiman (1983), reformularam o modelo introduzindo o estágio *Cooperação-Alienação*, numa posição hierarquicamente intermédia, que se caracteriza pelo desenvolvimento de relações mutuas e recíprocas ao longo da vida. Segundo Blatt e Blass (1996), as duas dimensões supracitadas podem desenvolver-se de forma relativamente independente nos estádios mais precoces, sendo no estágio de formação da identidade que ocorre uma integração e interação mais dialética.

No entanto, apesar do processo dialético e sinérgico, as polaridades *Relacionamento/Autodefinição* são concebidas como forças opostas, o que faz com que a maior parte dos indivíduos tendam a dar prioridade a um dos polos. Esta relativa ênfase numa das dimensões reflecte-se nas variações da personalidade normal, sendo propostas duas configurações primárias – a personalidade analítica que é predominantemente focada nas relações interpessoais, e a personalidade introjectiva que se foca na autodefinição. A partir destas configurações também foi desenvolvida uma teoria da perturbação que postula que as perturbações da personalidade e a sua expressão clínica e mais sintomatológica surgem devido a um *exagero compensatório* dentro dos polos *Relacionamento/Autodefinição* (Blatt, 2008).

Blatt considera como perturbações da personalidade analíticas, a esquizofrenia, depressão, p. borderline, p. dependente e histriónica. As perturbações da personalidade introjectivas são constituídas pela esquizofrenia paranoide, p. paranoide, p. obsessivo-compulsiva, depressão introjectiva e p. narcísica. Ao desenvolver um modelo dimensional, também chama a atenção para as características dos pacientes como principal meio para incidir na mudança estrutural, adaptando a intervenção terapêutica e remetendo para a importância da responsividade no contexto clínico.

2. O Modelo de Complementaridade Paradigmática

Após a revisão de várias teorias que enfatizam a importância da satisfação de determinadas necessidades psicológicas para o bem-estar psicológico e desenvolvimento saudável, cabe agora introduzir o Modelo de Complementaridade Paradigmática. Este é um meta-modelo que propõe a sua teoria da adaptação através da

integração compreensiva das necessidades psicológicas originárias de diferentes correntes teóricas (Vasco & Velho, 2010).

Inspirado nas formulações anteriores, inclui o conceito de necessidades básicas, de polaridades da experiência, de dialética e ainda introduz o conceito de complementaridade, ultrapassando as limitações de alguma teorias, como a de Blatt, que considera os polos *Relacionamento/Autodefinição* como contraditórios. O MCP propõe então que a adaptação, bem-estar e saúde mental dependem da capacidade de regulação da satisfação de catorze necessidades, agrupadas nas seguintes sete polaridades dialéticas (Vasco & Velho, 2010; Vasco, 2013): *Prazer* (Capacidade de experienciar e disfrutar de prazeres físicos e psicológicos) - *Dor* (Capacidade de vivenciar dores inevitáveis, de lhes atribuir significado e diferenciar a dor produtiva da dor improdutiva); *Proximidade* (Capacidade para estabelecer e manter relações de proximidade) - *Diferenciação* (Capacidade para se diferenciar dos outros e se autodeterminar); *Produtividade* (Capacidade de concretizar desafios sentidos como valiosos) – *Lazer* (Capacidade para relaxar e sentir-se confortável com isso); *Controlo* (Capacidade para exercer influência sobre o meio) – *Cooperação* (Capacidade para delegar); *Exploração* (Capacidade de explorar o meio e de abertura à novidade) – *Tranquilidade* (Capacidade para apreciar o que se tem e o que é, no aqui e no agora); *Coerência do Self* (Congruência entre o Self Real e o Self Ideal e congruência entre os pensamentos, sentimentos e comportamentos do próprio) - *Incoerência do Self* (Capacidade para tolerar o conflito e incongruências ocasionais); *Autoestima* (Capacidade para estar satisfeito consigo próprio e de se estimar) – *Autocrítica* (Capacidade para identificar, aceitar e aprender com as insatisfações e erros pessoais).

As necessidades anteriores são definidas como “*estados de desequilíbrio orgânico provocados pela carência ou excesso de determinados nutrientes psicológicos, sinalizados emocionalmente e tendentes a promover acções, internas e/ou externas facilitadoras do restabelecimento desse mesmo equilíbrio*” (Vasco, 2012). As necessidades nunca estão totalmente satisfeitas e o seu grau de satisfação resulta de um processo contínuo de negociação e balanceamento entre as sete polaridades dialéticas, que são vistas como fundamentais e complementares. Ou seja, não existe uma hierarquia como na teoria de Maslow, uma vez que, tal como na CEST e SDT, todas as necessidades são igualmente importantes. Tão mais provável é o bem-estar, quanto mais existirem competências em cada uma das duas polaridades dialéticas, sendo que a capacitação de cada um dos extremos de cada polaridade capacita dialecticamente a

qualidade da outra, havendo assim complementaridade e não contradição entre polos opostos (Vasco, 2013). Portanto, basta a fixação em um dos polos para que as capacidades inerentes ao mesmo não sejam de qualidade ao serem compensatórias da inexistência de competências no polo complementar e, conseqüentemente, promotoras de padrões mal-adaptativos e sintomatologia. Por exemplo, tal como já foi referido por Vasco (2013) face a uma desregulação horizontal entre os polos *proximidade/diferenciação*, competências de *proximidade* sem competências de *diferenciação* resultam num funcionamento dependente, ao passo que, competências de *diferenciação* sem competências de *proximidade* resultam em alienação e sociopatia.

Assim, a teoria da perturbação do MCP postula que a dificuldade na regulação da satisfação das necessidades psicológicas, mediada por dificuldades de regulação emocional e por um funcionamento esquemático não-adaptativo, dá origem ao distress psicológico, sintomatologia e perturbação mental (Faria & Vasco, 2011).

A presente investigação insere-se no MCP e pretende contribuir para a validação da sua teoria da perturbação. A este respeito centrar-se-á nas discrepâncias das polaridades dialécticas e na sua relação com padrões de funcionamento não-adaptativos e com a sintomatologia.

2.1. Discrepâncias e Personalidade

Como já pudemos ver na teoria de Blatt sobre a personalidade, as discrepâncias compensatórias entre as necessidades de *Relacionamento* e *Autodefinição* resultam numa série estilos de funcionamento e perturbações da personalidade. Também Millon e Beck foram autores que partiram de determinadas discrepâncias entre polaridades para explicarem o desenvolvimento de padrões e perturbação da personalidade. Para Vasco (2005), a harmonia do funcionamento psicológico, tendente à satisfação das necessidades, também requer o balanceamento e equilíbrio das polaridades sugeridas por esses dois autores, sendo estas as polaridades *Prazer/Dor*, *Actividade/Passividade* e *Self/Outro* (Millon & Davis, 1996 cit por Millon et al, 2004) e as polaridades *Controle/Espontaneidade*, *Autonomia/Intimidade*, *Vigilância/Serenidade*, *Egoísmo/Partilha*, *Combatividade/Empatia* e *Evitamento/Gregariedade* (Beck, Freeman & Associates, 2004).

Com vista ao desenvolvimento de uma teoria da personalidade integrativa, Millon recuperou vários conceitos de diferentes orientações teóricas, entre estes, as polaridades referidas anteriormente. Na sua concepção, a polaridade *Prazer/Dor* remete

para o reconhecimento de que o comportamento pode ser motivado pelo prazer ou pela necessidade de evitar a dor; a polaridade *Actividade/Passividade* remete para a capacidade de adaptação ao meio, através de comportamentos que vão desde a agência e modificação activa do meio a uma acomodação passiva ao mesmo; a polaridade *Self/Outro* reconhece que o comportamento pode ser mais motivado pelas necessidades individuais ou pela necessidade de cuidar o outro (Millon, Grossman, Millon, Meagher & Ramnath, 2004; Pires, Silva & Ferreira, 2011) Foi a partir destas polaridades que derivou os estilos de personalidade teóricos, verificando-se que um desequilíbrio entre as polaridades podem promover um funcionamento estrutural tendencialmente rígido. A título de exemplo, o padrão depressivo foi derivado das polaridades *Prazer/Dor* e *Actividade/Passividade*, caracterizando-se por uma acomodação passiva ao sofrimento que é percebido como inevitável, que resulta num padrão de pessimismo, desistência e incapacidade para experienciar o prazer (Pires et al, 2011) No fundo, este padrão surgiu das discrepâncias *-Prazer/+Dor* e *-Actividade/+Passividade*.

De igual modo, Beck, et al (2004) sugeriram que os indivíduos com perturbação da personalidade tendem a demonstrar o sub-desenvolvimento e o sobre-desenvolvimento de determinados padrões de comportamento, onde os padrões em défice são geralmente homólogos aos sobre-desenvolvidos. Assim, consideram que o sobre-desenvolvimento de determinadas estratégias podem derivar de uma compensação do autoconceito, que impede o balanceamento entre os polos, e a estratégia que permitiria o equilíbrio não se desenvolve adaptativamente. Por exemplo, a perturbação obsessivo-compulsiva pode ser caracterizada por uma excessiva ênfase no controlo, responsabilidade e sistematização, e um défice na espontaneidade e ludicidade.

Aparte da teoria de Beck, um padrão que se assemelha ao anterior diz respeito ao Estilo de Comportamento Tipo A, originalmente proposto por Friedman et al (1965, cit por Friedman, 1996), no âmbito dos seus estudos sobre as doenças cardiovasculares, e a partir dos quais encontraram uma tendência superior para doença coronária nos pacientes que exibiam o padrão. Para Friedman (1996), este traduzia-se essencialmente em oscilações em termos de hostilidade, em pressa, aflição, impaciência, realização de uma grande quantidade de tarefas e competitividade. Por sua vez, um padrão que se pode tanto associar como desassociar dos anteriores, diz respeito à procrastinação. Alguns estudos têm considerado a procrastinação como sendo precursora do perfeccionismo, no entanto, tem-se também constatado que a procrastinação por si só se constitui como um traço da personalidade que pode ter implicações directas no distress

psicológico (Rice, Richardson & Clark, 2012). Considerando a sua vertente desadaptativa, esta implica sobretudo adiamentos desnecessários ou irracionais, mesmo que exista consciência relativamente às consequências potencialmente negativas, o que se torna promotor de desconforto subjectivo, nomeadamente ansiedade e depressão. De acordo com uma perspectiva motivacional, parece incorporar uma falha na motivação ou volição, que vai crescendo à medida que aumenta o adiamento perante o objectivo de uma actividade não-desejada (Klingsieck, 2013).

Continuando com o raciocínio das polaridades de Beck, resumidamente, as restantes perturbações da personalidade expressam-se a partir das seguintes discrepâncias: +*Procura de ajuda*/-*Autossuficiência* (P.Dependente); +*Autonomia*/-*Intimidade* (P.Passivo-Agressiva e P.Esquizoide); +*Vigilância*/-*Serenidade* (P.Paranoide); +*Egoísmo*/-*Partilha* (P.Narcísica); +*Combatividade*/-*Empatia* (P.Antisocial); +*Evitamento*/-*Gregariedade* (P.Evitante) e +*Expressividade*/-*Controlo* (P.Histriónica).

Também Higgins (1987) propôs a Teoria das Discrepâncias do *Self* que defende a relação entre determinadas discrepâncias do *self* e emoções específicas, ao que subjaz os processos de autorregulação e avaliação do *self*. Para este autor, as representações do *self* são constituídas por duas dimensões cognitivas – os domínios e os pontos de vista do *self*. Brevemente, os domínios dizem respeito ao *Self Real*, ao *Self Ideal* e ao *Self Obrigatório*, enquanto que os pontos de vista do *self* se distinguem entre ponto de vista do próprio em relação ao seu *self* e o ponto de vista do outros, ou seja, a representação que o sujeito tem sobre a forma como os outros vêem o seu *self*.

A partir da combinação das duas dimensões cognitivas podem derivar-se seis instâncias do *self* que têm por função guiar ou orientar a acção. No entanto, nem todos os indivíduos possuem a totalidade desses orientadores, aliás, a internalização de determinados guias do *self* e a existência de discrepâncias entre os mesmos, resulta da natureza das experiências de socialização (Higgins, 1987).

O sujeito é motivado para aproximar o autoconceito do seu guia do *self*, sendo que diferentes discrepâncias se associam a determinados problemas emocionais. Exemplificando, quando existe uma discrepância entre o *Self-real/próprio* e o *Self-ideal/próprio*, os atributos que o sujeito acredita ter não estão de acordo com aqueles que idealmente gostaria de possuir, o que representa a ausência de resultados positivos (não satisfação de desejos e expectativas) e associa-se a uma maior vulnerabilidade para emoções de desânimo (desapontamento, insatisfação e depressão). Quando existe

discrepância entre o *Self-real/próprio* e o *Self-obrigatório/próprio*, os atributos que o sujeito acredita ter não estão de acordo com aqueles que acredita que deveria possuir, o que representa resultados negativos e associa-se a uma maior vulnerabilidade para emoções de agitação (ansiedade, fraqueza, culpa).

Foram realizados vários estudos sobre as discrepâncias do *self*, que partiram da teoria de Higgins. Um deles foi realizado por Kinderman e Bentall (1996) que conduziram uma investigação sobre indivíduos com ideação paranoide e verificaram que, contrariamente aos indivíduos com depressão, nesta população existia consistência entre o ponto de vista dos próprios e os guias do *self*. No entanto, existiam discrepâncias entre o ponto de vista dos próprios, que era descrito com atributos positivos, e o ponto de vista que tinham sobre a percepção dos outros em relação ao seu *self*, que era descrito com atributos negativos. Estes indivíduos não toleram a incoerência entre o *Self Real* e os padrões orientadores tipicamente bastante elevados, e de modo a reduzirem essas discrepâncias, atribuem as experiências que as confirmam aos outros, com o objectivo de protegerem a visão positiva dos próprios e do *Self Real*. Este estudo veio reforçar a ideia de que os delírios persecutórios são produto de processos atribucionais externos que servem para manter um autoconceito que no fundo é implicitamente negativo, num autoconceito explicitamente positivo. Um conceito de natureza muito mais psicanalítica, e que se enquadra nas discrepâncias do *self* de uma forma holística, é a “*Armadura Caracterial*” de Reich (1933, cit por Lawrence, 1991) que se caracteriza por uma activação automática e crónica das defesas do *self*, onde a repressão cumpre a função de manter o *self* coerente. Estas defesas do carácter são difíceis de erradicar devido à sua forte racionalização e integração no autoconceito.

Já Parker, Boldero & Bell (2006), dedicaram-se ao estudo da Perturbação da Personalidade Borderline e verificaram que discrepâncias entre o *Self Real*, o *Self Ideal* e o *Self Obrigatório* prediziam directamente a presença de perturbação Borderline, tendo a complexidade do *self* um efeito mediador na discrepância *Self Real/Self Ideal*. Puderam também concluir que quanto maior a magnitude das discrepâncias, maior a probabilidade de co-morbilidade com perturbações emocionais, depressão e ansiedade.

Os indivíduos com perturbação borderline são incapazes de desenvolver um sentido de *Self* claro e coerente e, em muitos casos, a impulsividade e os comportamentos de risco podem manifestar-se na busca pela excitação, de modo a compensar a sensação de vazio e de identidade difusa. Esta expressão assemelha-se ao estilo “*Sensation Seeking*”, em que indivíduos com dificuldades de regulação

emocional e uma baixa sensação de agência, tendem a procurar elevados níveis de excitação sensorial, através de actividades de alto risco, de forma a demonstrarem a sua agência e regulação emocional compensatoriamente (Parker et al., 2006; Barlow, Woodman & Hardy, 2013).

Brandão e Vasco (2005), através da aplicação do Inventário Multiaxial de Millon nas versões *Eu Real*, *Eu Ideal* e *Eu Obrigatório*, e ao fazerem uma comparação entre população clínica e não-clínica, propõem que os orientadores do *self* podem conduzir tanto à perturbação – na presença de grandes discrepâncias – como à adaptação – dadas pequenas discrepâncias e um esforço de autorregulação bem-sucedido. Neste sentido, o estudo revelou que na população não-clínica, os orientadores eram baixos nas escalas evitante, passivo-agressiva, negativista e borderline, o que motiva os sujeitos a manterem esses traços baixos, por outro lado, elevações nos orientadores da escala narcísica fomentam o narcisismo saudável. Na população clínica, discrepâncias não-significativas nas escalas narcísica, histriónica, agressivo-sádica, antissocial e compulsiva, parecem manter o narcisismo, a perseverança e a preocupação com tarefas. Já em casos clínicos com um baixo autoconceito e perturbação da personalidade, o mecanismo de aproximação dos guias ao autoconceito poderá reforçar e manter padrões de funcionamento não-adaptativos.

Também Ferreira e Vasco (2013), à luz do MCP, realizaram um estudo que incidiu particularmente nas discrepâncias do *self* e da sua relação com o bem-estar, distress e sintomatologia. Nos estudos sobre necessidades, a *coerência* tem sido proposta unicamente como uma necessidade ou como um princípio subjacente à satisfação das necessidades (Epstein, 1993; Deci & Ryan, 2000; Grawe, 2004). No entanto, é também a capacidade de tolerar incoerências ocasionais que permite ao *self* experienciar coerência (Rodrigues & Vasco, 2010). Neste sentido, os resultados foram, em parte, ao encontro da teoria de Higgins, sendo possível encontrar algumas relações diferenciais entre o contributo das discrepâncias em várias formas de sintomatologia. Foi também ao encontro dos resultados de Brandão e Vasco (2005) e Parker et al (2006), em que a magnitude das discrepâncias entre o autoconceito e os orientadores do *self* tendem a ser mais acentuadas nos indivíduos com perturbação. Por fim, informa também sobre o contributo de outras discrepâncias de necessidades, em simultaneidade com as discrepâncias do *self*. Os resultados desta investigação serão mais desenvolvidos na secção 2.2 que é dedicada exclusivamente à relação das discrepâncias com a sintomatologia. No entanto, já é visível o contributo desta investigação na persecução

do estudos que têm vindo a ser realizados sobre a discrepâncias do *self* e das suas implicações nos padrões de personalidade mal-adaptativos.

3. Os Conceitos de Bem-estar Distress e Sintomatologia

Apesar desta investigação se direccionar para a sintomatologia, faz sentido fazer uma breve referência aos conceitos de bem-estar e distress, antes de aprofundar o conceito de sintomatologia, uma vez que todos eles já foram referidos ao longo do texto e todos se relacionam, embora sejam relativamente independentes.

Como já tem sido referido, a regulação da satisfação das necessidades psicológicas tem estado fortemente relacionada com o bem-estar e saúde mental. Na definição mais recente de saúde mental (OMS, 2005), esta traduz-se num estado de bem-estar onde está implícita a autoconsciência, a sensação de agência e a capacidade de coping na interação entre o *self* e o meio. Na essência, é esta dinâmica entre o *self* e o meio e o modo como estes permitem regular, ou não, a satisfação das necessidades, que promove a experiência de bem-estar, distress e sintomatologia.

O bem-estar não se restringe à ausência de perturbação ou sintomatologia, e, do mesmo modo, o distress também não pode ser reduzido à presença dessas variações. O distress diz respeito à experiência subjectiva de sofrimento psicológico e pode ser avaliado tanto na população clínica, como não-clínica, uma vez que na primeira pode expressar-se como uma reacção normativa a determinado evento stressante (ex., morte de um familiar) gerador de sofrimento e mal-estar, e na segunda, pode expressar-se através da persistência desproporcional de sofrimento psicológico face ao desencadeador. O distress pode ser avaliado indirectamente através da expressão e relato de sintomatologia, existindo alguns estudos que identificam os sintomas depressivos e de ansiedade como os mais característicos do distress (Lahtinen, Lehtinen, Rilkonen & Ahonen, 1999; Veit & Ware, 1983).

Enquanto o distress não implica necessariamente a presença de sintomatologia e de perturbação, esta última não existe na ausência de sintomas. De acordo com a concepção moderna de perturbação mental, esta é conceptualizada como uma “síndrome ou padrão comportamental ou psicológico clinicamente significativo que se manifesta numa pessoa e que está associado com mal-estar actual (sintoma doloroso) ou incapacidade (impedimento de funcionar em uma ou mais áreas importantes) ou ainda com o aumento significativo do risco de se verificar morte, dor, debilitação ou uma perda importante de liberdade (American Psychiatric Association, 1994, cit por

Gleitman et al., 2009). As perturbações mentais são descritas como desvios do funcionamento psicológico normal e designam-se de mentais porque os principais sintomas são de carácter psicogénico. Ou seja, embora não invalidem que as perturbações tenham alguma origem orgânica, dependente do sistema nervoso, consideram que a sua explicação reside principalmente no nível psicológico, em termos de atitudes, crenças, memórias e expectativas dos sujeitos (Gleitman, et al., 2009). Esta explicação torna-se muito importante para determinar a natureza da intervenção com base na dominância biológica ou psicológica da própria perturbação. Por exemplo, a perturbação bipolar é acima de tudo designada como uma perturbação mental, no entanto, a sua natureza orgânica está inequivocamente presente e determina uma grande parte da desregulação subjacente a esta perturbação, recomendando-se a complementaridade entre uma intervenção médica e psicoterapêutica (Miklowitz, 2008).

O diagnóstico de perturbação mental também tem gerado alguma discussão ao longo do tempo, nomeadamente, entre o modelo categorial que implica um corte entre o funcionamento normal e o funcionamento patológico, e o modelo dimensional que vê a normalidade e a patologia num contínuo. No modelo categorial a sintomatologia é considerada quantitativamente, como presente ou ausente, sendo necessário um determinado número de sintomas para determinar o diagnóstico e severidade da perturbação. No modelo dimensional os sintomas são considerados como variações qualitativamente diferentes da norma, sendo dada mais relevância ao sujeito. Este tipo de discussão permanece até ao presente, no entanto, o que parece mais viável é a integração destas duas perspectivas, visto que existem sintomas associados a perturbações da personalidade e a perturbações clínicas que podem facilmente ser compreendidos num contínuo (ex., retraimento social característico da perturbação de personalidade esquizoide), enquanto outros sintomas dificilmente se compreendem dimensionalmente (ex., tentativas de suicídio e automutilações) (Rijo, 2000).

Apesar da perturbação psicológica implicar necessariamente a presença de sintomatologia, esta pode surgir na ausência de perturbação, e, tal como o distress, ser avaliada na população geral, que, provavelmente, representará a maioria da amostra desta investigação. Assim, esta variável não se torna importante apenas para o diagnóstico de perturbação mas também para a tomada de decisão clínica em termos da natureza da intervenção psicológica, que pode, por exemplo, consistir numa terapia breve e mais dirigida ao alívio sintomático, dada a inexistência de perturbação.

Como já foi referido anteriormente, a teoria da perturbação do MCP sugere que a sintomatologia deriva das dificuldades de regulação da satisfação das necessidades psicológicas, que se reflectem numa incapacidade de balanceamento contínuo entre os polos que são vistos como complementares. Têm sido realizadas várias investigações que têm permitido validar a teoria da perturbação do modelo, sendo algumas destas dirigidas às discrepâncias nas polaridades dialécticas e na sua relação com a sintomatologia. Como o presente trabalho se centra nessa temática, em seguida serão revistas as principais conclusões retiradas desses estudos.

3.1. Discrepâncias e Relação com a Sintomatologia

Embora não exista uma hierarquia explícita, alguns estudos têm demonstrado que algumas das necessidades têm um maior valor preditivo relativamente ao bem-estar, distress e sintomatologia. Em relação à sintomatologia, avaliada pelo BSI, as necessidades que individualmente sobressaíram foram as de *Proximidade, Tranquilidade, Incoerência e Autoestima*, respectivamente (Sol & Vasco, 2012; Vasco, 2013). Em termos de polaridades destacaram-se *Proximidade/Diferenciação, Coerência/Incoerência e Autoestima/Autocrítica* (Sol & Vasco, 2012).

O estudo de Gonçalo & Vasco (2013), confirmou que as polaridades mais preditoras de sintomatologia, avaliada pelo BSI, foram *Proximidade/Diferenciação, Coerência/Incoerência e Produtividade/Lazer*, enquanto que com o CORE-OM, foram *Coerência/Incoerência, Exploração/Tranquilidade, Produtividade/Lazer, Prazer/Dor e Autoestima/Autocrítica*.

No que diz respeito às correlações das polaridades com as dimensões sintomatológicas, do BSI, a dimensão depressão tem sido a mais correlacionada com todas as polaridades, seguindo-se de sensibilidade interpessoal e psicoticismo, sendo as dimensões somatização e ansiedade fóbica as menos correlacionadas. Quanto às polaridades destacaram-se *Proximidade/Diferenciação*, que apresentou maior correlação com as dimensões depressão, psicoticismo, ideação paranoide e ansiedade fóbica; as polaridades *Autoestima/Autocrítica* que se correlacionaram mais com as dimensões sensibilidade interpessoal e ansiedade. Já a polaridade *Prazer/Dor* foi a que menos se correlacionou com o maior número de dimensões (Sol & Vasco, 2012).

Especificamente em relação ao estudo das discrepâncias e da sua relação com a sintomatologia, os resultados também têm sido consistentes ao longo do tempo. Regra geral, tanto em indivíduos perturbados como não perturbados, a seguir à desregulação

de ambas as necessidades integrantes de cada polaridade, as discrepâncias nas polaridades foram as que apresentaram os maiores níveis de sintomatologia, avaliada pelo BSI. Embora não significativos em termos estatísticos, verificaram-se algumas exceções nas discrepâncias *-Exploração/+Tranquilidade*, *+Prazer/-Dor* e *+Autoestima/-Autocrítica*, visto que contribuíram com menores níveis de sintomatologia (Conde & Vasco, 2012; Sol & Vasco, 2012).

No BSI, as discrepâncias *-Exploração/+Tranquilidade* evidenciaram menor sintomatologia no grupo não-perturbado. Já quando avaliada pelo CORE-OM, a discrepância *+Prazer/-Dor* foi a que apresentou menores níveis de sintomatologia no grupo não-perturbado, no entanto, no grupo com perturbação foi a discrepância *-Prazer/+Dor* que assumiu o maior nível de sintomatologia, quando avaliada pelo BSI. As discrepâncias *+Autoestima/-Autocrítica*, assumiram o menor nível de sintomatologia nos indivíduos com perturbação, quando avaliadas pelo CORE-OM, no entanto, quando avaliada pelo BSI foi ao encontro do esperado, ou seja, menores níveis de sintomatologia na regulação de ambas as polaridades (Sol & Vasco, 2012/2013).

Tem-se também verificado que a sintomatologia parece ser mais determinada por algumas discrepâncias do que por outras, sendo estas: *-Proximidade/+Diferenciação*; *-Produtividade/+Lazer*; *-Coerência/+Incoerência*; *+Controlo/-Cooperação*; *+Exploração/-Tranquilidade*; *-Prazer/+Dor*; *-Autoestima/+Autocrítica*, ao contrário das discrepâncias opostas que revelam níveis inferiores de sintomatologia (Sol & Vasco, 2012).

Romão e Vasco (2013) replicaram os resultados de Sol e Vasco (2012), revelando-se as polaridades *Coerência/Incoerência* e a necessidade de *Incoerência*, como as mais preditoras de sintomatologia, e as discrepâncias *-Coerência/+Incoerência* e *-Autoestima/+Autocrítica* com os maiores níveis de sintomatologia. Assim, tendencialmente, os maiores níveis de sintomatologia relacionam-se com a desregulação das necessidades de ambas as polaridades e com as discrepâncias onde existem baixos graus de regulação na primeira polaridade e uma regulação de pouca qualidade na polaridade complementar.

Foram também realizadas correlações entre as discrepâncias nas polaridades, verificando-se correlações positivas moderadas e significativas entre as discrepâncias *Prazer/Dor* e *Exploração/Tranquilidade*, *Controlo/Cooperação* e *Exploração/Tranquilidade* e *Coerência/Incoerência* e *Autoestima/Autocrítica*. As discrepâncias que mais explicaram a variância do CORE-OM foram

Autoestima/Autocrítica, *Coerência/Incoerência* e *Controlo/Cooperação*, e para o BSI, as discrepâncias de *Autoestima/Autocrítica* e *Controlo/Cooperação*, tendo a discrepância +*Coerência/-Incoerência* os menores níveis de sintomatologia.

As discrepâncias nas polaridades conseguiram explicar uma maior percentagem nas variações na regulação da satisfação das necessidades psicológicas, com excepção das discrepâncias nas polaridades *Exploração/Tranquilidade*. Relativamente à comparação de grupos com perturbação e sem perturbação, verificou-se que os primeiros tinham valores mais elevados de discrepâncias em *Proximidade/Diferenciação*, *Controlo/Cooperação*, *Coerência/Incoerência* e *Autoestima/Autocrítica*.

Ferreira e Vasco (2013), no estudo sobre as discrepâncias do *self* e da sua relação com o bem-estar, distress e sintomatologia também revelaram resultados consistentes com os já mencionados. Verificaram correlações significativas entre as discrepâncias *Eu Real/Eu Ideal* e *Eu Real/Eu Obrigatório* e todas as subescalas de sintomatologia, com excepção da subescala sintomas físicos, o que está de acordo com a presença de distress emocional. Diferencialmente, a discrepância *Eu Real/Eu Ideal* contribuiu unicamente para as subescalas depressão, sensibilidade interpessoal e ansiedade, sendo a mais explicativa da variância na subescala queixas e sintomas. A discrepância *Eu Real/Eu Obrigatório*, embora não tenha contribuído de forma única, também explicou a variância da subescala ansiedade, contribuindo de forma única para a explicação da variância nas subescalas psicoticismo, hostilidade, ideação paranoide e ansiedade fóbica (Ferreira & Vasco, 2013).

Uma comparação entre indivíduos perturbados e não perturbados também demonstrou que os primeiros apresentavam mais discrepâncias *Real/Ideal* e *Real/Obrigatório* do que o segundo grupo. Verificou-se também que quanto mais elevadas as discrepâncias do *self*, e unicamente a *discrepância Real/Obrigatório*, menor era a regulação da satisfação das necessidades, podendo essa regulação também predizer ambas as discrepâncias do *self* (Ferreira & Vasco, 2013).

Relativamente às relações entre as discrepâncias do *self* e as discrepâncias nas restantes polaridades das necessidades, verificou-se que quando aumentam as discrepâncias *Real/Ideal*, aumentam também as discrepâncias *Exploração/Tranquilidade* e *Autoestima/Autocrítica*. O mesmo acontece quando aumentam as discrepâncias *Real/Obrigatório*, adicionando-se às discrepâncias anteriores o aumento da discrepância *Controlo/Cooperação*. Noutra análise, foram as

discrepâncias *Autoestima/Autocrítica* e *Coerência/Incoerência* que, maioritariamente, e em simultâneo com as discrepâncias do *self*, mais permitiram predizer o bem-estar o distress e a sintomatologia (Ferreira & Vasco, 2013).

Em função dos resultados mencionados anteriormente parece existir uma certa dominância de algumas necessidades sobre as outras, no que diz respeito às implicações da sua satisfação ou não satisfação, para o indivíduo. Esta constatação obtém apoio teórico e empírico mencionado na revisão bibliográfica, como por exemplo na SDT e nas polaridades de Blatt que dão relevância à satisfação das necessidades de *Proximidade* e *Autonomia*; no estudo empírico de Sheldon que para além das necessidades da SDT propõe a necessidade de *Autoestima* como sendo fundamental, e que é igualmente apoiada pela teoria de Maslow e Grawe. A necessidade de *Coerência* também tem recebido algum destaque na generalidade das teorias, nomeadamente na teoria de Grawe onde é considerada como o princípio fundamental do funcionamento mental adaptado.

Por outro lado, tem-se verificado que a necessidade de *Tranquilidade* também tem obtido destaque para além das necessidades mais presentes na literatura, uma vez que apresentou o maior contributo relativo específico para a variância total do CORE-OM e o segundo no BSI. Entre os indivíduos com perturbação também houve um menor nível de sintomatologia perante a presença das discrepâncias - *Exploração/+Tranquilidade*, comparativamente à regulação de ambas as polaridades (Sol & Vasco, 2012). Isto demonstra a importância de continuar a investigar a necessidade psicológica de *Tranquilidade*, que foi essencialmente proposta pelo MCP.

4. As Implicações dos Perfis de Discrepâncias para a Psicoterapia

Enquanto teoria da intervenção, o MCP sugere uma abordagem integrativa em termos psicoterapêuticos, centrada na pessoa e que dê primazia às características traço/estado dos pacientes como o principal critério de tomada de decisão terapêutica. As discrepâncias em determinadas polaridades dialécticas enquanto representativas de determinado perfil de funcionamento mal-adaptativo e sintomatologia, fornecem informação sobre as características estruturais dos pacientes.

Como temos visto, parecem existir discrepâncias mais determinantes para o bem-estar, distress e sintomatologia, sendo que a sua presença poderá ser importante para determinar o grau de severidade dos problemas psicológicos e para explicar de forma integrativa a presença de outras discrepâncias, o que permitirá guiar a

responsividade da intervenção. Ou seja, a interpretação integrativa dos perfis de discrepâncias permitirá traçar um perfil maioritariamente explicativo do funcionamento de cada paciente.

Os vários objectivos estratégicos ao longo da terapia visam a promoção do aumento de consciência acerca das necessidades em conflito, aumentando a consciência sobre a agência do indivíduo na regulação e na desregulação das suas necessidades, através do contacto com o sistema emocional e com os esquemas mal-adaptativos, ao longo de uma sequência de sete fases do processo terapêutico (Vasco, 2004; Vasco, 2005). Mas mais do que isso, a psicoterapia deverá constituir uma experiência de desenvolvimento pessoal e aumentar o nível de satisfação com a vida, não se cingindo ao alívio do sofrimento relatado pelos pacientes.

Assim, o estudo dos perfis das discrepâncias na população portuguesa, torna-se uma problemática de investigação inovadora, que contribuirá para uma compreensão mais válida e abrangente do funcionamento psicológico, tendo um efeito facilitador na adequação da intervenção a esse mesmo funcionamento, ajudando a promover o processo de balanceamento contínuo entre os polos de necessidades, o bem-estar psicológico e o nível geral de satisfação com a vida.

Metodologia

1. A Construção da Escala de Perfis de Discrepâncias das Necessidades

Com base na revisão de literatura sobre a centralidade das necessidades psicológicas no desenvolvimento e organização da personalidade, nos estudos das discrepâncias propostas por alguns autores enquanto promotoras do desenvolvimento de padrões de funcionamento rígidos, na definição das necessidades propostas pelo MCP, e nas investigações realizadas sobre a discrepâncias das necessidades propostas pelo mesmo modelo, decidiu-se construir uma escala que permitisse avaliar estilos de funcionamento tendencialmente representativos de determinadas discrepâncias de necessidades. Este instrumento de avaliação designa-se por Escala de Perfis de Discrepâncias das Necessidades (EPDN) e a definição dos estilos que a constituem, tal como o MCP nos tem vindo a habitar, resultou de uma síntese integrativa de várias teorias e conceitos já desenvolvidos no enquadramento teórico.

A construção dos perfis de discrepâncias regeu-se sempre pela regra de que enquanto na polaridade de uma necessidade possam existir capacidades, essas serão de baixa qualidade e compensatórias, devido à deficiente capacitação do polo complementar. Importa ainda sublinhar que a descrição dos perfis opta pela diferenciação, centrando-se num padrão de funcionamento que se considera ser mais característico daquela discrepância, no entanto, isso não invalida o contributo de várias discrepâncias para a formação do mesmo perfil. Por exemplo, na ausência de competências de *prazer* e inadequadas competências de vivenciar a *dor*, muito provavelmente, também não existirão competências de *autoestima*, sendo as capacidades de *autocrítica* inadequadas e compensatórias. Mais especificamente, na discrepância *-Prazer/+Dor*, a Dor tem um significado diferente da Dor conceptualizada por Millon, porque implica a capacidade adaptativa para vivenciar a dor. No entanto, a ausência de capacidades para viver experiências prazerosas, a nível físico e psicológico, impedem que se vivencie a dor produtivamente, ou seja, esta dor torna-se improdutiva e persistente.

Assim, este padrão assemelha-se ao padrão depressivo proposto por Millon que foi derivado das discrepâncias, *-Prazer/+Dor* e *-Actividade/+Passividade*, que se caracteriza por uma acomodação passiva ao sofrimento que é percebido como inevitável, resultando num padrão de pessimismo, desistência e incapacidade para experienciar o prazer (Pires et al., 2011). O pessimismo, a autodepreciação, desistência e culpabilização também são expressões muito características da incapacidade de satisfação com o próprio e da inadequada aceitação das insatisfações pessoais. No fundo são a totalidade das discrepâncias que permitem formar o perfil geral do funcionamento estrutural dos indivíduos.

A discrepância *-Prazer/+Dor* já foi relativamente definida e fundamentada, de modo a ilustrar o exemplo da complementaridade das discrepâncias na formação dos perfis. Em seguida continuaremos com uma explicação teórica relativa à construção dos restantes perfis de discrepâncias, no entanto, a definição íntegra de todos os perfis encontra-se no Anexo B.

A discrepância *+Prazer/-Dor* torna-se representativa de um funcionamento que maximiza o prazer com o objectivo de anestesiar a dor, ou seja, de não permitir a sua vivência. Este funcionamento aproxima-se muito da personalidade histriónica proposta por Millon, onde pode também existir uma tendência para a greguaria e busca de atenção, visto que essas são fontes de prazer inibidoras da dor (Millon et al., 2004).

A discrepância *+Proximidade/-Diferenciação* centra-se numa inadequada capacidade para estabelecer relações de proximidade devido às dificuldades de diferenciação e auto-determinação em relação aos outros. Tal como em Blatt (2008), caracteriza-se por uma preocupação em estabelecer relações interpessoais compensatória da negligência na autodefinição, o que configura um funcionamento analítico onde se podem expressar padrões de dependência, depressivos, histriónicos, etc. Neste caso, optamos por um funcionamento maioritariamente dependente, caracterizado por uma falta de iniciativa, de autonomia e autoconfiança, onde de forma a evitar o abandono opta-se pela passividade, submissão e conformismo perante os outros. Millon, deriva o padrão dependente essencialmente das discrepâncias *-Eu/+Outro* e *-Activo/+Passivo*. Também Beck na descrição da personalidade dependente destaca o sobredesenvolvimento de comportamentos de procura de ajuda, de apego, e o subdesenvolvimento de comportamentos de autossuficiência (Beck et al., 2004; Millon et al., 2004).

A discrepância *-Proximidade/+Diferenciação* cai no espectro esquizo-evitante, onde as capacidades de diferenciação e autodeterminação se tornam inadequadas devido à incapacidade de estabelecer e manter relações de proximidade. Este perfil liga-se à configuração introjectiva da personalidade proposta por Blatt, onde existe então o foco na autodefinição e na luta pela autonomia e diferenciação. Na descrição das personalidades evitante e esquizoide, Beck et al., (2004), destaca também o sobredesenvolvimento de estratégias de autonomia, isolamento, evitamento e inibição e o subdesenvolvimento de estratégias de intimidade, reciprocidade, auto-asserção e gregariedade. Também o protótipo esquizotípico proposto por Millon, retrata os padrões da personalidade evitante e esquizoide, embora de um modo muito mais disfuncional (Rute et al., 2011).

Na Discrepância *+Produtividade/-Lazer* a capacidade de concretizar desafios é inadequada face à incapacidade de relaxar. Esta foi definida pela conjugação do estilo obsessivo-compulsivo, que na revisão de literatura é encontrado na personalidade introjectiva de Blatt e nas discrepâncias de Beck, onde nas últimas é caracterizado pelo sobredesenvolvimento de estratégias de responsabilidade e o subdesenvolvimento de estratégias de ludicidade. Considerámos também o estilo de Comportamento Tipo A, onde a realização de uma grande quantidade de tarefas e a competitividade são um dos cerne deste funcionamento (Beck et al., 2004; Blatt, 2008; Friedman, 1996).

Na discrepância *-Produtividade/+Lazer* a capacidade de relaxar e de se sentir confortável não é de qualidade por ser compensatória de uma incapacidade de realizar ações ou desafios. Aqui, baseámo-nos sobretudo num padrão tendencialmente procrastinador e ocioso, onde existe uma inatividade e lentificação geral (Klingsieck, 2013; Rice et al., 2012).

Da discrepância *+Controlo/-Cooperação*, onde as capacidades de influenciar o meio são inadequadas e compensatórias da incompetência para delegar, deriva uma tendência para um padrão obsessivo-compulsivo, mas desta vez aliado a um padrão agressivo-sádico. O estilo obsessivo-compulsivo, é também caracterizado por Beck pelo sobredesenvolvimento de estratégias de controlo e o subdesenvolvimento de estratégias de espontaneidade, o que é muito característico da discrepância na presente polaridade. Para Millon, o estilo agressivo-sádico, derivado de *+Prazer/-Dor* e *+Actividade/-Passividade*, é expresso em indivíduos controladores, abusivos, que gostam de mostrar que têm o domínio e que sentem prazer em humilhar os outros (Craig, 2008).

Na discrepância *-Controlo/+Cooperação*, onde a inadequação das capacidades e a compensação se invertem face à discrepância anterior, o funcionamento mais característico diz respeito a um padrão passivo-agressivo e autoderrotista. De acordo com Millon, o padrão autoderrotista remete para comportamentos de autossacrifício e martirização, tal como, para a submissão face aos outros e a tendência para a inferiorização nas relações, deixando que os outros tirem vantagem. Já o padrão passivo-agressivo remete para a falta de controlo percebido e por uma ambivalência entre a obediência e a oposição, que pode gerar conflitos interpessoais (Craig, 2008). Para Beck encontram-se sobredesenvolvidas estratégias de autonomia, resistência, passividade e sabotagem, e subdesenvolvidas as competências de intimidade, assertividade, actividade e cooperação (Beck et al., 2004).

Na discrepância *+Exploração/-Tranquilidade*, a capacidade de exposição a novos ambientes não é de qualidade e compensa a incapacidade de apreciar o presente. Aqui, destacamos de novo o estilo de Comportamento Tipo A e considerámos também os estilos borderline e “Sensation Seeking”, já caracterizados na revisão, e que muito brevemente, remetem para a impulsividade e necessidade constante de estimulação (Barlow et al., 2013; Friedman, 1996; Parker et al., 2006).

Na discrepância *-Exploração/+Tranquilidade*, a capacidade de apreciar o que se tem na vida e o que se é, no aqui e no agora, é inadequada devido à incapacidade de exposição à novidade. Nesta discrepância considerámos um registo de tranquilidade

apática, de acomodação passiva e de resignação. Estes são registos que se podem encontrar sobretudo no padrão depressivo, que Millon também derivou das discrepâncias *-Actividade/+Passividade*. Podemos também rever algumas destas características num padrão dependente, onde por exemplo, Beck caracteriza pelo subdesenvolvimento de estratégias de mobilidade. Contudo, quando construímos esta discrepância não nos centrámos especificamente nestes padrões como sendo totalmente representativos desta discrepância, mas optámos por integrar características que segundo o nosso entendimento se assemelham ao funcionamento promovido pela discrepância (Beck et al., 2004; Millon et al., 2004).

Na concepção da discrepância *+Coerência/-Incoerência*, a capacidade de experienciar congruência entre *Self Real* e *Self Ideal*, e entre pensamentos, sentimentos e comportamentos não é de qualidade, por ser compensatória de uma incapacidade de tolerar conflitos e incongruências ocasionais. Baseamo-nos mais especificamente nos estudos de Kinderman e Bentall (1996), na população com ideação paranoide, e nos estudos de Reich (1933, cit por Lawrence, 1991) sobre a “armadura caracterial”, que remetem para as defesas do *self*, como sendo mais características desta discrepância.

Na discrepância *-Coerência/+Incoerência*, a competência inadequada para tolerar incongruências ocasionais é compensatória da ausência da experiência de congruência entre os *selves* e entre os sentimentos, pensamentos e ações. Para caracterizar-mos o perfil baseamo-nos sobretudo nos estudos de Higgins (1987) e nos resultados revelados pela investigação de Ferreira e Vasco (2013), que evidenciaram alguma relação diferencial entre as discrepâncias e diferentes problemas psicológicos, nomeadamente a presença de depressão e ansiedade. Adicionalmente, considerámos também o estudo realizado por Parker et al (2006), relativamente à presença de discrepâncias em indivíduos com perturbação borderline.

Na discrepância *+Autoestima/-Autocrítica*, a capacidade de autossatisfação não é de qualidade devido à incompetência para identificar insatisfações pessoais. Assim, considerámos o estilo antissocial, que Millon derivou das discrepâncias *+Self/-Outro* e *-Actividade/+Passividade*, e o estilo Narcísico derivado das discrepâncias *+Self/-Outros* e *+Actividade/-Passividade*. Beck caracteriza o estilo antissocial pelo sobredesenvolvimento de estratégias de combatividade, exploração e predação e o subdesenvolvimento de empatia, reciprocidade e sensibilidade social. Já o estilo Narcísico pelo sobredesenvolvimento de estratégias de engrandecimento pessoal e

competitividade e o subdesenvolvimento de estratégias de partilha e de identificação grupal (Millon, et al., 2004; Beck et al., 2004).

Por fim a discrepância *-Autoestima/+Autocrítica*, tal como já foi explicado no início desta secção, também é representativa de um padrão de funcionamento depressivo, que eventualmente pode complementar a discrepância *-Prazer/+Dor* na formação de um perfil integrativo, tal como pode acontecer com outras das discrepâncias que já foram igualmente caracterizadas.

2. Objectivos e Hipóteses

Após a contextualização sobre a construção da EPDN, os principais objectivos desta investigação são:

- 1 - Avaliar as qualidades psicométricas da EPDN e compreender as inter-relações referentes aos catorze perfis de discrepâncias de necessidades psicológicas;
- 2 - Estudar a relação entre os perfis e a capacidade de regulação da satisfação das necessidades psicológicas;
- 3 – Estudar a relação entre os perfis e a sintomatologia;
- 4 - Compreender o valor preditivo da ERSN-57 Global e da EPDN Global em relação à sintomatologia e estudar qual o melhor modelo, de cada uma das variáveis, para a explicação da variância da sintomatologia;
- 5 - Comparar grupos de indivíduos “com perturbação” e “sem perturbação” relativamente aos níveis médios da EPDN Global e dos catorze perfis de discrepâncias, e analisar quais os perfis que mais contribuem para a intensidade da perturbação;
- 6 – Comparar o nível geral dos perfis de discrepâncias e a capacidade geral de regulação da satisfação das necessidades psicológicas relativamente à sintomatologia;
- 7 - Comparar os níveis médios de cada perfil de discrepâncias em relação aos diferentes níveis de regulação nas polaridades de necessidades psicológicas.

Relativamente às hipóteses, espera-se que:

- H1 - Os perfis de discrepâncias se relacionem positivamente entre si contribuindo para a formação de um perfil integrativo;
- H2 - Os perfis de discrepâncias se relacionem negativamente com a capacidade de regulação da satisfação das necessidades;
- H3 – Os perfis de discrepâncias se relacionem positivamente com as dimensões de sintomatologia.

H4 – A EPDN tenha um contributo superior ao da ERSN-57 para a explicação da variância da sintomatologia.

H5 - Indivíduos com perturbação apresentem valores mais elevados nos perfis de discrepâncias do que os indivíduos sem perturbação;

H6 - Elevados níveis de discrepância geral e baixos níveis de regulação da satisfação das necessidades geral contribuam para maiores níveis de sintomatologia, enquanto que baixos níveis de discrepância geral e elevados níveis de regulação da satisfação das necessidades geral contribuam para menores níveis de sintomatologia.

H7 – Os maiores níveis médios de perfis estejam presentes nos indivíduos com ausência de competências nos dois polos de necessidades, seguindo-se pelos indivíduos com discrepâncias, ou seja, com competências em um dos polos e ausência de competências no polo complementar, verificando-se uma correspondência entre o perfil de discrepância e a discrepância na respectiva polaridade. Espera-se também que os menores níveis dos perfis estejam presentes nos indivíduos capacitados nos dois polos de necessidades.

3. Procedimento e Participantes

Para a realização deste estudo foi criada uma plataforma online (Qualtrics), que esteve disponível no período de Maio a Julho, de 2014. Como a amostra foi comum a quatro investigações, na plataforma, foram inseridos sete instrumentos: ERSN-57 (Vasco, Bernardo, Cadilha, Calinas, Conde, Ferreira, Fonseca, Guerreiro, Rodrigues, Romão, Rucha, Silva & Vargues-Conceição, 2011/2012/2013 – Anexo A), EPRSN (Vasco, Barcelos, Carolino, Lopes & Várzea, 2014), EPDN (Vasco, Barcelos, Carolino, Lopes & Várzea, 2014 – Anexo B), PIL (Vasco & Várzea, 2014), MLQ (Vasco & Várzea, 2014), BSI (Canavarro, 1995 – Anexo C) e ISM (Duarte-Silva & Novo, 2002).

A constituição da amostra regeu-se pelo critério de conveniência, em que os participantes teriam de preencher as seguintes condições: Ter idade igual ou superior a 18 anos; ter no mínimo o 9º ano de escolaridade ou equivalente; e ter o português como língua materna. Em termos de caracterização da amostra, os participantes tinham de preencher os seguintes dados: sexo, idade, habilitações literárias (9º ano ou equivalente, 12º ano ou equivalente, bacharelato, licenciatura, mestrado, doutoramento) e se estavam, no presente, a ter acompanhamento, psicológico, psicoterapêutico ou psiquiátrico. A participação na investigação foi voluntária, sendo, inicialmente,

fornecido o consentimento informado, como também foi totalmente anónima e confidencial, não permitindo quaisquer dados de identificação pessoal.

A plataforma na qual os instrumentos foram alojados permitiu e contabilizou os participantes que não preencheram todos os instrumentos na sua totalidade, ou seja, determinado participante pode ter preenchido na totalidade determinado instrumento mas não ter concluído os restantes. Assim, de modo a aproveitar a totalidade das respostas em cada um dos instrumentos, a amostra é diferente para cada um dos mesmos. O quadro 1 apresenta as características da amostra global e das subamostras.

Quadro 1. *Caracterização da amostra global e das subamostras*

	Global	ERSN57	EPDN	BSI
N	312	174	185	219
Idade (anos)				
M		28.69	29.07	28.72
DP		11,437	11.759	11.604
Mínima		18	18	18
Máxima		67	72	72
Sexo				
Masculino		48 (27.6%)	51 (27.6%)	60 (27.4%)
Feminino		126 (72.4%)	134 (72.4%)	159 (72.6%)
Acompanhamento Terapêutico				
Sim		17 (9.8%)	17 (9.2%)	21 (9.6%)
Não		157 (90.2%)	168 (90.8%)	198 (90.4%)
Conjugalidade				
Com relação amorosa estável		102 (58.6)	110 (59.5%)	132 (60.3%)
Sem relação amorosa estável		72 (41.4%)	75 (40.5%)	87 (39.7%)
Habilitações Literárias				
9º ano ou equivalente		8 (4.6%)	11 (5.9%)	15 (6.8%)
12º ano ou equivalente		50 (28.7%)	55 (29.7%)	69 (31.5%)
Bacharelato		4 (2,3%)	4 (2.2%)	5 (2.3%)
Licenciatura		91 (52.3%)	94 (50.8%)	106 (48.4%)
Mestrado		21 (12.1%)	21 (11.4%)	24 (11%)
Doutoramento		0	0	0

4. Instrumentos

4.1. Escala de Regulação da Satisfação das Necessidades – 57 (ERSN 57)

A Escala de Regulação da Satisfação das Necessidades (ERSN) foi construída na base do MCP e, ao longo dos últimos anos, tem vindo a ser estudada e reformulada. É um instrumento de autorrelato que pretende avaliar a capacidade de regulação da satisfação de 14 necessidades psicológicas, agrupadas em 7 polaridades. A resposta é fornecida numa escala de Likert de 8 pontos, onde 1 corresponde a “Discordo Totalmente” e 8 a “Concordo Totalmente.” A primeira versão da ERSN era originalmente composta por 159 itens (Vasco, Bernardo, Cadilha, Calinas, Fonseca, Guerreiro, Rodrigues & Rucha, 2011). No entanto, o estudo de Conde & Vasco (2012), sobre as suas qualidades psicométricas, originou uma redução para 134 itens. Posteriormente, com base nos resultados obtidos no estudo anterior, a escala foi novamente reformulada, resultando numa escala com 57 itens, incluindo 3 novos itens referentes à polaridade Prazer/Dor, 14 novos itens de validade e três colunas de resposta referentes aos *Selves Real*, *Ideal* e *Obrigatório* (Vargues-Conceição & Vasco, 2013). Na presente investigação, foram reduzidas as colunas de resposta, considerando-se apenas a coluna respeitante ao *Self Real*, uma vez que não se pretende avaliar especificamente as discrepâncias do *self*. Relativamente às subescalas, estas apresentam a seguinte composição: Prazer (itens 9, 16R, 25); Dor (10R, 19, 31, 40); Proximidade (6R, 7, 13R); Diferenciação (4R, 24R, 37); Produtividade (12, 52, 57); Lazer (15, 20, 56); Controlo (21, 28, 39); Cooperação (30, 33, 41); Exploração (5, 8, 42); Tranquilidade (26, 35, 51); Coerência (43, 45, 49); Incoerência (23, 34, 53R); Autoestima (3, 47, 50) e Autocrítica (1, 29, 46).

No que diz respeito à consistência interna, segundo Pallant (2007), o alfa de Cronbach de uma escala deve ser idealmente de .70. A escala global de 134 itens, obteve um alfa de .98 (Conde & Vasco, 2012), e a versão de 57 itens, na dimensão *Self Real*, obteve um alfa de .94 (Ferreira & Vasco, 2013; Vargues-Conceição & Vasco, 2013). Através de uma análise comparativa, entre a ERSN-57 e outras escalas construídas posteriormente (ERSN-CEA e ERSN-21), a versão de 57 itens, foi a que se relacionou mais fortemente com o bem-estar, distress e sintomatologia, apresentando um contributo significativo para a explicação da variância de todas as variáveis

dependentes (Romão & Vasco, 2013). O quadro 2 apresenta, com mais pormenor, os valores de consistência interna obtidos no estudo anterior e no presente estudo.

Quadro 2. *Consistência Interna (alfa de Cronbach) da ERSN-57*

Escalas e Subescalas	Estudo Anterior	Presente Estudo
ERSN Global	.94	.95
Prazer	.80	.809
Dor	.27	.493
Prazer-Dor	.59	.660
Proximidade	.74	.733
Diferenciação	.64	.550
Proximidade-Diferenciação	.66	.688
Produtividade	.88	.896
Lazer	.68	.708
Produtividade-Lazer	.82	.851
Controlo	.80	.683
Cooperação	.74	.717
Controlo-Cooperação	.78	.770
Exploração	.79	.763
Tranquilidade	.76	.847
Exploração-Tranquilidade	.79	.811
Coerência	.82	.781
Incoerência	.66	.633
Coerência-Incoerência	.85	.835
Autoestima	.89	.932
Autocrítica	.59	.700
Autoestima-Autocrítica	.79	.849

Comparativamente ao estudo anterior e considerando a dimensão *Eu Real* do instrumento, os valores da consistência interna assemelham-se aos do presente estudo. A maior parte dos valores alfa correspondem ao critério de .70, o que indica que na sua generalidade a ERSN-57 tem uma boa consistência interna. Em termos de necessidades, em ambos os estudos, destacaram-se os alfas de *Dor* e de *Autoestima*, em que o alfa da primeira necessidade foi o menor e o da segunda o superior, relativamente às restantes necessidades. Em termos de polaridades, em ambos os estudos, também são *Prazer/Dor*

que apresentam valores de alfa inferiores, no entanto, os alfas superiores verificaram-se, no estudo anterior, em *Coerência/Incoerência*, e, actualmente, em *Produtividade/Lazer*. Ao longo das investigações, a necessidade de *Dor* parece ser a que os participantes têm maior dificuldade em compreender enquanto necessidade, o que pode explicar a inferioridade do seu valor de consistência. Apesar disso, neste estudo, o seu valor aumentou comparativamente ao do estudo anterior, pelo que alfas superiores a .30 indicam que todos os itens estão a medir o mesmo (Pallant, 2007).

4.2. Escala de Perfis de Discrepâncias das Necessidades (EPDN)

A Escala de Perfis de Discrepâncias (EPDN) insere-se no MCP e, com base na revisão de literatura sobre as discrepâncias e as suas implicações na personalidade e na sintomatologia, a sua construção foi um dos principais objectivos do presente estudo. Este é um instrumento de autorrelato constituído por 66 itens, cujas respostas são fornecidas numa escala de Likert de 8 pontos, onde 1 corresponde a “Discordo Totalmente” e 8 a “Concordo Totalmente”, e 4 e 5 separam as zonas de acordo e desacordo. Esta escala pretende avaliar padrões de funcionamento representativos das 14 discrepâncias das sete polaridades de necessidades propostas pelo MCP: +Prazer/-Dor (itens 1, 15, 29 e 43); -Prazer/+Dor (itens 8, 22, 36 e 50) +Proximidade/-Diferenciação (itens 2, 16, 30, 44 e 57); -Proximidade/+Diferenciação (itens 9, 23, 37, 51 e 62); +Produtividade/-Lazer (itens 3, 17, 31, 45 e 58); -Produtividade/+Lazer (itens 10, 24, 38 e 52); +Controlo/-Cooperação (itens 4, 18, 32, 46 e 59); -Controlo/+Cooperação (itens 11, 25, 39 e 53); +Exploração/-Tranquilidade (itens 5, 19, 33 e 47); -Exploração/+Tranquilidade (itens 12, 26, 40, 54 e 63); +Coerência/-Incoerência (itens 6, 20, 34, 48 e 60); -Coerência/+Incoerência (itens 13, 27, 41, 55, 64 e 66); +Autoestima/-Autocrítica (itens 7, 21, 35, 49 e 61); -Autoestima/+Autocrítica (itens 14, 28, 42, 56 e 65). Através da avaliação do conjunto das discrepâncias, a EPDN permitirá traçar um perfil integrativo do funcionamento estrutural dos indivíduos.

Para testar as qualidades psicométricas iniciais da EPDN foi realizado um pré-teste, online, que permitiu reformular alguns itens da escala e reduzir a sua quantidade, de 129 para 92 e, finalmente, para 66 itens. Na secção dos resultados, será apresentada a consistência interna da escala, obtida no pré-teste e na presente análise.

4.3. Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI)

A sintomatologia foi avaliada pelo Inventário de Sintomas Psicopatológicos (Canavarro, 1995, versão portuguesa do Brief Symptom Inventory – BSI, Derogatis, 1993).

O BSI é um inventário de autorrelato, composto por 53 itens, onde as respostas são expressas numa escala de Likert de 5 pontos, em que 0 significa “Nunca” e 5 significa “Muitíssimas Vezes”, pedindo-se para os sujeitos descreverem o grau em que cada problema os incomodou, durante a última semana. Este inventário avalia sintomas psicopatológicos agrupados em nove dimensões de sintomatologia: Somatização (itens 2, 7, 23, 29, 30, 33 e 37); Obsessões-Compulsões (itens 5, 15, 26, 27, 32 e 36); Sensibilidade Interpessoal (20, 21, 22 e 42); Depressão (9, 16, 17, 18, 35 e 50); Ansiedade (itens 1, 12, 19, 38, 45 e 49); Hostilidade (itens 6, 13, 40, 41 e 46); Ansiedade Fóbica (itens 8, 28, 31, 43 e 47); Ideação Paranoide (itens 4, 10, 24, 48 e 51) e Psicoticismo (itens 3, 14, 34, 44 e 53). Quatros dos itens (11, 25, 39 e 52), não pertencem a qualquer uma das dimensões acima referidas, no entanto, foram incluídos no BSI devido à sua relevância clínica, sendo considerados nas pontuações obtidas nos três Índices Globais – Índice Geral de Sintomas (IGS); Índice de Sintomas Positivos (ISP) e Índice Total de Sintomas Positivos (TSP) - que representam as avaliações sumárias de perturbação emocional (Canavarro, 2007; Derogatis & Spencer, 1982).

O BSI pode ser utilizado na avaliação de doentes psiquiátricos, indivíduos com perturbação emocional (raw score > 1.70; Canavarro, 2007) e em indivíduos da população geral, sendo o seu ponto de corte de 63 pontos T (Derogatis & Spencer, 1982). O instrumento original obteve bons níveis de consistência interna para as nove escalas, que variaram entre valores alfa de .71 (Psicoticismo) e .85 (Depressão). A sua estrutura factorial, avaliada na população clínica e não-clínica, também indicou a sua solidez conceptual (Canavarro, 2007). Mais tarde, o BSI foi adaptado para a população portuguesa por Canavarro (1995 cit por Canavarro, 2007) e revelou resultados satisfatórios em relação à consistência interna e estabilidade temporal, com valores alfa que variaram entre .62 (Ansiedade Fóbica e Psicoticismo) e .80 (Depressão).

Nesta investigação, o instrumento revelou uma forte consistência interna, obtendo um valor alfa global de .966, e nas escalas, valores compreendidos entre .756 (Ansiedade Fóbica) e .911 (Depressão). O quadro 3 ilustra o alfa de Cronbach obtido no instrumento original, na sua adaptação portuguesa e no presente estudo.

Quadro 3. *Consistência interna (alfa de Cronbach) das escalas e subescalas do BSI*

Escalas e Subescalas	Instrumento Original	Adaptação Portuguesa	Presente Estudo
BSI Global	---	---	.966
Somatização	.80	.80	.831
Obsessões-Compulsões	.83	.77	.772
Sensibilidade Interpessoal	.74	.76	.82
Depressão	.85	.73	.911
Ansiedade	.81	.77	.807
Hostilidade	.78	.76	.814
Ansiedade Fóbica	.77	.62	.756
Ideação Paranóide	.77	.72	.811
Psicoticismo	.71	.62	.762

Resultados

1. Estudo das Qualidades Psicométricas da EPDN

1.1. Análise Factorial

Foi realizada uma análise factorial exploratória que não revelou uma organização de factores com sentido teórico. Segundo Tabachnick e Fidell (2001, cit por Pallant, 2007), a análise factorial pode ser posta em causa quando existem matrizes de correlações com muitos valores inferiores a .3. No que respeita à EPDN, existem algumas subescalas onde os valores mínimos de correlação entre os itens são inferiores a .3, o que pôde eventualmente ter estado na origem da não organização dos factores. Deste modo, considerou-se a escala global e as subescalas da EPDN como definidas teoricamente, prosseguindo-se com a análise das suas qualidades psicométricas.

1.2. Consistência Interna

Segue-se a análise da consistência interna da EPDN que se encontra explícita no quadro 4 e que será devidamente interpretada.

Quadro 4. *Consistência Interna (alfa de Cronbach) da EPDN, no pré-teste e no presente estudo*

Escalas e Subescalas	Pré-Teste	Presente Estudo
EPDN Global	.901	.930
+Prazer/-Dor	.687	.655
-Prazer/+Dor	.823	.857
+Proximidade/-Diferenciação	.737	.674
-Proximidade/+Diferenciação	.752	.741
+Produtividade/-Lazer	.765	.775
-Produtividade/+Lazer	.814	.740
+Controlo/-Cooperação	.710	.571
-Controlo/+Cooperação	.687	.712
+Exploração/-Tranquilidade	.722	.689
-Exploração/+Tranquilidade	.658	.703
+Coerência/-Incoerência	.711	.672
-Coerência/+Incoerência	.838	.905
+Autoestima/-Autocrítica	.710	.704
-Autoestima/+Autocrítica	.791	.849

Tendo em conta que o valor ideal do alfa de Cronbach de uma escala deve ser superior a .7 (DeVellis, 2003, cit por Pallant, 2007) e que alfas superiores a .30 indicam que todos os itens estão a medir o mesmo (Pallant, 2007), a EPDN revelou, na sua generalidade, uma forte consistência interna, tanto no pré-teste como na investigação final. Tal como na ERSN-57, os alfas da EPDN mantiveram-se relativamente semelhantes em ambos os estudos, sendo que no pré-teste os valores do alfa das subescalas variaram entre .658 (*-Exploração/+Tranquilidade*) e .838 (*-Coerência/+Incoerência*), e na investigação final, entre .571 (*+Controlo/-Cooperação*) e .905 (*-Coerência/+Incoerência*).

Atendendo a uma análise mais aprofundada, verificou-se que na correlação item-total corrigida da subescala *+Controlo/-Cooperação*, o item 59 ($r=.254$) apresentou uma correlação inferior ao critério proposto por Fidel (2009), que considera que itens com correlações inferiores a .30 devem ser eliminados. Apesar disso, optou-se pela não

exclusão, uma vez que isso implicaria a diminuição do alfa de Cronbach da subescala em questão, e contribuiria com pouca significância para o aumento do alfa da escala global. Pelas mesmas razões, também se ponderou a exclusão do item 29 ($r=.248$) da subescala *+Prazer/-Dor*, que aumentaria o seu valor de alfa para .71, no entanto, dada também a pouca relevância para o aumento do valor de alfa da escala global e tendo em consideração a relevância teórica do item, optou-se pela sua permanência.

2. Correlações

2.1. Relações entre as subescalas da EPDN

As correlações entre as 14 subescalas da EPDN e as correlações destas com a escala global foram analisadas através do coeficiente de Pearson (Anexo E). Verificou-se que quase todas as escalas tiveram correlações positivas, moderadas, fortes e muito fortes com a escala global (Marôco, 2014).

Os perfis que se correlacionaram mais fortemente com a generalidade dos restantes perfis e, particularmente, com a escala global foram *-Coerência/+Incoerência* (.802), *-Autoestima/+Autocrítica* (.772), *-Proximidade/+Diferenciação* (.752) e *-Controlo/+Cooperação* (.705). À excepção destes encontram-se dois perfis com correlações fracas com a escala global, sendo estas de .043 (*+Coerência/-Incoerência*), e de .207 (*+Autoestima/-Autocrítica*).

Relativamente às correlações entre as 14 subescalas, verificaram-se correlações positivas que variaram entre fracas e muito fortes. O perfil *+Prazer/-Dor* foi o que apresentou correlações mais fracas com a maioria dos restantes perfis, por outro lado, revelou correlações significativas com apenas dois perfis, sendo estas uma correlação forte com *+Proximidade/-Diferenciação* (.515) e uma correlação moderada com *+Exploração/-Tranquilidade* (.467). Nesta sequência encontra-se *+Exploração/-Tranquilidade* com correlações fracas com a generalidade dos restantes perfis, verificando-se apenas três correlações moderadas com, *+Prazer/-Dor* (.467), *+Produtividade/-Lazer* (.437) e *+Controlo/-Cooperação* (.351). Já as correlações mais fortes verificaram-se entre as escalas *-Coerência/+Incoerência* e *-Autoestima/+Autocrítica* (.829), entre *-Prazer/+Dor* e *-Coerência/+Incoerência* (.706) e entre *-Prazer/+Dor* e *-Autoestima/+Autocrítica* (.657).

Por último, também ocorreram algumas correlações negativas que variaram entre moderadas e fracas. Nesta situação sobressaíram as escalas *+Coerência/-*

Incoerência e *+Autoestima/-Autocrítica*, que apesar de revelarem uma correlação positiva forte entre si (.528), e o último perfil correlações moderadas com *+Exploração/-Tranquilidade* (.279) e *+Controlo/-Cooperação* (.263), apresentaram o maior número de correlações negativas com os restantes perfis. Mais especificamente, as relações moderadas e significativas ocorreram entre as subescalas - *Coerência/+Incoerência* e *+Coerência/-Incoerência* (-.362), entre *+Coerência/-Incoerência* e *-Autoestima/+Autocrítica* (-.345).

De acordo com a hipótese 1, estes resultados indicam que vários perfis de discrepâncias se correlacionam positivamente entre si, complementando-se face à formação de um perfil de funcionamento estrutural integrativo. Por outro lado, existem perfis que tendem a associar-se negativamente com os restantes, o que permite confirmar apenas parcialmente esta hipótese.

2.2. Relação entre Perfis, Polaridades e Necessidades

Procedeu-se à análise das correlações entre os perfis de discrepâncias (EPDN) e a capacidade de regulação da satisfação das necessidades (ERSN 57). No que diz respeito às correlações entre as escalas globais de cada instrumento (Anexo F) verificou-se uma correlação negativa forte (-.548). Também tal como esperado, quase todos os perfis se correlacionaram negativamente com a ERSN 57 global. As correlações negativas mais fortes destacaram-se em *-Autoestima/+Autocrítica* (-.694), *-Coerência/+Incoerência* (-.682), *-Prazer/+Dor* (-.611), *-Proximidade/+Diferenciação* (-.566) e *-Produtividade/+Lazer* (-.526). A correlação negativa de menor força expressou-se numa correlação moderada de -.317 com *+Controlo/-Cooperação*. Verificaram-se também uma correlação positiva moderada com *+Coerência/-Incoerência* (.450), e correlações positivas fracas com *+Autoestima/-Autocrítica* (.212) *+Prazer/-Dor* (.152) e *+Exploração/-Tranquilidade* (.030).

Prosseguiu-se com a análise da relação entre a EPDN Total, os 14 perfis e as sete polaridades de necessidades. O quadro 5 ilustra a totalidade das correlações entre estas variáveis.

Quadro 5. *Correlações entre a EPDN e as sete polaridades de necessidades*

Escalas	P/D	P/D	P/L	C/C	E/T	C/I	A/A
+P/-D	,095	-,046	,229**	,167*	,177*	,140	,107

-P/+D	-,585**	-,495**	-,569**	-,282**	-,474**	-,521**	-,565**
+P/-D	-,278**	-,450**	-,246**	-,143	-,275**	-,359**	-,375**
-P/+D	-,504**	-,684**	-,441**	-,400**	-,400**	-,409**	-,429**
+P/-L	-,309**	-,382**	-,282**	-,194*	-,290**	-,353**	-,316**
-P/+L	-,475**	-,502**	-,470**	-,383**	-,374**	-,340**	-,491**
+C/-C	-,227**	-,399**	-,253**	-,305**	-,204**	-,208**	-,245**
-C/+C	-,373**	-,607**	-,356**	-,230**	-,332**	-,391**	-,426**
+E/-T	-,050	-,099	,082	,030	,195*	-,018	,020
-E/+T	-,259**	-,452**	-,225**	-,242**	-,321**	-,238**	-,207**
+C/-I	,284**	,242**	,421**	,151*	,464**	,464**	,507**
-C/+I	-,562**	-,604**	-,568**	-,265**	-,569**	-,654**	-,653**
+A/-A	,039	,041	,229**	-,129	,335**	,308**	,314**
-A/+A	-,578**	-,596**	-,575**	-,294**	-,600**	-,629**	-,679**
Epdn T	-,495**	-,643**	-,410**	-,320**	-,374**	-,442**	-,466**

**p<.01

Todas as polaridades apresentaram correlações negativas com a escala global da EPDN, sobressaindo apenas uma correlação forte com *Proximidade/Diferenciação* (-.643), sendo as restantes de força moderada. Todas as polaridades também apresentaram, maioritariamente, correlações negativas com os perfis da EPDN, sendo a correlação negativa mais forte entre *Proximidade/Diferenciação* e *-Proximidade/+Diferenciação* (-.684), e a mais fraca entre *Coerência/Incoerência* e *+Exploração/-Tranquilidade* (-.018). Os perfis com correlações negativas mais fortes com a maioria das polaridades foram *-Prazer/+Dor*, *-Proximidade/+Diferenciação*, *-Coerência/+Incoerência* e *-Autoestima/+Autocrítica*.

Na análise da relação entre a EPDN Global e as 14 necessidades (Anexo G), verificou-se que todas as necessidades apresentaram correlações negativas fortes, moderadas e fracas com a escala global da EPDN. As correlações mais fortes e moderadas registaram-se em *Proximidade* (-.618), *Prazer* (-.540), *Incoerência* (-.475) e *Autoestima* (-.469), enquanto que as mais fracas em *Controlo* (-.223), *Dor* (-.213) e *Exploração* (-.151).

A maior parte dos perfis apresentaram correlações negativas com as 14 necessidades (Anexo G), que variaram entre uma correlação fraca, não significativa, de

-.002 (+*Exploração/-Tranquilidade* e *Autoestima*) e uma correlação forte e significativa de -.682 (-*Coerência/+Incoerência* e *Prazer*).

Contrariamente, três perfis mostraram correlações positivas significativas com a regulação das necessidades. O perfil +*Prazer/-Dor* revelou correlações moderadas com a polaridade *Produtividade/Lazer* (.229) e com a necessidade de *Lazer* (.268); +*Exploração/-Tranquilidade* uma correlação fraca com a polaridade *Exploração/Tranquilidade* (.195) e uma moderada com a necessidade de *Exploração* (.453); +*Coerência/-Incoerência* apresentou correlações moderadas e fortes com as polaridades de *Exploração/Tranquilidade* (.421), *Coerência/Incoerência* e *Autoestima/Autocrítica* (ambas com .464), e particularmente, com as necessidades de *Produtividade* (.456), *Tranquilidade* (.491), *Coerência* (.447), *Incoerência* (.421) e *Autoestima* (.541); e +*Autoestima/-Autocrítica* revelou correlações moderadas com as polaridades *Exploração/Tranquilidade* (.335), *Coerência/Incoerência* (.308), *Autoestima/Autocrítica* (.324) e a mais forte com a necessidade de *Autoestima* (.419).

Estes resultados contribuem para confirmar parcialmente a hipótese 2, verificando-se que a maioria dos perfis de discrepâncias se correlacionam negativamente com a capacidade de regulação da satisfação das necessidades. Porém, os perfis +*Prazer/-Dor*, +*Exploração/-Tranquilidade* +*Coerência/-Incoerência* e +*Autoestima/-Autocrítica* tendem a associar-se positivamente, e com alguma significância, à capacidade de regulação da satisfação das necessidades, embora essa relação seja maioritariamente fraca.

2.3. Relação entre Perfis e Sintomatologia

As relações entre os perfis e a sintomatologia foram estudadas através do coeficiente de correlação de Pearson. O quadro 6 ilustra a respectiva análise.

Quadro 6. *Correlações entre Perfis de Discrepâncias e Sintomatologia*

Escalas	Som.	Obs- Comp.	Sens. Interp.	Dep.	Ans.	Host.	Ans. Fób.	Idea. Paran.	Psicot.	BSI T
+P/-D	.099	.070	.030	-.014	.156*	-.017	.070	.091	.017	.101
-P/+D	.371**	.415**	.460**	.579**	.493**	.317**	.313**	.428**	.490**	.656**
+P/-D	.281**	.431**	.380**	.357**	.457**	.204**	.262**	.332**	.411**	.512**
-P/+D	.386**	.400**	.470**	.421**	.348**	.242**	.371**	.369**	.500**	.537**

+P/-L	.291**	.356**	.322**	.346**	.415**	.157*	.228**	.344**	.391**	.424**
-P/+L	.259**	.437**	.374**	.397**	.310**	.278**	.283**	.355**	.412**	.486**
+C/-C	.235**	.260**	.272**	.342**	.372**	.274**	.265**	.321**	.410**	.458**
-C/+C	.268**	.429**	.432**	.342**	.348**	.202**	.295**	.402**	.387**	.482**
+E/-T	.210**	.172*	.143	.161*	.203**	.209**	.142	.261**	.271**	.281**
-E/+T	.151*	.271**	.198**	.236**	.207**	.086	.259**	.137	.233**	.298**
+C/-I	-.140	-.128	-.288**	-.301**	-.241**	-.074	-.066	-.147*	-.163*	-.241**
-C/+I	.372**	.502**	.549**	.608**	.571**	.267**	.366**	.446**	.542**	.705**
A+/-A	-.026	-.090	-.125	-.118	-.139	.110	-.027	-.026	.028	-.080
-A/+A	.338**	.481**	.579**	.582**	.484**	.266**	.363**	.411**	.473**	.643**
EpdnT	.389**	.507**	.490**	.512**	.511**	.311**	.393**	.466**	.555**	.668**

**p<.01; *p<.05

Tal como esperado, a escala global da EPDN apresentou correlações positivas, moderadas e fortes com todas as dimensões de sintomatologia e com o BSI Global (.668). As dimensões sintomatológicas que apresentaram as correlações mais fortes com a generalidade dos perfis e com EPDN global foram *Psicoticismo*, (.555), *Depressão* (.512) *Ansiedade* (.511), e *Obsessões Compulsões* (.507). As restantes assumiram correlações moderadas, no entanto, sobressaíram *Somatização*, *Ansiedade Fóbica* e *Hostilidade* com sendo as dimensões com as correlações de menor força com grande parte dos perfis e com a EPDN global.

Os perfis que revelaram correlações mais fortes com a maioria das dimensões de sintomatologia e com a sua escala global foram *-Coerência/+Incoerência*, que apresentou a correlação mais forte com o BSI global (.705) e que se correlacionou mais fortemente com as dimensões *Depressão* (.608), *Ansiedade* (.571), *Sensibilidade Interpessoal* (.549), *Psicoticismo* (.542) e *Obsessões-Compulsões* (.502); *-Prazer/+Dor*, com uma correlação forte com o BSI global (.656) e com *Depressão* (.579); *-Autoestima/+Autocrítica* também com uma correlação forte com o BSI global (.643) e com as dimensões *Depressão* (.582) e *Sensibilidade Interpessoal* (.579); e *-Proximidade/+Diferenciação* com uma correlação forte com o BSI global (.537) e com *Psicoticismo* (.500); *+Proximidade/-Diferenciação*, com uma correlação forte com o BSI global (.512) e com uma correlação moderada mais forte com *Ansiedade* (.457).

Os perfis com correlações positivas mais fracas e também os únicos com correlações negativas fracas e moderadas com a generalidade das dimensões

sintomatológicas e com o BSI global foram, *+Prazer/-Dor*, que apenas apresentou uma correlação positiva fraca e significativa com *Ansiedade* (.156), e o perfil, *+Coerência/-Incoerência* que revelou correlações negativas, moderadas e significativas com *Ansiedade* (-.241), *Sensibilidade Interpessoal* (-.288) e *Depressão* (-.301), e, correlações negativas fracas com *Ideação Paranoide* (-.147) e *Psicoticismo* (-.163). Verificou-se o mesmo em *+Autoestima/-Autocrítica*, no entanto, as correlações não foram significativas.

Estes resultados permitem também confirmar parcialmente a hipótese 3, uma vez que, tal como esperado a maioria dos perfis se correlacionam positivamente com a sintomatologia. Por outro lado, os perfis *+Prazer/-Dor*, *+Coerência/-Incoerência* e *+Autoestima/-Autocrítica* tendem a associar-se negativamente à sintomatologia, embora essas relações sejam maioritariamente fracas e com pouca significância.

3. Regressões

3.1. Valor preditivo da EPDN e da ERSN em relação à Sintomatologia

Recorreu-se primeiramente à regressão linear standard com o objectivo de perceber o quanto, isoladamente, a EPDN Global e a ERSN 57 Global explicam da variância da sintomatologia. Posteriormente foi realizada uma regressão linear múltipla standard que permitiu comparar a EPDN Global relativamente à ERSN-57 Global, quer ao nível da predição das duas variáveis, em conjunto, no que respeita à sintomatologia, quer ao nível do contributo individual de cada uma delas, sem a influência de outras variáveis independentes.

Por último, procurou-se perceber qual o melhor modelo dos Perfis, das Polaridades e Necessidades, na predição da sintomatologia. Para tal, recorreu-se à regressão linear múltipla stepwise dos catorze perfis, das sete polaridades e das catorze necessidades, optando-se pela utilização do coeficiente de determinação ajustado (R^2), uma vez que este é mais preciso perante a adição de várias variáveis independentes (Marôco, 2014).

Começando pela análise das regressões lineares, verifica-se que a EPDN Global explica, isoladamente, cerca de 44.7% da variância da sintomatologia, obtendo significância estatística ($R^2 = .447$, $F(1.184) = 147.743$, $p < .001$; $\beta = .668$, $t(185) = 12.157$, $p < .001$). Já a ERSN 57 Global explica, individualmente, cerca de 36.1% da variância da sintomatologia, igualmente com significância estatística ($R^2 = .361$, $F(1.173) = 97.078$,

$p < .001$; $\beta = -.601$, $t(174) = -9.853$, $p < .001$) O quadro 7 contém o sumário da informação acima descrita.

Quadro 7. *Sumário das análises de regressão lineares standard da EPDN Global e da ERSN Global, em relação à sintomatologia.*

VD	Sintomatologia	
VI	R ²	Sig.
EPDN T.	.447	.000
ERSN 57 T.	.361	.000

A regressão linear múltipla standard permitiu perceber que, em conjunto, a ERSN 57 e a EPDN, conseguem explicar 52.5% da variância da sintomatologia, com resultados significativos ($R^2 = .552$, $F(2.173) = 94.618$, $p < .001$), e especificamente em relação à ERSN 57 ($\beta = -.335$, $t(174) = -5.319$, $p < .001$) e à EPDN ($\beta = -.485$, $t(185) = 7.699$, $p < .001$). A análise anterior já permitiu verificar que a EPDN faz uma contribuição mais forte em relação à sintomatologia. No entanto, após uma análise mais detalhada, do coeficiente de correlação semi-parcial, que informa sobre a contribuição única de cada VI face à VD, as conclusões são as mesmas. Constata-se que a ERSN-57 consegue prever 7.8% da sintomatologia e a EPDN cerca de 16.4%, predizendo um total de 24% em conjunto (Pallant, 2007). O quadro 8 contém a respectiva análise.

Quadro 8. *Sumário da análise de regressão linear múltipla standard da ERSN 57 global e da EPDN global em relação à Sintomatologia*

VD	Sintomatologia			
VI'S	β	T	Sig.	Parte
ERSN 57 T.	-.335	-5.319	.000	7.8%
EPDN T.	.485	7.699	.000	16,4%

Nota: $R^2 = .525$; $F(2.173) = 94.618$; $p < .001$

Através da regressão múltipla stepwise, verifica-se que o melhor modelo da EPDN consegue explicar 57.1% da variância da sintomatologia ($R^2 = .571$, $F(4.184) = 62.318$; $p < .001$). Por ordem decrescente, este é composto pelos perfis – *Coerência/+Incoerência* ($\beta = .315$, $t(185) = 3.808$, $p < .001$), –*Prazer/+Dor* ($\beta = .323$,

$t(185)=4.701$, $p<.001$), +*Controlo/-Cooperação* ($\beta=.150$, $t(185)=2.749$, $p=.007$), +*Proximidade/-Diferenciação* ($\beta=.153$, $t(185)=2.504$, $p=.013$). O quadro 9 apresenta os respectivos resultados.

Quadro 9. *Sumário do melhor modelo da análise de regressão linear múltipla stepwise dos perfis da EPDN em relação à sintomatologia*

VD	Sintomatologia			
VI'S	Ra ²	β	t	Sig.
Perfis	.571			
-Coerência/+Incoerência		.315	3.808	.000
-Prazer/+Dor		.323	4.701	.000
+Controlo/-Cooperação		.150	2.749	.007
+Proximidade/-Diferenc.		.153	2.504	.013

Nota: $Ra^2=.571$; $F(4.184)=62.318$; $p<.001$

No quadro 10 encontra-se o sumário do melhor modelo das polaridades e das necessidades relativamente à predição da variância da sintomatologia. De acordo com a regressão stepwise constatamos que o melhor modelo das polaridades explica 38.4% da variância da sintomatologia ($Ra^2=.384$, $F(2.173)=54.991$; $p<.001$), sendo constituído pelos polos *Autoestima/Autocrítica* ($\beta=-.404$, $t(174)=-5.683$, $p<.001$) e *Proximidade/Diferenciação* ($\beta=-.306$, $t(174)=-4.294$, $p<.001$). Para as necessidades, o melhor modelo explica 46% da variância da sintomatologia ($Ra^2=.460$; $F(2.173)=74.750$; $p<.001$) e é constituído pelas necessidades de *Proximidade* ($\beta=-.402$, $t(174)=-5.845$, $p<.001$) e *Autoestima* ($\beta=-.366$, $t(174)=-5.317$, $p<.001$).

Quadro 10. *Sumário do melhor modelo da análise de regressão linear múltipla stepwise das polaridades e das necessidades da ERSN-57 em relação à sintomatologia*

VD's	Sintomatologia			
VI'S	Ra ²	β	t	Sig.
Polaridades	.384			
Autoestima/Autocrítica		-.404	-5.683	.000
Proximidade/Diferenciação		-.306	-4.294	.000

Necessidades	.460			
Proximidade		-.402	-5.845	.000
Autoestima		-.366	-5.317	.000

Notas: $R^2=.384$; $F(2.173)=54.991$; $p<.001$; $R^2=.460$; $F(2.173)=74.750$; $p<.001$

Podemos assim concluir que o melhor modelo da EPDN partilha com o melhor modelo das polaridades e necessidades, *Proximidade/Diferenciação* e *Proximidade*, respectivamente. As necessidades, isoladamente, conseguem explicar mais da variância da sintomatologia do que quando agrupadas em polaridades ($R^2=46\% > R^2=38.4\%$). No entanto, os perfis continuam a ter uma contribuição única e mais forte na explicação da variância da sintomatologia ($R^2=57.1\% > R^2 = 46\%$), confirmando-se a hipótese 4.

4. Comparação de Grupos

A hipótese de que indivíduos “com perturbação” apresentam valores mais elevados nos perfis de discrepâncias do que os indivíduos “sem perturbação”, foi investigada através da realização do teste t-Student para amostras independentes. A amostra foi dividida em dois grupos (Grupo 1: Indivíduos com perturbação; Grupo 2: Indivíduos sem perturbação), com base no ponto de corte do Índice de Sintomas Positivos do BSI, de 1.70 (Canavarro, 2007), que foi considerado o critério mais sensível à presença ou ausência de perturbação mental.

Os dois grupos foram comparados relativamente ao resultado global da EPDN e ao resultado de cada um dos catorze perfis de discrepâncias. De acordo com os critérios do teste t-student foi avaliada a normalidade das amostras através do teste Kolmogorov-Smirnov. No grupo “sem perturbação” e “com perturbação” o pressuposto de normalidade foi cumprido na EPDN Global, e nos perfis *+Produtividade/-Lazer*, *+Controlo/-Cooperação*, *+Exploração/-Tranquilidade* e *+Coerência/-Incoerência*. Contudo, os perfis *+Prazer/-Dor*, *-Prazer/+Dor*, *+Proximidade/-Diferenciação*, *-Proximidade/+Diferenciação*, *-Exploração/+Tranquilidade*, *-Coerência/+Incoerência* e *-Autoestima/+Autocrítica*, apenas assumiram a distribuição normal no grupo “com perturbação”. Apesar deste pressuposto não se confirmar para todas as variáveis prosseguiu-se com a aplicação do teste paramétrico devido à dimensão da amostra (>30) (Grupo 1: $n=78$; Grupo 2: $n=107$), uma vez que os testes paramétricos são suficientemente robustos à violação do pressuposto de normalidade (Marôco, 2014; Pallant, 2007). O pressuposto da homogeneidade da variâncias foi cumprido na EPDN

Global ($p=.554$), porém não se verificou nos perfis *-Prazer/+Dor*, *-Coerência/+Incoerência*, *-Autoestima/+Autocrítica* ($p=.000$), *-Proximidade/+Diferenciação* ($p=.001$) *-Produtividade/+Lazer*, *-Exploração/+Tranquilidade* ($p=.002$) e *-Controlo/+Cooperação* ($p=.011$).

Tanto na EPDN Global, como na maioria dos perfis de discrepâncias, verificaram-se diferenças significativas entre os indivíduos “perturbados” e “não perturbados” - EPDN Global: $t(148.542)=8.241$, $p<.001$; *-Prazer/+Dor*: $t(112.325)=8.071$, $p<.001$; *+Proximidade/-Diferenciação*: $t(147.064)=5.569$, $p<.001$; *-Proximidade/+Diferenciação*: $t(130.537)=5.351$, $p<.001$; *+Produtividade/-Lazer*: $t(147.026)=4.149$, $p<.001$; *-Produtividade/+Lazer*: $t(135.834)=4.302$, $p<.001$; *+Controlo/-Cooperação*: $t(155.200)=5.183$, $p<.001$; *-Controlo/+Cooperação*: $t(146.285)=4.865$, $p<.001$; *+Exploração/-Tranquilidade*: $t(169.647)=3.443$, $p=.001$; *-Exploração/+Tranquilidade*: $t(138.902)=3.747$, $p<.001$; *+Coerência/-Incoerência*: $t(156.031)=-3.254$, $p=.001$; *-Coerência/+Incoerência*: $t(119.019)=9.728$, $p<.001$; *-Autoestima/+Autocrítica*: $t(126.879)=8.199$, $p<.001$.

Apenas nos perfis *+Prazer/-Dor*: $t(153.648)=1.435$, $p=.153$ e *+Autoestima/-Autocrítica*: $t(159.820)=-1.734$, $p=.085$, não se verificaram diferenças significativas entre os grupos “sem perturbação” e “com perturbação.”

De acordo com a figura 1, os indivíduos “com perturbação” ($M=4.05$) revelaram níveis de perfil superiores comparativamente aos indivíduos “sem perturbação” ($M=3.16$). No gráfico 2, percebe-se igualmente que os indivíduos perturbados possuem, maioritariamente, níveis superiores de perfil relativamente aos não-perturbados e que os perfis *+Exploração/-Tranquilidade* ($M=5.09$), *+Controlo/-Cooperação* ($M=4.70$), *-Coerência/+Incoerência* ($M=4.63$), *+Produtividade/-Lazer* ($M=4.55$), *+Proximidade/-Diferenciação* ($M=4.46$) e *-Exploração/+Tranquilidade* ($M=4.15$), contribuem mais para a intensidade da perturbação.

Apesar do perfil *+Prazer/-Dor* revelar pontuações semelhantes às dos perfis anteriormente mencionados, sendo a superior no grupo perturbado, esta não se diferencia significativamente do grupo não perturbado. Note-se porém que os perfis *+Coerência/-Incoerência* ($M=3.97$) e *+Autoestima/-Autocrítica* ($M=2.84$) são os únicos que exibem níveis inferiores no grupo com perturbação, comparativamente ao grupo sem perturbação, sugerindo serem os que menos contribuem para a intensidade da perturbação.

No grupo sem perturbação, os perfis *+Coerência/-Incoerência* (M=4.57) e *+Exploração/-Tranquilidade* (M=4.40) assumem as médias mais elevadas, pelo que o perfil *-Prazer/+Dor* (M=1.74) apresenta a média menos elevada.

O Anexo H apresenta também uma figura ilustrativa dos níveis médios dos perfis, no grupo “com perturbação” e “sem perturbação”.

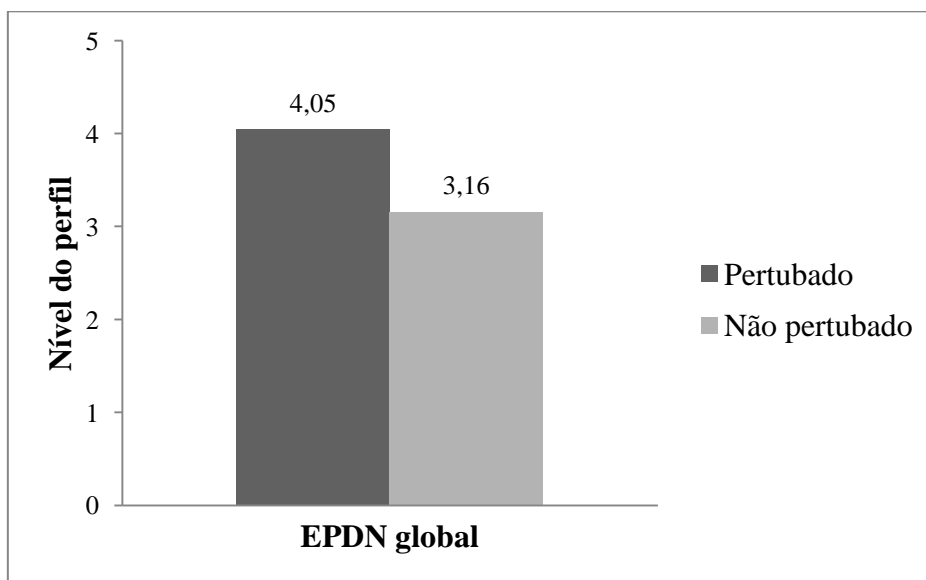


Figura 1. Valores médios dos perfis de discrepâncias geral (EPDN Global) dos indivíduos “com perturbação”(n=78) e “sem perturbação” (n=107)

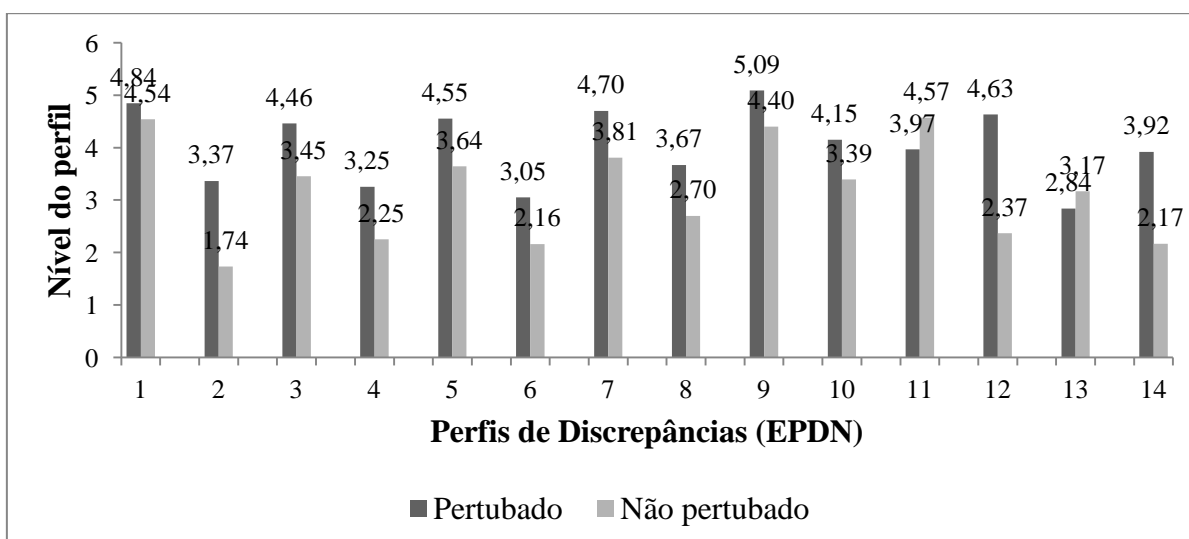


Figura 2. Valores médios dos catorze perfis de discrepâncias nos indivíduos “com perturbação”(n=78) e “sem perturbação” (n=107)

Nota: 1: +Prazer/-Dor; 2: -Prazer/+Dor; 3: +Proximidade/-Diferenciação; 4: -Proximidade/+Diferenciação; 5: +Produtividade/-Lazer; 6: -Produtividade/+Lazer; 7: +Controlo/-Cooperação; 8: -Controlo/+Cooperação; 9: +Exploração/-Tranquilidade; 10: -Exploração/+Tranquilidade; 11: +Coerência/-Incoerência; 12: -Coerência/+Incoerência; 13: +Autoestima/-Autocrítica; 14: -Autoestima/+Autocrítica

Estes resultados permitem confirmar parcialmente a hipótese 5, uma vez que apesar de praticamente todos os perfis possuírem níveis mais elevados no grupo com perturbação, constata-se que os perfis +Coerência/-Incoerência e +Autoestima/-Autocrítica contribuem com níveis menos elevados neste mesmo grupo.

5. Análise de Variâncias

5.1. ANOVA – Univariada

Para testar a hipótese de que elevados níveis de discrepância geral e baixos níveis de regulação da satisfação das necessidades geral, se relacionam com maiores níveis de sintomatologia e vice-versa, foram formados grupos a partir do nível geral de discrepâncias dos perfis (EPDN Global) e do grau geral de regulação da satisfação das necessidades (ERSN 57 Global). O grupo 1 corresponde aos indivíduos com baixos níveis de discrepância geral e de regulação geral (-/-); o grupo 2 compõe-se pelos indivíduos com baixos níveis de discrepância geral e elevados níveis de regulação geral (-/+); o grupo 3 refere-se aos sujeitos com elevados níveis de discrepância geral e baixos níveis de regulação geral (+/-); o grupo 4 diz respeito aos sujeitos com elevados níveis de discrepância geral e de regulação geral (+/+).

Para comparar os níveis de sintomatologia nos grupos mencionados anteriormente, recorreu-se à ANOVA Univariada que revelou maiores níveis de sintomatologia no grupo 3 (+/-) (M=53.17), seguindo-se do grupo 4 (+/+) (M=46.95), e menores níveis de sintomatologia no grupo 1 (-/-) (M=44.08), seguindo-se do grupo 2 (-/+) (M=40.18). De acordo com este teste ocorreram diferenças significativas entre os grupos ($p=.000$), pelo que a comparação múltipla das médias através do teste post hoc de Scheffe permitiu verificar que o grupo 3 (+/-) é estatisticamente diferente dos grupos 1 (-/-), 2 (-/+) e 4 (+/+), e que o grupo 4 também é estatisticamente diferente dos grupos 2 (-/+) e 3 (+/-), no entanto, não se diferencia do grupo 1 (-/-). O quadro 11 contém o resumo da respectiva análise.

Quadro 11. *Resumo da ANOVA Univariada para a média de sintomatologia entre os grupos dos níveis globais da EPDN e da ERSN 57*

Grupos EPDN/ERSN	Média de Sintomatologia	df	F	Sig.	Eta Squared
1 (-/-)	44.08	3	43.943	.000	.436
2 (-/+)	40.18				
3 (+/-)	53.17				
4 (+/+)	46.95				

Os resultados desta análise permitem confirmar a hipótese 6, uma vez que elevados níveis de discrepância geral e baixos níveis de regulação da satisfação das necessidades geral contribuem para maiores níveis de sintomatologia, enquanto que baixos níveis de discrepância geral e elevados níveis de regulação geral contribuem para menores níveis de sintomatologia.

5.2. MANOVA

Para testar a última hipótese deste estudo, utilizou-se a análise multivariada da variância (MANOVA) para analisar a diferença entre as médias dos 14 perfis de discrepâncias nos grupos com diferentes graus de regulação nas polaridades de necessidades. A partir do critério da mediana das respectivas necessidades, formaram-se grupos de acordo com o grau de regulação obtido em cada uma das mesmas, pelo que resultados iguais ou acima da mediana foram considerados elevados, sendo baixos os resultados inferiores à mesma. Assim, para cada polaridade, foram criados quatro grupos representativos dos diferentes graus de regulação dentro da mesma. O grupo 1 corresponde aos indivíduos com baixo nível de regulação em ambos os polos (-/-); o grupo 2 é composto pelos indivíduos com baixa regulação no primeiro polo e elevada regulação no segundo (-/+); o grupo 3 diz respeito aos sujeitos com elevada regulação no primeiro polo e baixa regulação no segundo (+/-); o grupo 4 corresponde a sujeitos com elevada regulação nos dois polos (+/+).

Relativamente à amostra, alguns dos grupos violaram os pressupostos de normalidade, de igualdade de variâncias-covariâncias e de igualdade do número de casos em cada grupo. No entanto, os métodos multivariados são robustos à violação dos pressupostos de normalidade (Tabachnick & Fidel, 1996, cit por Marôco, 2014), e neste

caso, a dimensão da amostra permitiu assegurar a robustez dos resultados (Tabachnick e Fidel, 2007, cit por Pallant, 2007). Para avaliar a significância dos tratamentos recorreu-se ao *traço de Pillai*, que é o mais potente para amostras ou grupos de dimensões diferentes e com covariâncias heterogêneas (Johnson, 1998, cit por Marôco, 2014). Ainda devido à violação destes pressupostos tentou-se recorrer ao alfa ajustado de *Bonferroni*, no entanto, apesar deste ajustamento diminuir a probabilidade de falsos positivos, pode tornar-se demasiado conservador quando existe um grande número de variáveis dependentes, como é o caso do presente estudo, aumentando a probabilidade de falsos negativos ou não permitindo a significância dos grupos de tratamento. Em alternativa, o alfa foi ajustado multiplicando-se o número de testes (14) pelo alfa do grupo em que se verificou a maior proporção da variância de perfis de discrepâncias. Este grupo foi *Exploração/Tranquilidade* ($p=.000$; $\text{pillai's trace} = .703$; $\text{partial eta squared} = .234$), sendo que o alfa com maior proporção, a seguir a $p=.000$, e que permitiria a significância dos tratamentos, foi de $p=.002$. Assim - $p = 14 \cdot .002 = .028$ (Bland & Altman, 1995).

O quadro 12 apresenta os resultados da análise de variância multivariada para avaliar os efeitos dos diferentes graus de regulação das 7 polaridades de necessidades sobre o compósito dos 14 perfis de discrepâncias das necessidades.

Quadro 12. *Resumo da MANOVA*

Grupos	Pillai's Trace	F	Hypothesis df	Error df	Sig.	Partial Eta Squared
Praz/Dor	.593	2.797	42.000	477.000	.000	.198
Prox./Dif.	.692	3.406	42.000	477.000	.000	.231
Prod./Laz.	.566	2.641	42.000	477.000	.000	.189
Contr./Coop.	.430	1.902	42.000	477.000	.001	.143
Expl./Tranq.	.703	3.473	42.000	477.000	.000	.234
Coer./Incoer.	.613	2.919	42.000	477.000	.000	.204

Autoe./Autocr.	.690	3.393	42.000	477.000	.000	.230
----------------	------	-------	--------	---------	------	------

Como se pode ver no quadro anterior, a MANOVA revelou a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os grupos de cada uma das sete polaridades sobre o compósito multivariado dos perfis de discrepâncias (em todas as polaridades e grupos, $p < .001$, excepto a na polaridade *Controlo/Cooperação*, $p = .001$). Tendo-se observado significância estatística entre o efeito das variáveis independentes sobre as variáveis dependentes, prosseguiu-se com a ANOVA-Univariada de modo a identificar, especificamente, em que perfis de discrepâncias se verificavam diferenças estatisticamente significativas. O Anexo I contém um quadro com os níveis médios dos perfis de discrepâncias das necessidades nos quatro grupos de cada uma das 7 polaridades de necessidades, e o Anexo J contém o resumo dos resultados da ANOVA.

Analisando o quadro do Anexo J, com base no alfa ajustado de *Bonferroni* ($p = .028$), percebe-se que a maior parte dos perfis revelam significância estatística (com valores de alfa entre $.000$ e $.026 < p = .028$), sendo relativamente poucos os que não cumprem esse critério (com valores alfa entre $.029$ e $.733 > p = .028$). Para apurar especificamente entre que grupos ocorrem essas diferenças, procedeu-se à comparação múltipla das médias através do teste post-hoc de Tukey, usando-se a probabilidade de erro tipo 1 ($p < .05$).

Começando pela análise da polaridade *Prazer/Dor*, nos perfis *-Prazer/+Dor*, *+Produtividade/-Lazer*, *-Controlo/+Cooperação*, *-Coerência/+Incoerência* e *-Autoestima/+Autocrítica* verificaram-se níveis mais elevados de perfil no grupo 1 (-/-), seguindo-se do grupo 2 (-/+) e os níveis menos elevados no grupo 3 (+/-), seguindo-se do grupo 4 (+/+), sendo estas diferenças estatisticamente significativas. Os perfis *+Proximidade/-Diferenciação* e *+Controlo/-Cooperação* também revelaram maiores níveis médios nos grupos 1 e 2, e os perfis *-Proximidade/+Diferenciação* e *-Exploração/+Tranquilidade*, maiores níveis médios apenas no grupo 1, tendo todos estes perfis diferenças estatisticamente significativas entre o grupo 1 e os grupos 3 e 4. Em *-Produtividade/+Lazer* as médias superiores verificaram-se no grupo 1, sendo este significativamente diferente dos grupos 2, 3 e 4, que obtiveram as médias inferiores. Por fim, os maiores níveis do perfil *+Coerência/-Incoerência* ocorreram, por ordem

decrecente, nos grupos 4, 3 e 2, havendo apenas diferenças significativas entre o grupo 4 e o grupo 1.

Na polaridade *Proximidade/Diferenciação* os maiores níveis dos perfis - *Prazer/+Dor*, +*Controlo/-Cooperação* e -*Coerência/+Incoerência* verificaram-se no grupo 1 (-/-), seguindo-se do grupo 2 (-/+), e os menores níveis no grupo 3 (+/-), seguindo-se do grupo 4 (+/+), sendo estas diferenças estatisticamente significativas. Também os perfis +*Proximidade/-Diferenciação* e +*Produtividade/-Lazer* seguiram a mesma ordem de médias entre os grupos anteriores, sendo os grupos 1 e 2 estatisticamente diferentes do grupo 4. O mesmo acontece em -*Proximidade/+Diferenciação*, pelo que nos perfis -*Controlo/+Cooperação* e -*Exploração/+Tranquilidade* verificaram-se médias elevadas apenas no grupo 1, seguindo-se do grupo 3, 2 e 4, sendo estes significativamente diferentes nos três perfis mencionados. Por fim, em -*Autoestima/+Autocrítica* os maiores níveis sobressaíram nos grupos 1 e 2 e em -*Produtividade/+Lazer* apenas no grupo 1, no entanto, nestes dois perfis as diferenças significativas entre grupos ocorrem entre o grupo 1 e os grupos 3 e 4, diferenciando-se o grupo 2 apenas do grupo 4.

No par *Produtividade/Lazer*, importa referir que o perfil +*Autoestima/-Autocrítica* obteve significância estatística na ANOVA ($p=.026<.028$), no entanto, o teste post hoc não demonstrou diferenças significativas entre os grupos, revelando-se assim um falso positivo. Prosseguindo com a análise dos restantes grupos, as médias superiores dos perfis -*Prazer/+Dor* e -*Proximidade/+Diferenciação* observaram-se no grupo 1 (-/-), seguindo-se as médias inferiores nos grupos 2 (-/+), 3 (+/-) e 4 (+/+), no entanto, o primeiro perfil revelou diferenças significativas entre o grupo 1 e os grupos 3 e 4, enquanto que o segundo perfil, revelou diferenças entre os grupos 1 e 3 e o grupo 4. Já em +*Proximidade/-Diferenciação*, as médias mais elevadas passaram pelos grupos 1 e 2, seguindo-se a menos elevadas nos grupos 3 e 4, diferenciando-se os primeiros grupos do grupo 4. Os maiores níveis de +*Produtividade/-Lazer* e -*Produtividade/+Lazer* encontram-se, por ordem decrescente, nos grupos 1, 2 e 3, sendo estes significativamente diferentes do grupo 4. Nos grupos 1, 2 e 3 verificaram-se os maiores níveis de -*Controlo/+Cooperação*, no entanto, apenas o grupo 1 se diferencia do 4. Por ordem decrescente, nos grupos 4, 3 e 2 observaram-se as maiores médias de +*Coerência/-Incoerência*, observando-se as menores médias no grupo 1, e diferenciando-se o grupo 4 dos restantes, o grupo 3 dos grupos 1 e 4 e o grupo 2 apenas do 4. Finalmente, nos perfis -*Coerência/+Incoerência* e -*Autoestima/+Autocrítica* as

médias mais elevadas verificaram-se nos grupos 1 e 2, e as menos elevadas nos grupos 3 e 4, sendo esta diferença significativa.

A polaridade *Controlo/Cooperação* foi a que obteve menos perfis com diferenças significativas entre os grupos. Relativamente aos que obtiveram significância, verificaram-se os maiores níveis do perfil *-Prazer/+Dor* nos grupos 1, 2 e 3, sendo apenas o grupo 1 significativamente diferente do 4, que obteve o menor nível. Em *-Proximidade/+Diferenciação* sobressaíram médias mais elevadas nos grupos 1 e 3, seguindo-se os grupos 2 e 4 com as menos elevadas, diferenciando-se os grupos 1, 2 e 3 do grupo 4. Acontece o mesmo em *-Produtividade/+Lazer* e em *+Controlo/-Cooperação*, diferenciando-se, no primeiro perfil, o grupo 1 dos grupos 2 e 4, enquanto que o grupo 3 não revelou diferenças com os restantes, e, no segundo perfil, diferenciaram-se apenas os grupos 1 e 3 do grupo 4. Em *-Coerência/+Incoerência* os grupos 1, 3 e 2 revelaram as médias superiores e em *-Autoestima/+Autocrítica* estas surgiram nos grupos 1, 2 e 3, no entanto, em ambos os perfis, apenas se diferenciou o grupo 1 do grupo 4.

Na polaridade *Exploração/Tranquilidade*, as maiores médias de *-Prazer/+Dor*, *+Produtividade/-Lazer*, *-Coerência/+Incoerência* e *-Autoestima/+Autocrítica* verificaram-se nos grupos 3 e 1, e as menores nos grupos 2 e 4, sendo essas diferenças significativas. O mesmo acontece em *+Proximidade/-Diferenciação*, no entanto, apenas o grupo 3 se diferenciou significativamente dos grupos 2 e 4. As médias superiores de *-Proximidade/+Diferenciação* encontram-se no grupo 1 e 3, seguindo-se as inferiores, nos grupos 2 e 4, diferenciando-se os primeiros grupos do grupo 4. No perfil *-Produtividade/+Lazer* verificou-se o maior valor médio nos grupos 3 e 1, seguindo-se os grupos 2 e 4 com os menores, sendo os primeiros grupos significativamente diferentes do grupo 4. Os maiores níveis de *-Controlo/+Cooperação* verificaram-se nos grupos 3 e 1, seguindo-se os grupos 2 e 4 com os menores, e diferenciando-se o grupo 3 dos grupos 2 e 4, e o grupo 1 apenas do grupo 4. Os grupos 3 e 4 revelaram os níveis superiores de *+Exploração/-Tranquilidade*, seguindo-se os grupos 1 e 2 com os inferiores, e sendo o grupo 3 estatisticamente diferente dos grupos 1 e 2, e o grupo 4 diferente do grupo 2. Já em *-Exploração/+Tranquilidade*, as maiores médias apresentam-se nos grupos 1 e 2, e as menores nos 3 e 4, sendo os primeiros grupos significativamente diferentes do grupo 4. Os níveis superiores de *+Coerência/-Incoerência* e *+Autoestima/-Autocrítica* encontram-se nos grupos 4 e 2, que são significativamente diferentes dos grupos 1 e 3, que possuem os menores níveis.

Em *Coerência/Incoerência*, conseguiu-se observar as médias mais elevadas dos perfis *-Prazer/+Dor*, *-Coerência/+Incoerência*, *-Autoestima/+Autocrítica*, *+Produtividade/-Lazer*, *-Controlo/+Cooperação* e *-Exploração/+Tranquilidade* nos grupos 1 e 3, e as menos elevadas nos grupos 2 e 4, diferenciando-se, nos primeiros três perfis, apenas o grupo 1 dos restantes, e nos últimos três perfis, apenas o grupo 1 do 4. Em *+Proximidade/-Diferenciação* verificaram-se níveis médios superiores nos grupos 3 e 1, e os níveis médios inferiores nos grupos 2 e 4, sendo os primeiros grupos significativamente diferentes do grupo 4. Os grupos 1 e 2 exibiram o maior nível de *-Proximidade/+Diferenciação*, e os grupos 3 e 4 os menores, sendo o grupo 1 diferente do grupo 4, e este último diferente do grupo 2. O grupo 1 revelou a maior média de *-Produtividade/+Lazer*, e os grupos 2, 3 e 4 as menores, diferenciando-se o primeiro grupo do grupo 4. Nos grupos 4 e 3 verificaram-se os níveis superiores de *+Coerência/-Incoerência*, e nos grupos 2 e 1 os níveis inferiores, sendo esta diferença significativa entre os dois primeiros grupos e o grupo 1. Em *+Autoestima/-Autocrítica* as maiores médias reflectiram-se nos grupos 3 e 4, seguindo-se as menores nos grupos 2 e 1, sendo a diferença significativa entre os primeiros grupos e o grupo 1.

Por último, no que diz respeito a *Autoestima/Autocrítica*, no perfil *-Prazer/+Dor* e *-Proximidade/+Diferenciação* verificaram-se os maiores níveis nos grupos 1 e 2, seguindo-se os grupos 3 e 4 com os menores, e diferenciando-se o grupo 1 dos grupos 3 e 4 e o grupo 2 apenas do 4. Em *+Proximidade/-Diferenciação*, o grupo 1 exibiu a média superior, e os grupos 2, 3 e 4 a média inferior, diferenciando-se apenas o grupo 1 do 4. Os grupos 2 e 1 exibiram o maior nível de *-Coerência/+Incoerência* e de *+Produtividade/-Lazer*, enquanto que o 3 e 4 os menores níveis, sendo esta diferença significativa no primeiro perfil, contudo, no segundo perfil, os dois primeiros grupos apenas se diferenciaram do 4. O grupo 1 revelou a maior média de *-Produtividade/+Lazer* e foi significativamente diferente dos grupos 2, 3 e 4, com as médias inferiores. O mesmo acontece com *-Exploração/+Tranquilidade*, no entanto, apenas o grupo 1 se diferenciou do grupo 4. Os perfis *-Autoestima/+Autocrítica* e *-Controlo/+Cooperação* demonstraram níveis superiores nos grupos 1 e 2, e níveis inferiores nos grupos 3 e 4, sendo esta diferença significativa no primeiro perfil, mas, no segundo perfil, apenas os primeiros grupos se diferenciaram do grupo 4. Os grupos 4 e 3 revelaram as médias superiores de *+Coerência/-Incoerência*, e os grupos 1 e 2 as inferiores, ocorrendo diferenças significativas entre o grupo 4 e os grupos 1 e 2, e entre o grupo 3 e o grupo 1. Finalmente, *+Autoestima/-Autocrítica* registou maiores níveis

nos grupos 3 e 4, e menores níveis nos grupos 1 e 2, contudo, apenas o grupo 4 se diferenciou significativamente do grupo 2.

Os resultados demonstram que a hipótese 7 foi parcialmente confirmada, visto que, os maiores níveis dos perfis verificam-se sobretudo nos grupos onde não existe capacitação nos dois polos de necessidades, que a maioria dos perfis obtêm médias elevadas nas discrepâncias das polaridades correspondentes e com diferenças significativas, e que, também maioritariamente, os menores níveis dos perfis ocorrem nos grupos com capacitação nos dois polos de necessidades.

Discussão e Conclusões

Conforme referido, esta investigação teve como objectivos (1) avaliar as qualidades psicométricas da EPDN e compreender as suas inter-relações; (2) estudar a relação entre os perfis e a capacidade de regulação da satisfação das necessidades (3) estudar a relação entre os perfis e a sintomatologia; (4) Compreender o valor preditivo da ERSN 57 e da EPDN em relação à sintomatologia; (5) Comparar grupos de indivíduos “com perturbação” e “sem perturbação” relativamente aos níveis da EPDN Global e dos catorze perfis; (6) Comparar o nível geral dos perfis e a capacidade geral de regulação relativamente à sintomatologia; e (7) Comparar os níveis de cada perfil em relação aos diferentes níveis de regulação nas polaridades das necessidades. Em seguida serão discutidos os respectivos resultados, as suas implicações, limitações e sugestões para estudos futuros.

Para testar o primeiro objectivo, foi inicialmente analisada a estrutura factorial da EPDN e os seus valores de consistência interna. Apesar de não ter sido possível extrair uma organização de factores com sentido teórico, os valores de alfa de Cronbach revelaram-se sempre compreendidos entre os valores de critério, sendo também na sua generalidade elevados e indicativos de uma forte consistência interna (Pallant, 2007). Apesar da existência de dois itens que diminuía a consistência interna de uma subescala e da escala global, não se optou pela exclusão dos mesmos, uma vez que o contributo para o aumento dos valores de consistência interna não era suficientemente significativo comparado com a relevância teórica dos respectivos itens.

No que diz respeito ao estudo das inter-correlações dos perfis da EPDN, colocou-se a hipótese destas serem positivas e contribuírem para a formação de um perfil global e integrativo. Porém a hipótese 1 foi apenas parcialmente corroborada,

tendo-se verificado correlações negativas, fracas e moderadas entre os perfis *+Coerência/-Incoerência*, *+Autoestima/-Autocrítica* e a maioria dos restantes perfis de discrepâncias, sendo também estas subescalas e as subescalas *+Prazer/-Dor* e *+Exploração/-Tranquilidade* que apresentaram as correlações positivas mais fracas com a EPDN Global. A este respeito repare-se que a natureza do padrão que advém de cada uma destas discrepâncias parece ser congruente com a presença dos respectivos resultados. Passando a explicar, os perfis das discrepâncias opostas, ou seja, *-Coerência/+Incoerência*, *-Autoestima/+Autocrítica* e *-Prazer/+Dor* de onde advém sobretudo padrões que englobam perturbação borderline, perturbação de ansiedade (nomeadamente no primeiro perfil) e perturbação depressiva (nos três perfis) são dos que se correlacionam mais fortemente entre si e com a generalidade dos restantes perfis, pois parecem assim partilhar mais características estruturais que se inter e intra-integram. Outros perfis que se destacam igualmente são *-Proximidade/+Diferenciação* e *-Controlo/+Cooperação*, onde existem sobretudo padrões de evitamento, passivo-agressivos e autoderrotistas, respectivamente, que de acordo com a caracterização dos mesmos percebe-se facilmente a partilha de características de natureza ansiogénica e depressiva, podendo-se alargar este raciocínio para padrões tipicamente dependentes, procrastinadores e obsessivo-compulsivos (Beck, et al., 2004; Klingsieck, 2013). O que se pretende concluir é que os perfis parecem partilhar predominantemente entre si, um funcionamento onde existe claramente uma elevada incoerência entre os *selves*, uma baixa autoestima e um maior contacto com a dor, ao invés da sensação de elevada coerência, elevada autoestima e um maior contacto com o prazer.

Pelo contrário, os padrões que advém dos perfis *+Prazer/-Dor*, *+Coerência/-Incoerência* e *+Autoestima/-Autocrítica* englobam as características opostas e logo as menos partilhadas com os restantes perfis. Vejamos o perfil *+Prazer/-Dor*, onde predomina um funcionamento histriónico, que se caracteriza pela busca permanente de atenção pra evitar o contacto com a dor. Não será por acaso que este perfil apenas se correlaciona mais fortemente com *+Proximidade/-Diferenciação* e *+Exploração/-Tranquilidade*, pois a necessidade de elevada proximidade, a gregariedade, a tendência para a impulsividade e a facilidade de frustração, são características que implicam os desequilíbrios nas polaridades anteriores.

O perfil *+Coerência/-Incoerência* onde existe um funcionamento tendencialmente paranoide que implica a permanente protecção do *self real* e a recorrência a atribuições externas para justificar qualquer tipo de incoerência ou visão

negativa desse mesmo *self*, promove uma significativa diminuição da consciência em relação a potenciais dificuldades inter-individuais (Beck et al., 2004; Kinderman & Bentall, 1996), estando também este perfil positiva e fortemente correlacionado com *+Autoestima/-Autocrítica*. Esta associação também se torna bastante congruente dada a personalidade predominantemente narcísica que se caracteriza pelo engrandecimento pessoal, e que, naturalmente, também não é da sua essência demonstrar qualquer sinal inferiorização. Este último perfil revela também correlações moderadas com *+Controlo/-Cooperação* e *+Exploração/-Tranquilidade*, o que não é de estranhar, pois o subdesenvolvimento de estratégias de partilha, de identificação grupal, de reciprocidade e sensibilidade social e o sobredesenvolvimento da competitividade e de estratégias de exploração, típicas das personalidades narcísicas e antissociais, são claramente características partilhadas com os perfis anteriormente designados (Beck et al., 2004). Pois, também, o estilo de Comportamento Tipo A, que advém das discrepâncias anteriores, revela competitividade e oscilações em termos de hostilidade (Friedman, 1996). Adicionalmente, os estilos sensation seeking e borderline partilham uma elevada necessidade de estimulação, estando o último também muito relacionado com dificuldades relacionais (Barlow et al., 2013; Parker et al., 2006). Similarmente nas personalidades obsessivo-compulsivas e agressivo-sádicas, tendencialmente associadas a *+Controlo/-Cooperação*, existe uma visão dos outros como incompetentes e irresponsáveis e uma expressão de controlo para demonstrar o domínio e superioridade em relação aos outros, respectivamente (Beck, et al., 2004; Craig, 2008).

Concluindo, apesar de nem todos os perfis se correlacionarem positivamente entre si, a diferença na valência das correlações é compreensível e informativa dos padrões que tendencialmente se associam entre si, pela partilha de características estruturais, conseguindo-se traçar perfis de funcionamento mais globais e integrativos.

Relativamente ao estudo da relação entre os perfis e a capacidade de regulação da satisfação das necessidades, onde se colocou a hipótese da existência de correlações negativas entre estas duas variáveis, também não se confirmou totalmente. No fundo a escala global de ERSN tal como todas as polaridades e necessidades correlacionaram-se negativamente com a EPDN Global, verificando-se que quanto maior a presença dos perfis de *-Prazer/+Dor*, *-Proximidade/+Diferenciação*, *-Coerência/+Incoerência* e *-Autoestima/+Autocrítica*, menor a capacidade de regulação da satisfação das necessidades. No entanto, os perfis *+Prazer/-Dor*, *+Exploração/-Tranquilidade*, *+Coerência/-Incoerência* e *+Autoestima/-Autocrítica* revelaram as relações negativas

mais fracas e também correlações positivas fracas, moderadas e fortes com a capacidade de regulação das necessidades. Contudo, na realidade as correlações que são significativas acabam por confirmar maioritariamente o aumento da regulação da necessidade que no perfil corresponde à necessidade compensatória, ou da necessidade que de certa forma partilha algumas características estruturais com a compensatória.

Mais uma vez sobressaem os mesmos perfis e note-se que estes são constituídos pelas necessidades mais estudadas e citadas na literatura psicológica. De acordo com Sheldon et al., (2011) as necessidades estão na base do desenvolvimento da personalidade, dando relevância às necessidades de *Autonomia*, *Competência* e *Proximidade*, já citadas por Deci e Ryan (2000), à necessidade de *Autoestima*, já proposta por Maslow (1954), Epstein (1993) e Grawe (2004) (Sheldon et al., 2004). Não esqueçamos também a necessidade de *Coerência* ou de *Congruência* do funcionamento mental (Epstein, 1993; Grawe, 2004), de *Maximização do Prazer* e *Minimização da Dor* (Epstein, 1993) e as necessidades de *Exploração* e *Tranquilidade*, que apesar de não serem das necessidades mais estudadas têm dado provas da sua relevância para a saúde mental (Sol & Vasco, 2012, Romão & Vasco, 2013).

No que diz respeito aos resultados encontrados na análise da presente hipótese, é importante mencionar a existência de estudos que revelam que as escalas que avaliam o funcionamento Histriónico, Narcísico e Obsessivo-Compulsivo se correlacionam positivamente com medidas de saúde mental e negativamente com medidas de desajustamento emocional. Sugere-se assim a importância de uma interpretação cautelosa na elevação destas escalas, podendo ser apenas representativa de padrões de personalidade que não contemplam a perturbação (Craig, 2008). De igual modo, Brandão e Vasco (2005) na aplicação do MCMI verificaram que na população não-clínica a presença de pequenas discrepâncias podem fomentar o narcisismo saudável, a perseverança e a preocupação com as tarefas, no entanto, grandes discrepâncias podem conduzir à perturbação, através do reforço de padrões não-adaptativos.

Por outro lado, indivíduos com algumas perturbações da personalidade, como a narcísica e antissocial, podem considerar o seu padrão de funcionamento perfeitamente normal e satisfatório, no entanto, conseguem ser identificados pela insatisfação que o seu comportamento provoca nos outros (Beck et al., 2004). Deste modo, uma possível explicação para a capacidade de regulação da satisfação das necessidades ter tendência a aumentar, embora pouco significativamente, na presença dos perfis *+Prazer/-Dor*, *+Exploração/-Tranquilidade*, *+Coerência/-Incoerência* e *+Autoestima/-Autocrítica*

poderá ser porque os padrões de funcionamento que advém destas discrepâncias caracterizam-se por uma visão do *self real* tipicamente “positiva”. Por exemplo, a personalidade histriônica vê o seu *self* como glamoroso e impressionante; a personalidade paranoide vê o seu *self* como justo, inocente e nobre; a personalidade narcísica considera-se especial, única e superior; a personalidade antissocial, autônoma e forte (Beck et al., 2004) e o estilo de Comportamento Tipo A, induz-se como eficiente e competitivo (Friedman, 1996). Já a personalidade Borderline merece uma interpretação mais cautelosa, uma vez que a sua natureza remete para um padrão de instabilidade em relação à autoimagem, ao humor e às relações interpessoais (Choca, Shanley & Denburg, 1992), o que também justifica que esteja tanto associada ao perfil de *+Exploração/-Tranquilidade*, que se associa muito pouco significativamente ao aumento da regulação, como ao perfil de *-Coerência/+Incoerência*, que está significativamente associado ao aumento da desregulação das necessidades. Também de acordo com Ferreira e Vasco (2013), o aumento das discrepâncias *self real/self ideal* e *self real/self obrigatório* relacionam-se com o aumento das discrepâncias de *Exploração/Tranquilidade*, que pode consistir numa movimentação de aproximação ao autoconceito.

O tipo de visões em relação ao *self*, acima descritas, poderão estar na origem de uma diminuição da consciência associada à desregulação das necessidades psicológicas. Por outro lado, os restantes perfis e principalmente os perfis com a discrepância oposta aos supracitados, revelam visões do *self* tipicamente “negativas”, que poderão promover uma maior consciência relativa à desregulação das necessidades. Brevemente, as personalidades esquizo-evitantes vêem sobretudo o seu *self* como solitário, vulnerável à rejeição, socialmente inadaptado e incompetente, enquanto que as personalidades mais dependentes, depressivas e autoderrotistas, consideram-se incompetentes, fracas e desamparadas, e as passivo-agressivas, vulneráveis ao controlo e à interferência. Por sua vez, as personalidades obsessivo-compulsivas possuem uma visão favorável do *self*, nomeadamente, responsável, competente e metódico, no entanto, como costuma existir a elevada presença de sintomas de ansiedade, poderá facilitar o aumento da consciência relativamente à desregulação (Beck et al., 2004; Millon et al., 2004).

No estudo da relação entre os perfis a sintomatologia esperava-se, de acordo com a hipótese 3, associações positivas. No entanto, esta hipótese foi também parcialmente confirmada, verificando-se algumas correlações negativas.

Sendo assim, nesta análise, a EPDN Global revelou associar-se positivamente com todas as dimensões de sintomatologia e com o BSI Global. As dimensões que se associaram positiva e mais fortemente com a generalidade dos perfis e com a escala global foram, *Psicoticismo*, *Depressão*, *Ansiedade* e *Obsessões-Compulsões*, enquanto que, *Somatização*, *Ansiedade Fóbica* e *Hostilidade* associaram-se menos fortemente. Os perfis que se relacionam mais fortemente com a presença de sintomatologia geral são - *Coerência/+Incoerência*, associando-se particularmente à dimensão de *depressão*, *ansiedade*, *psicoticismo* e *obsessões-compulsões*; - *Autoestima/+Autocrítica*, associando-se mais com *depressão* e *sensibilidade interpessoal*; - *Proximidade/+Diferenciação* relacionando-se mais com *psicoticismo*; e + *Proximidade/-Diferenciação* que se correlacionou mais fortemente com *ansiedade*. Estes resultados são congruentes, dada a partilha de sintomas de ansiedade e depressão que estão particularmente associados aos perfis anteriores e associados à globalidade dos restantes perfis, indo ao encontro do estudo de Sol e Vasco (2012), que também revelou o destaque das polaridades de *Proximidade/Diferenciação* e *Autoestima/Autocrítica* e de algumas das respectivas dimensões sintomatológicas.

Por sua vez, os perfis +*Prazer/-Dor*, +*Coerência/-Incoerência* e +*Autoestima/-Autocrítica* tendem a associar-se a uma diminuição da sintomatologia. No entanto, apenas +*Coerência/-Incoerência* apresenta correlações negativas, moderadas e significativas com *Sensibilidade Interpessoal*, *Depressão* e *Ansiedade*, e fracas com *Ideação Paranoide* e *Psicoticismo*. O perfil +*Prazer/-Dor* também revela uma única correlação positiva fraca, mas significativa, com *Ansiedade*. Estes resultados são consistentes com a investigação de Sol e Vasco (2012) e Romão e Vasco (2013) que também verificaram menores níveis de sintomatologia nas respectivas discrepâncias.

De acordo com Beck et al., (2004), muitos dos sujeitos diagnosticados com perturbação da personalidade, só tomam consciência da insatisfação do seu funcionamento quando este gera sintomas e interfere com importantes aspirações sociais e ocupacionais. No entanto, como já foi referido, existem perturbações que não conseguem ter essa consciência, sendo apenas diagnosticadas pela insatisfação provocada nos outros e não propriamente pelo relato sintomático. Assim, tal como parece existir uma menor consciência associada à desregulação das necessidades, a natureza das perturbações, Histriónicas, Paranoides, Narcísicas e Antissociais, não entram em contacto com a sua desadaptação e daí também não existir uma expressão sintomatológica activa e directa. A emoção transversal aos três padrões é a raiva, sendo

que no primeiro predomina a alegria que se pode transformar em ansiedade e em tristeza, fazendo sentido a única associação positiva com Ansiedade (Beck, et al., 2004).

Como referido na revisão sobre o constructo de sintomatologia, a perturbação implica a presença de sintomatologia. No entanto, esta investigação evidencia que determinados padrões de personalidade parecem não expressar de forma directa e activa sintomatologia indicadora de perturbação. Porém, não invalida a existência de alguma sensação subjectiva de distress ou até a presença de algum tipo de sintomatologia que, para efeitos de protecção do *self*, está a ser reprimida consciente ou inconscientemente. Deste modo, torna-se limitado atender apenas às queixas sintomatológicas, sendo necessário compreender a capacidade de regulação da satisfação das necessidades e, consequentemente, tomar atenção aos marcadores de ordem mais estrutural.

Relativamente ao valor preditivo da EPDN Global e da ERSN 57 Global em relação à sintomatologia, verificámos que quer isoladamente, quer em comparação com a ERSN 57, a EPDN consegue explicar mais da variância total da sintomatologia, confirmando-se a hipótese 4. Também o melhor modelo da EPDN, que é constituído pelos perfis de *-Coerência/+Incoerência*, *-Prazer/+Dor*, *+Controlo/-Cooperação* e *+Proximidade/-Diferenciação*, consegue fazer um contributo único e mais forte comparativamente aos modelos das polaridades (*Autoestima/Autocrítica* e *Proximidade/Diferenciação*) e necessidades (*Proximidade* e *Autoestima*).

Repara-se que foram os perfis seleccionados que se correlacionaram fortemente com as dimensões de sintomatologia, com excepção do perfil *+Controlo/-Cooperação* que apresentou maioritariamente correlações moderadas. Por outro lado, nota-se a ausência do perfil *-Autoestima/+Autocrítica* que também revelou as correlações mais fortes, no entanto, essas necessidades acabam por integrar os modelos das restantes variáveis.

Tal como em Sol e Vasco (2012), as necessidades individualmente conseguem prever mais da sintomatologia do que quando agrupadas em polos, o que vai ao encontro de diversos autores que dão relevância às necessidades de *Proximidade* (Epstein, 1993; Deci & Ryan, 2000; Sheldon et al., 2004; Grawe, 2006; Blatt, 2008) e *Autoestima* (Maslow, 1954; Epstein, 1993 e Sheldon et al., 2004). Por fim, o facto da EPDN prever mais da sintomatologia, muito provavelmente, deve-se a esta ser uma medida que avalia sobretudo o funcionamento perturbado, que se constitui num refinamento do funcionamento que advém das discrepâncias das polaridades.

Na comparação de grupos, os indivíduos com perturbação assumiram níveis gerais de perfil superiores aos indivíduos sem perturbação. Quando considerados os catorze perfis, no grupo com perturbação, foram *+Exploração/-Tranquilidade*, *+Controlo/-Cooperação*, *-Coerência/+Incoerência*, *+Produtividade/-Lazer*, *+Proximidade/-Diferenciação* e *-Exploração/+Tranquilidade* que mais contribuíram para a intensidade da perturbação. Contrariamente, os perfis *+Coerência/-Incoerência* e *+Autoestima/-Autocrítica* ao revelarem valores superiores no grupo sem perturbação, parecem contribuir menos para a intensidade da perturbação, confirmando-se apenas parcialmente a hipótese 5.

Os resultados anteriores no fundo apoiam empiricamente a teoria da perturbação defendida pelo MCP, que remete para a incapacidade de regulação da satisfação das necessidades (Faria & Vasco, 2011). Por um lado os resultados parecem sugerir a maior importância da regulação das necessidades de *Coerência* e de *Autoestima* para a diminuição da perturbação, por outro lado, já temos visto ao longo deste trabalho que os estilos de personalidade que advém dessas discrepâncias tendem a proteger rigidamente o seu *self*, impedindo a consciencialização e manifestação de vulnerabilidade, sendo essa a natureza da própria perturbação. Uma prova mais explícita disso foi o facto do perfil *+Prazer/-Dor*, que tem estado maioritariamente associado a maior regulação e a menor sintomatologia, na realidade ter contribuído com níveis superiores no grupo com perturbação, embora não se diferencie significativamente do grupo sem perturbação.

A hipótese 6 foi totalmente confirmada, verificando-se significativamente maiores níveis de sintomatologia no grupo com maior nível de discrepância geral e menor nível de regulação geral, e menores níveis de sintomatologia no grupo com menor nível de discrepância geral e maior nível de regulação geral. Esta evidência confirma mais uma vez que a incapacidade de regulação das necessidades contribui para o aumento da presença de sintomatologia (Vasco & Velho, 2010).

No que diz respeito à comparação dos níveis dos perfis nos grupos com diferentes graus de regulação das necessidades, verificou-se que existe uma tendência geral para os maiores níveis de perfil estarem presentes no grupo 1 (-/-) e 2 (-/+), seguindo-se os menores níveis no grupo 3 (+/-) e 4 (+/+). Estes resultados fazem sentido na medida em que os perfis apesar de serem formados por, discrepâncias, ou seja capacidades sobre e subdesenvolvidas, na realidade as capacidades que estão sobredesenvolvidas não são adaptativas e, logo, se o indivíduos responderam com sinceridade e com o seu *Eu Real* à ERSN-57, não responderam de forma adaptativa às

necessidades aparentemente sobredesenvolvidas, porque essas implicam desadaptação. Não será de estranhar que os perfis onde existe tendencialmente uma visão positiva do *self real* e uma menor consciência associada à desregulação (+*Prazer/-Dor*, +*Exploração/-Tranquilidade*, +*Coerência/-Incoerência* e +*Autoestima/-Autocrítica*), foram os que tendencialmente revelaram maiores níveis nos grupos 3 (+/-), 4 (+/+), seguindo-se os menores níveis nos grupos 2 (-/+) e 1 (-/-). Porém, revelaram menos diferenças significativas entre os grupos, sendo particularmente +*Prazer/-Dor* e +*Exploração/-Tranquilidade* que exibem as médias mais elevadas na generalidade dos grupos das sete polaridades, acontecendo o inverso com +*Autoestima/-Autocrítica*.

Se nos concentrar-mos unicamente nas discrepâncias, ou seja, nos grupos 2 (-/+) e 3 (+/-), conseguimos perceber que os perfis -*Prazer/+Dor*, -*Proximidade/+Diferenciação*, +*Produtividade/-Lazer*, -*Produtividade/+Lazer*, +*Controlo/-Cooperação*, +*Exploração/-Tranquilidade*, -*Exploração/+Tranquilidade*, +*Coerência/-Incoerência* e -*Autoestima/+Autocrítica*, contêm níveis médios elevados nas discrepâncias das polaridades correspondentes, e com diferenças estatisticamente significativas. No que diz respeito às excepções, o perfil +*Prazer/-Dor* e -*Controlo/+Cooperação* não revelaram diferenças significativas nos grupos das suas respectivas polaridades (*Prazer/Dor* e *Controlo/Cooperação*); +*Proximidade/-Diferenciação* não obteve as médias superiores no grupo 3 (+/-) mas sim nos grupos 1 (-/-) e 2 (-/+), com diferenças significativas; -*Coerência/+Incoerência* não obteve a média mais elevadas no grupo 2 (-/+), apenas no grupo 1 (-/-) com diferenças significativas dos restantes; +*Autoestima/-Autocrítica* apesar de revelar níveis superiores nos grupos 3 (+/-), e 4 (+/+), apenas o último se diferenciou do grupo 2 (-/+).

Em suma, os resultados demonstram que a hipótese 7 foi parcialmente confirmada, verificando-se que, na sua generalidade, existe correspondência entre os perfis de discrepâncias e as discrepâncias das respectivas polaridades, pelo que as excepções provavelmente devem-se à natureza do próprio perfil, como se tem vindo a mencionar ao longo deste trabalho. Assim, existem tendencialmente maiores níveis de perfil nos indivíduos incapacitados nos dois polos de necessidades, seguindo-se dos indivíduos com discrepâncias, e os menores níveis nos sujeitos capacitados em ambas as polaridades.

Esta investigação foi relevante na medida em que contribuiu para validar a teoria da perturbação do MCP e aumentar a sua dimensionalidade, desta vez através da construção de uma escala de personalidade que foi testada na população portuguesa e

com amostras relativamente equivalentes em termos de população clínica e não-clínica. Acima de tudo, trás implicações cruciais para a prática clínica, nomeadamente a necessidade do terapeuta estar atento à capacidade de regulação da satisfação das necessidades e, complementarmente, à natureza estrutural dos indivíduos, que advém dessa mesma capacidade de satisfazer ou não as necessidades psicológicas.

Demonstra a importância dos terapeutas incidirem no aumento da regulação das polaridades de *Prazer/Dor*, *Proximidade/Diferenciação*, *Coerência/Incoerência* e *Autoestima/Autocrítica*, uma vez que parecem ser essencialmente estes polos que mais partilham características em comum, e que permitem informar de modo mais abrangente sobre a natureza da personalidade, como também diferenciar essa mesma natureza.

Revela que enquanto existem personalidades e perturbações que mais facilmente poderão recorrer ao apoio psicológico devido à maior consciência de desregulação que se pode traduzir numa sensação subjectiva de mal-estar ou na expressão activa de sintomatologia, que interfere com o quotidiano do indivíduo, por outro lado, existem personalidades e perturbações onde esta consciência é naturalmente deficitária. Esta rigidez do *self* poderá eventualmente surgir no decorrer da própria terapia, em que pacientes com perturbações de personalidade que possuem visões do *self* desqualificantes, poderão revelar maior defensividade pelo aumento do funcionamento histriónico, paranoide e narcísico. Estas elevações são saudáveis quando existe a regulação de ambas as necessidades que contribuem para esse tipo de funcionamento, no entanto, quando apenas existe a aparente regulação do *Prazer*, da *Coerência* e da *Autoestima*, esses padrões tornam-se desadaptativos pelo desequilíbrio existente. Cabe assim ao terapeuta integrar esta globalidade nos seus critérios de conceptualização e de tomada de decisão clínica, não considerando apenas a ausência de relatos de mal-estar e de sintomatologia. Neste sentido, torna-se muitas vezes essencial promover empaticamente o aumento da consciência em relação à rigidez do *self* e à incapacidade de regulação da satisfação das necessidades, de modo a promover a motivação para a mudança no sentido da regulação, e impedir o término precoce do processo terapêutico.

Ainda assim, este estudo apresenta algumas limitações. Uma delas diz respeito ao procedimento de recolha de dados, uma vez que colocação de nove questionários online, com a média de resposta de uma hora, foi excedida em alguns dos participantes e contribuiu para a desistência de muitos deles. Para além de não ser possível controlar a disponibilidade mental dos próprios participantes, visto que ao fim de 50 minutos existe

uma diminuição do foco da atenção (Cormier, Nurius & Osborn, 2008), também não foi possível obter uma amostra homogênea para todos os instrumentos.

Outra limitação consiste na discrepância no género dos indivíduos, sendo estes maioritariamente do sexo feminino e portanto a amostra torna-se pouco representativa da população portuguesa e também alvo de uma generalização menos consistente. Por último, a outra limitação prende-se com a primeira aplicação da EPDN sendo necessário mais estudos que permitam aprofundar as conclusões retiradas desta investigação.

Deste modo, seria importante fazer um estudo onde os dados fossem obtidos presencialmente, numa amostra que fosse representativa e que permitisse um maior controlo da disponibilidade mental dos participantes.

Seria interessante aprofundar o estudo do agrupamento dos perfis e desenvolver a caracterização desses mesmos agrupamentos, contendo indicações sobre os cuidados a ter em termos de comunicação terapêutica com determinados pacientes.

Seria potencialmente esclarecedor recolher dados de uma amostra intencional, comparando indivíduos sem perturbação da personalidade e indivíduos com perturbação da personalidade, principalmente com perturbação histriónica, narcísica e paranoide, o que permitiria esclarecer a existência de relações diferenciais na correspondência entre os perfis da EPDN, a regulação das necessidades e a sintomatologia.

A obtenção de dados qualitativos através do estudo de casos com os perfis *+Prazer/-Dor*, *+Coerência/-Incoerência* e *+Autoestima/-Autocrítica*, seria interessante para ver os marcadores estruturais destes indivíduos e perceber de que modo se poderia adequar a comunicação terapêutica a esses mesmos marcadores, de forma a aumentar a consciência da necessidade de regulação da *Dor*, *Incoerência* e *Autocrítica*. Uma das abordagens poderia ser contrastar a visão do *self Real* desses indivíduos com a visão que os outros significativos têm a respeito do seu *self*, aumentando progressivamente a egodistonia que parece ser uma das grandes dificuldades destes pacientes.

Em suma, os resultados desta investigação validaram a teoria da perturbação do Modelo de Complementaridade Paradigmática, em que a incapacidade do indivíduo se movimentar dialecticamente entre os polos de necessidades promove a rigidificação dos padrões de personalidade e a aumenta a presença de sintomatologia.

Referências Bibliográficas

- Barlow, M., Woodman, T. & Hardy, L. (2013). Great expectations: Different high-risk activities satisfy different motives. *Journal of personality and social psychology*, 105, 458-475. doi: 10.1037/a0033542
- Beck, A. T., Freeman, A., Davis, D. D. & Associates. (2004). *Cognitive Therapy of Personality Disorders (2nd edition)*. New York, US: Guilford.
- Bland, J. M. & Altman, D. G. (1995). Multiple significance tests: The bonferroni method. *Statistics Notes*, 310 (10), 170.
- Blatt, S. J., & Blass, R. B. (1996). Attachment and separateness in the experience of symbiotic relatedness. *Psychoanalytic Quarterly*, 65(4), 711-746.
- Blatt, S. J., & Shichman, S. (1983). Two primary configurations of psychopathology. *Psychoanalysis and Contemporary Thought*, 6(2), 187-254.
- Blatt, S. J. (2008). *Polarities of experience: Relatedness and self-definition in personality development, psychopathology, and the therapeutic process*. Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Brandão, A. & Vasco, A. B. (2005). Discrepâncias do Eu: Diferenças entre as populações não-clínica e clínica. *Psychologica*, 40, 109-129.
- Canavarro, M. C. (2007). Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI): Uma revisão crítica dos estudos realizados em Portugal. In M. R. Simões, C. Machado, M. M.
- Gonçalves, & L. S. Almeida (Eds.), *Avaliação psicológica: Instrumentos validados para a população portuguesa* (vol. III) (pp. 305-330). Cidade: Quarteto.

Choca, J. P., Shanley, L. A. & Denburg, E. V. (1992). *Interpretative guide to the millon clinical multi-axial inventory*. Washington, DC: American Psychology Association.

Conceição, C.D. (2013). *Necessidades psicológicas e relações com bem-estar/distress psicológicos e sintomatologia: Estudo da polaridade dialéctica prazer/dor*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia – Universidade de Lisboa, Portugal.

Conceição, N., & Vasco, A. B. (2005). Olhar para as necessidades do *self* como um boi para um palácio: Perplexidades e fascínio. *Psychologica*, 40, 55-79.

Cormier, L. S., Nurius, P., & Osborn, C. (2008). *Interviewing and change strategies for helpers: Fundamental skills and cognitive-behavioral interventions* (6th ed.). Pacific Grove, CA: Brooks/Cole.

Craig, R. J. (2008). Essentials of MCMI-III assessment. In S. Strack (Ed.). *Essentials of millon inventories assessment* (2nd ed.) (1-51). New York: Wiley.

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2000). The “what” and “why” of goal pursuits: Human needs and the self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11, 227-268.

Deci, E. L., & Ryan, R. M. (2011). Levels of analysis, regnant causes of behavior and well-being: The role of psychological needs. *Psychological Inquiry*, 22, 17-22. doi: 10.1080/1047840X.2011.545978

Derogatis, L. R., & Spencer, P. M. (1982). *Administration & procedures: BSI manual-I*. Clinical psychometric research, USA.

Epstein, S. (1993). Implications of cognitive-experiential self-theory for personality and developmental psychology. In D. Funder, R. Parke, C. Tomlinson-Keasey, & K.

Widaman (Eds.), *Studying lives through time: Personality and development* (pp. 399-438). Washington, DC: American Psychological Association.

Erikson, E. (1963). *Childhood and society* (2nd. ed.). Harmondsworth, Middlesex: Penguin Books.

Faria, J., & Vasco, A. B. (2011). *Needs necessarily needed: A guide for clinical decision-making*. Comunicação apresentada na 27.^a Conferência da *Society for the Exploration of Psychotherapy Integration: Crossing the divide: SEPI's unique place in bridging the science-practice gap*, Washington, DC, EUA.

Ferreira, A.C. (2013). *Necessidades psicológicas, discrepâncias do self e relação com o bem-estar/distress psicológicos e sintomatologia*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia - Universidade de Lisboa, Portugal.

Field, A. (2009). *Discovering statistics using spss* (3rd ed.). London: Sage Publications

Fournier, S. D., Ruocco, A. C. & Ayaz, H. (2013). In search of integrative processes: Basic psychological need satisfaction predicts medial prefrontal activation during decisional conflict. *Journal of Experimental Psychology*, 142, 967-978. doi: 10.1037/a0030257

Friedman, M. (1996). *Type A Behavior: Its Diagnosis and Treatment*. New York, NY: Plenum.

Gleitman, H., Fridlund, A. J., & Reisberg, D. (2009). *Psicologia* (8.^a ed.) (D. R. Silva et al., Trans.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Gonçalo, M. & Vasco, A. B., (2013). *Polaridades dialécticas: Relações com bem-estar e distress psicológicos e sintomatologia*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia - Universidade de Lisboa, Portugal.

Grawe, K. (2006). *Neuropsychotherapy: how the neurosciences inform effective psychotherapy*. Hove: Routledge.

Higgins, E. T. (1987). Self-discrepancy: A theory relating self and affect. *Psychological Review*, 94, 319–340.

Klingsieck, K. B. (2013). Procrastination: When Good Things Don't Come to Those Who Wait. *European Psychologist*, 18 (1), 24-34. DOI: 10.1027/1016-9040/a000138

Lahtinen, E., Lehtinen, V., Rilkonen, E., & Ahonen, J. (1999). *Framework for promoting mental health in Europe*. Helsinki: Stakes.

Lawrence, J. (1991). Character structure, self-esteem regulation, and the principle of identity maintenance. In C.R. Curtis (Ed). *The relational self: Theoretical convergences in psychoanalysis and social psychology*. (6-7). New York, NY: Guilford.

Maslow, A. (1954). *Motivation and personality*. New York: Harper & Row.

Marôco, J. (2014). *Análise estatística com o spss statistics* (6th ed.). Pêro Pinheiro: Manuel Barbosa & Filhos.

Miklowitz, D.J. (2008). Bipolar Disorder. In D. H. Barlow (Ed.). *Clinical handbook of psychological disorders: A step-by-step treatment manual* (4th ed.) (421-457). New York, NY: Guilford.

Millon, T., Grossman, S., Millon, C., Meagher, S. & Ramnath, R. (2004). *Personality Disorders in Modern Life* (2nd Ed.). US: Wiley.

Murray, H. A. (2008). *Explorations in personality: A clinical and experimental study of fifty men of college age* (70th ed.). New York: Oxford University. (Original publicado em 1938).

Pallant, J. (2007). *Spss survival manual: A step by step guide to data analysis using spss for windows* (3rd ed.). New York, NY: Open University

Parker, A. G., Boldero, J. M. & Bell, R. C. (2006). Borderline personality disorder features: The role of self-discrepancies and self-complexity. *Psychology & Psychotherapy: Theory, Research & Practice*, 79 (3), 309-321. doi:10.1348/147608305X70072

Pires, R. O., Silva, D. & Ferreira, A. S., (2011). *Estilos de Personalidade e Vulnerabilidade à Sugestão no Contexto de uma Relação Interpessoal*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia - Universidade de Lisboa, Portugal.

Rice, K. G., Richardson, C. M. & Clark, D. (2012). Perfectionism, Procrastination, and Psychological Distress. *Journal of Counseling Psychology*, 59 (2), 288-302. DOI: 10.1037/a0026643

Rijo, D. (2000). *Perturbações da personalidade: Classificação, epidemiologia, comorbilidade e modelos cognitivos*. Dissertação de Mestrado, Portugal.

Rodrigues, C., & Vasco, A. B. (2010). *Necessidade Psicológica de Coerência/Incoerência: Relação com Bem-Estar e Distress Psicológico*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Psicologia – Universidade de Lisboa, Portugal.

Romão, A. & Vasco, A. B., (2013). *Regulação da satisfação de necessidades psicológicas através de cenários emocionalmente activadores: Relação com o bem-*

estar e distress psicológicos e sintomatologia. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia - Universidade de Lisboa, Portugal.

Ryan, R. M., & Deci, E. L. (2001). On happiness and human potentials: A review of research on hedonic and eudaemonic well-being. *Annual Review of Psychology*, 52, 141-166. doi: 10.1146/annurev.psych.52.1.141

Sheldon, K. M., Elliot, A. J., Kim, Y., & Kasser, T. (2001). What is satisfying about satisfying events? Testing 10 candidate psychological needs. *Journal of Personality and Social Psychology*, 80(2), 325-339. doi: 10.1037//0022-3514.80.2.325

Sheldon, K. M., Ryan, R. M., Deci, E. L. & Kasser, T. (2004). The independent effects of goal contents and motives on well-being: It's both what you pursue and why you pursue it. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 30(4), 475-486. doi: 10.1177/0146167203261883

Sheldon, K. M., Cheng, C & Hilpert, J. (2011). Understanding well-being and optimal functioning: Applying the multilevel personality in context (MPIC) model. *Psychological Inquiry*, 22, 1-16. doi: 10.1080/1047840X.2011.532477

Siegel, D. J. (2001). Toward an interpersonal neurobiology of the developing mind: Attachment relationships, "mindsight", and neural integration. *Infant Mental Health Journal*: 22, 67-94.

Sol, A. & Vasco, A. B., (2012). *Relações entre sintomatologia e necessidades, bem-estar e distress psicológicos*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia - Universidade de Lisboa, Portugal.

Sol, A. & Vasco, A.B., (2013). *Relações entre a regulação da satisfação de necessidades psicológicas e a sintomatologia*. Comunicação apresentada no 8º Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia, Universidade de Aveiro.

Vansteenkiste, M., & Ryan, R. M. (2013). On psychological growth and vulnerability: Basic psychological need satisfaction and need frustration as a unifying principle. *Journal of Psychotherapy Integration*, 23, 263-280.

Vasco, A. B., (2004). *Lição de síntese: Entre nuvens e relógios: Sequência temporal de objetivos estratégicos e integração em Psicoterapia*. Lisboa.

Vasco, A. B. (2005). A conceptualização de caso no modelo de complementaridade paradigmática: Variedade e integração. *Psychologica*, 40, 11-36.

Vasco, A. B., Faria, J., Vaz, F. M., & Conceição, N. (2010). *Adaptation, disorder and the therapeutic process: Needs or emotional dysregulation?*. Comunicação apresentada na 26.ª Conferência da *Society for the Exploration of Psychotherapy Integration: One or many sciences for Psychotherapy Integration: What constitutes evidence?*, Florença, Itália.

Vasco, A. B., & Velho, C. (2010). *The integrative essence of seven dialectical needs polarities*. Comunicação apresentada na 26.ª Conferência da *Society for the Exploration of Psychotherapy Integration: One or many sciences for Psychotherapy Integration: What constitutes evidence?*, Florença, Itália

Vasco, A. B. (2012). *Quando um peixe encarnado nos começa, de súbito, a revelar a sua também cor negra, pintemo-lo, então, digamos, de amarelo: Em volta da integração em Psicoterapia*. Comunicação apresentada no 1.º Congresso Nacional da Ordem dos Psicólogos Portugueses, Lisboa, Portugal.

Vasco, A. B. (2013). Sinto e penso, logo existo!: Abordagem integrativa das emoções. *Psilogos*.

Veit, C. T. & Ware, J. E. (1983). The structure of psychological distress and well-being in general populations. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 51 (5),730-742.
doi: 10.1037/0022-006X.51.5.730

ANEXOS

ANEXO A

Escala de Regulação da Satisfação das Necessidades Psicológicas – 57 (ERSN 57)

Composição das Subescalas da ERSN 57

Escala de Regulação da Satisfação das Necessidades (ERSN-57)

(Vasco, Bernardo, Cadilha, Calinas, Conde, Ferreira, Fonseca, Guerreiro, Rodrigues, Romão, Rucha, Silva, & Vargues-Conceição, 2013)

Seguidamente apresentamos uma sequência de afirmações relativas a características e vivências pessoais. Por favor, leia com atenção cada uma delas e responda, assinalando o seu grau de acordo ou desacordo numa escala de 1 a 8. **O número “1” significa que “discorda totalmente” e o “8” que “concorda totalmente”.** A linha divisória entre o “4” e o “5” separa as zonas de desacordo e de acordo. Quanto mais elevado for o número seleccionado maior é o grau de acordo.

1 a 4 Desacordo				5 a 8 Concordo			
1	2	3	4	5	6	7	8

Dados Pessoais

Nome: _____

Sexo: M ☐ | F ☐

Data de Nascimento: ____/____/____

Estado Civil: _____

Data de Realização: ____/____/____

		Discordo				Concordo			
1.	Sou capaz de distinguir críticas construtivas de destrutivas.	1	2	3	4	5	6	7	8
2.	Prefiro que sejam sempre os outros a decidir.	1	2	3	4	5	6	7	8
3.	De forma geral, estou satisfeito(a) comigo mesmo(a).	1	2	3	4	5	6	7	8
4.	Sinto mal-estar quando tenho de discordar de alguém.	1	2	3	4	5	6	7	8
5.	Faço frequentemente coisas para sair da rotina.	1	2	3	4	5	6	7	8
6.	Sinto que os outros não se interessam ou se preocupam comigo.	1	2	3	4	5	6	7	8
7.	Sinto-me amado(a) e acarinhado (a) por uma ou mais pessoas.	1	2	3	4	5	6	7	8
8.	De uma forma geral, gosto de experienciar coisas novas.	1	2	3	4	5	6	7	8
9.	Consigo desfrutar os pequenos prazeres da vida.	1	2	3	4	5	6	7	8
10.	Sentir-me zangado com alguém é sempre sinal de má educação.	1	2	3	4	5	6	7	8
11.	Não deixo que a minha mão direita saiba o que a esquerda faz.	1	2	3	4	5	6	7	8
12.	Estou satisfeito com a qualidade daquilo que produzo.	1	2	3	4	5	6	7	8
13.	Sinto-me sozinho(a), mesmo quando estou acompanhado(a).	1	2	3	4	5	6	7	8
14.	Estou sempre muito satisfeito comigo próprio(a).	1	2	3	4	5	6	7	8
15.	Sinto que o meu tempo de lazer é útil e valioso.	1	2	3	4	5	6	7	8
16.	Tenho dificuldade em desfrutar da vida.	1	2	3	4	5	6	7	8
17.	Não há nada a aprender com as dores da vida.	1	2	3	4	5	6	7	8
18.	Não sou capaz de fazer nada sem primeiro ouvir a opinião dos outros.	1	2	3	4	5	6	7	8
19.	É humano chorar a perda de alguém que amamos.	1	2	3	4	5	6	7	8
20.	As minhas actividades de lazer contribuem para o meu sentimento de bem-estar.	1	2	3	4	5	6	7	8
21.	Sou capaz de aceitar que há coisas que estão fora do meu controlo.	1	2	3	4	5	6	7	8
22.	O melhor é evitar pensar nos problemas da vida.	1	2	3	4	5	6	7	8
23.	Sou tolerante comigo mesmo face a conflitos entre o que penso, sinto e faço.	1	2	3	4	5	6	7	8
24.	Sinto-me constrangido e inibido em mostrar as minhas opiniões aos outros.	1	2	3	4	5	6	7	8
25.	Sinto que consigo tirar prazer da vida.	1	2	3	4	5	6	7	8
26.	Experiencio paz de espírito.	1	2	3	4	5	6	7	8
27.	Sou sempre igual a mim próprio(a), sem contradições.	1	2	3	4	5	6	7	8
28.	Sinto-me confortável com a ideia de que não posso controlar tudo e todos.	1	2	3	4	5	6	7	8
29.	Em função dos meus erros posso aperfeiçoar o meu comportamento.	1	2	3	4	5	6	7	8
30.	Sinto-me confortável quando tenho de colaborar com outros.	1	2	3	4	5	6	7	8

		Discordo				Concordo			
31.	Consigo suportar situações de desagradáveis se vejo benefícios futuros nisso.	1	2	3	4	5	6	7	8
32.	Considero-me auto-suficiente, os outros não me fazem grande falta.	1	2	3	4	5	6	7	8
33.	Consigo cooperar com os outros para atingir objectivos comuns.	1	2	3	4	5	6	7	8
34.	Sou tolerante comigo mesmo face a conflitos entre emoções contraditórias.	1	2	3	4	5	6	7	8
35.	Quando paro e reparo nas coisas à minha volta, sinto-me bem e satisfeito(a).	1	2	3	4	5	6	7	8
36.	Estou sempre a necessitar de muita estimulação e novidade na minha vida.	1	2	3	4	5	6	7	8
37.	Expresso as minhas ideias e opiniões, independentemente das reacções dos outros.	1	2	3	4	5	6	7	8
38.	A coisa mais importante da vida é conseguir estar sem fazer nada.	1	2	3	4	5	6	7	8
39.	Sou capaz de reconhecer que há coisas que estão fora do meu controlo.	1	2	3	4	5	6	7	8
40.	Sei distinguir os medos justificados dos que não o são.	1	2	3	4	5	6	7	8
41.	Quando sinto que tenho de ceder o meu controlo a um colectivo, aceito-o, cooperando com ele.	1	2	3	4	5	6	7	8
42.	Vejo-me como uma pessoa aberta a novas experiências.	1	2	3	4	5	6	7	8
43.	Quando sinto incoerências ou conflitos entre o que penso, sinto e faço, aceito a sua existência e procuro resolvê-los.	1	2	3	4	5	6	7	8
44.	Faço tudo o que seja necessário por um momento de prazer.	1	2	3	4	5	6	7	8
45.	Sinto-me perto de ser a pessoa que desejo ser.	1	2	3	4	5	6	7	8
46.	Sinto que errar possa ser uma oportunidade de aprendizagem.	1	2	3	4	5	6	7	8
47.	No geral, sinto-me satisfeito(a) quando penso nas minhas características.	1	2	3	4	5	6	7	8
48.	Recorro a todos o meios para evitar ser criticado(a).	1	2	3	4	5	6	7	8
49.	Quando sinto incoerências ou conflitos entre emoções contraditórias, aceito a sua existência e procuro resolvê-los.	1	2	3	4	5	6	7	8
50.	Sinto orgulho na pessoa que sou.	1	2	3	4	5	6	7	8
51.	Sinto que tenho uma certa calma interior.	1	2	3	4	5	6	7	8
52.	Sinto orgulho naquilo que produzo e realizo.	1	2	3	4	5	6	7	8
53.	É-me difícil suportar a distância entre o que sou e o que desejo ser.	1	2	3	4	5	6	7	8
54.	A coisa mais importante da vida é o trabalho e a produtividade.	1	2	3	4	5	6	7	8
55.	É essencial, em todas as situações, ter controle sobre os outros.	1	2	3	4	5	6	7	8
56.	Sinto-me satisfeito com a minha capacidade de usar o meu tempo de lazer.	1	2	3	4	5	6	7	8
57.	Sinto-me satisfeito com a minha competência produtiva.	1	2	3	4	5	6	7	8

Composição das Subescalas da ERSN 57

Escala	Subescala	Itens	Itens Malandros
Prazer/Dor	Prazer	9, 16R, 25	44
	Dor	10R, 19, 31, 40	17
Proximidade/Diferenciação	Proximidade	6R, 7, 13R	18
	Diferenciação	4R, 24R, 37	32
Produtividade/Lazer	Produtividade	12, 52, 57	54
	Lazer	15, 20, 56	38
Controlo/Cooperação	Controlo	21, 28, 39	55
	Cooperação	30, 33, 41	2
Exploração/Tranquilidade	Exploração	5, 8, 42	36
	Tranquilidade	26, 35, 51	22
Coerência/Incoerência	Coerência	43, 45, 49	27
	Incoerência	23, 34, 53R	11
Auto-Estima/Autocrítica	Auto-Estima	3, 47, 50	14
	Autocrítica	1, 29, 46	48

ANEXO B

Escala de Perfis de Discrepâncias das Necessidades (EPDN)

Composição das Subescalas da EPDN

Caracterização dos Perfis de Discrepâncias das Necessidades

Escala de Perfis de Discrepâncias das Necessidades (EPDN)

(Vasco, Barcelos, Carolino, Lopes & Várzea, 2014)

Instruções

Por favor, leia com atenção cada uma das afirmações e responda, assinalando o seu grau de acordo ou desacordo numa escala de 1 a 8. **O número “1” significa “Discordo Totalmente” e o número “8” significa “Concordo Totalmente”.** A linha divisória entre o "4" e o "5" separa as zonas de desacordo e de acordo. Quanto mais elevado for o número seleccionado maior será o seu grau de acordo com a afirmação.

1 a 4				5 a 8			
Discordo				Concordo			
1	2	3	4	5	6	7	8

Dados Pessoais

Nome: _____

Sexo: M ☐ | F ☐

Data de Nascimento: ____/____/____

Estado Civil: _____

Data de Realização: ____/____/____

	Discordo				Concordo			
	1	2	3	4	5	6	7	8
1. Quando sofro procuro logo algo que me proporcione prazer e bem-estar.								
2. Não consigo tolerar sentir-me sozinho.								
3. Não consigo relaxar porque tenho sempre tarefas para cumprir.								
4. Prefiro trabalhar sozinho do que em equipa.								
5. Necessito de novidades para me sentir vivo/a.								
6. Nunca me sinto em conflito com a pessoa que sou.								
7. Sinto-me superior à maior parte das pessoas.								
8. A minha dor é tão forte que me impede de viver momentos de prazer.								
9. Tenho tido muita dificuldade em aproximar-me dos outros.								
10. Só me sinto confortável quando não tenho nada para fazer.								
11. A opinião dos outros é muito importante nas minhas decisões.								
12. Não sinto necessidade de mudanças ou de novidades porque me acomodo facilmente ao meu conforto.								
13. Vivo numa constante luta entre aquilo que penso, o que sinto e o que faço.								
14. Sinto-me inferior aos outros.								
15. Quando sofro procuro logo a atenção de quem me rodeia para me sentir melhor.								
16. Procuro agradar às pessoas que me são mais próximas.								
17. Quando tento relaxar penso que devia estar a trabalhar.								
18. Detesto que os outros se intrometam nos meus planos e acções.								
19. Não suporto estar aborrecido/a.								
20. Considero-me uma pessoa bastante coerente.								

	Discordo				Concordo			
	1	2	3	4	5	6	7	8
21. Tenho sempre razão naquilo que penso e/ou digo.								
22. Sou uma pessoa que vive em constante sofrimento.								
23. Não tenho relações próximas.								
24. É-me difícil ver o trabalho como algo agradável.								
25. Submeto-me sempre às ideias e opiniões dos outros.								
26. Entre sair e ficar em casa, prefiro definitivamente ficar em casa.								
27. Sinto que não me conheço.								
28. Considero-me uma pessoa muito insegura.								
29. Sentir que tenho a atenção dos outros é algo essencial que me dá prazer.								
30. Pareço precisar sempre do apoio e da ajuda dos outros.								
31. Pensar constantemente nas tarefas que tenho por realizar não me permite relaxar.								
32. Sou desagradável com as pessoas que me tentam influenciar.								
33. Sou uma pessoa que necessita de aventura e sensações intensas.								
34. Não permito que os outros me coloquem em conflito comigo próprio.								
35. Raramente sinto culpa e/ou me arrependo daquilo que faço.								
36. Vislumbro a minha vida apenas em tons de cinzento.								
37. Sinto-me desconfortável na presença de outras pessoas.								
38. Sou daquelas pessoas que pagava para não se mexer.								
39. A minha atitude passiva leva-me por vezes a ter reacções agressivas perante os outros.								
40. Prefiro jogar pelo seguro e não arriscar.								

	Discordo				Concordo			
	1	2	3	4	5	6	7	8
41. Sinto-me culpado/a por não conseguir ser quem desejo.								
42. Não consigo aceitar os meus defeitos.								
43. Quando não me sinto bem procuro logo actividades que me proporcionem prazer.								
44. Mesmo que sinta que os outros me magoam, não consigo deixar de viver sem eles.								
45. Sinto que após atingir as metas a que me proponho isso nunca é suficiente.								
46. Apenas sozinho consigo atingir os meus objectivos.								
47. Não consigo parar de procurar novas actividades.								
48. Não perco tempo a pôr-me em causa.								
49. Sou a pessoa mais especial que conheço.								
50. Vivo em constante sacrifício.								
51. Não preciso dos outros para nada.								
52. Raramente tenho vontade de produzir ou fazer coisas.								
53. Sei que sou passivo/a na maior parte das situações.								
54. Só me sinto verdadeiramente seguro/a em situações que conheço.								
55. Sofro por não conseguir aceitar-me como sou.								
56. Nunca vou conseguir acreditar em mim próprio/a.								
57. Os outros sabem melhor do que eu o que fazer em situações difíceis.								
58. Tenho de fazer várias coisas ao mesmo tempo para sentir que estou a produzir.								
59. Devia ser capaz de controlar tudo na minha vida.								
60. Não me recordo de nenhuma situação em que me tenha sentido confuso/a em relação àquilo que sou.								

	Discordo				Concordo			
	1	2	3	4	5	6	7	8
61. Sou demasiado especial para pertencer a um mundo tão imperfeito.								
62. Se por um lado quero relacionar-me com os outros, por outro receio que me critiquem.								
63. Aprecio a monotonia da minha vida.								
64. Tenho muito medo de não conseguir ser a pessoa que devia ser.								
65. Sou como se costuma dizer: “Um zero à esquerda”.								
66. É como se aquilo que eu penso, sinto e faço não fizesse sentido.								

Protegido por Direitos de Autor

Protegido por Direitos de Autor

Composição das Subescalas da EPDN

Perfil	Itens
+Prazer/-Dor	1, 15, 29, 43
-Prazer/+Dor	8, 22, 36, 50
+Proximidade/-Diferenciação	2, 16, 30, 44, 57
-Proximidade/+Diferenciação	9, 23, 37, 51, 62
+Produtividade/-Lazer	3, 17, 31, 45, 58
-Produtividade/+Lazer	10, 24, 38, 52
+Controlo/-Cooperação	4, 18, 32, 46, 59
-Controlo/+Cooperação	11, 25, 39, 53
+Exploração/-Tranquilidade	5, 19, 33, 47
-Exploração/+Tranquilidade	12, 26, 40, 54, 63
+Coerência/-Incoerência	6, 20, 34, 48, 60
-Coerência/+Incoerência	13, 27, 41, 55, 64, 66
+Autoestima/-Autocrítica	7, 21, 35, 49, 61
-Autoestima/+Autocrítica	14, 28, 42, 56, 65

Caracterização dos Perfis de Discrepâncias das Necessidades

+ Prazer - Dor

A capacidade de disfrutar prazeres físicos e psicológicos caracteriza-se por uma vivência sem qualidade ao ser compensatória de uma dificuldade em vivenciar dores inevitáveis, experienciar o sofrimento, diferenciar sofrimento produtivo ou improdutivo e de lhe atribuir um significado. Este funcionamento é marcado pela procura de maximização de oportunidades e/ou momentos que proporcionem prazer e bem-estar de forma a anestesiar momentaneamente a dor. Este perfil pode sugerir uma tendência para a greguaria e busca de atenção.

- Prazer + Dor

A capacidade de experienciar, tolerar e aceitar o sofrimento bem como de diferenciar entre sofrimento produtivo ou improdutivo e de lhe atribuir um significado manifesta-se numa vivência de pouca qualidade ao associar-se a uma incapacidade de experienciar prazeres físicos e psicológicos. Assim, as experiências de dor são caracterizadas por um foco em aspetos negativos e uma visão depreciativa de si, dos outros e do futuro, pelo que as cognições autodepreciativas relacionam-se com crenças de não ser merecedor de experienciar momentos de prazer, podendo assumir uma postura de vítima ou de autossacrifício. Existe a persistência de o humor deprimido e de sentimentos de culpa, de melancolia, de fracasso, de desespero, de desamparo, de vazio e de inadequação.

+ Proximidade - Diferenciação

A capacidade para estabelecer e manter relações íntimas associa-se a uma dificuldade em exercer competências de diferenciação dos outros, de se auto-determinar e de tomar decisões independentes, o que se traduz numa experiência de proximidade sem qualidade. O funcionamento é caracterizado por falta de iniciativa, de autonomia e de autoconfiança, sendo que o indivíduo consequentemente tem dificuldade em expressar opiniões pessoais que sejam discordantes das dos outros. De forma a evitar o abandono, o funcionamento é marcado por passividade, submissão, conformismo e dependência face aos outros. Para além disso, o indivíduo necessita fortemente de aprovação, segurança, apoio, protecção e orientação do outro, o que pode paradoxalmente levar ao seu afastamento.

- Proximidade + Diferenciação

A capacidade de diferenciação e de autodeterminação em relação ao outro é de pouca qualidade ao ser compensatória de uma dificuldade em estabelecer e manter relações de proximidade. O funcionamento caracteriza-se pela existência de relações superficiais, possivelmente relacionado com o retraimento no contacto social, o que leva a uma rede social diminuta ou inexistente. Assim, nas experiências de socialização verifica-se um distanciamento interpessoal por desconforto e/ou o desinteresse, e a preferência de actividades solitárias. A passividade nas relações interpessoais é caracterizada pelo predomínio do embotamento afetivo ou de vigilância ansiosa, uma expressão emocional reduzida e pouca necessidade de afeto, salientando-se um conflito entre o querer relacionar-se e o medo da rejeição.

+ Produtividade - Lazer

A capacidade de realizar acções ou desafios considerados importantes ou valiosos para o indivíduo traduz-se numa vivência sem qualidade ao associar-se a uma incapacidade de conseguir relaxar e de se sentir confortável ao fazê-lo. Este funcionamento caracteriza-se por uma procura constante de novos objetivos e desafios e por uma obsessão com a acção, havendo uma luta crónica e incessante para conseguir fazer cada vez mais em menos tempo, sendo o valor pessoal definido pelos produtos que concretizam. O espírito de competição, uma devoção excessiva ao trabalho, uma insatisfação constante e meticulosidade poderão aumentar a vulnerabilidade ao *stress*, a dificuldade em relaxar e em aproveitar momentos de lazer.

- Produtividade + Lazer

A capacidade de relaxar e de se sentir confortável com isso revela-se de pouca qualidade uma vez que é compensatória de uma incapacidade de realizar acções ou desafios considerados importantes ou valiosos para o indivíduo. Predomina um registo de funcionamento apático que se caracteriza por inactividade e lentificação geral, bem como por falta de iniciativa e de motivação para produzir, o que é representativo de procrastinação eterna. A nível emocional podem estar presentes sentimentos de culpa associados à consciência do não cumprimento de realizações consideradas produtivas para o próprio.

+ Controlo - Cooperação/Cedência

A capacidade de influenciar o meio sem a influência de forças externas não é de qualidade ao ser compensatória de uma dificuldade em delegar e de cooperar com os outros, partilhando assim o controlo pessoal. Este funcionamento caracteriza-se por rigidez e repetição ligadas a um planeamento e organização excessivos, bem como por auto-centração e perfeccionismo. Neste sentido, pode ser evidente uma hipersensibilidade à humilhação e/ou à crítica e uma dificuldade em aceitar e/ou tolerar os erros do próprio e dos outros, que se poderá manifestar numa tendência agressiva e hostil nas interações sociais. Como tal, pode existir uma dificuldade em delegar tarefas relacionada com uma elevada necessidade de controlo interno e externo, a nível interpessoal e situacional.

- Controlo + Cooperação/Cedência

A capacidade de delegar bem como de cooperar com os outros partilhando o controlo é de pouca qualidade, na medida em que funciona como compensação de uma incapacidade de influenciar o meio. Este funcionamento pode ser definido pela perceção de uma baixa autoeficácia, em que o indivíduo pode não se considerar merecedor de realização pessoal e revelar dificuldade em assumir um papel de liderança. Assim, existe uma tendência para comportamentos de submissão e de autossacrifício, que por sua vez traduzem uma necessidade de ser ajudado pelos outros e de lhes atribuir o controlo pessoal. Pela eventual consciência deste modo de funcionamento, o indivíduo poderá oscilar entre deferência e conformismo, bem como ter tendência para uma oposição agressiva nas interações sociais.

+ Exploração - Tranquilidade

A capacidade de explorar e de se expor a novos ambientes e contextos não é de qualidade e funciona como compensação de uma incapacidade de apreciar o que se tem na vida e o que se é, no aqui e no agora. Desta forma, destaca-se a existência de uma necessidade permanente de estimulação e de novidade devido à insatisfação com o que se tem e o que se é, e ainda a presença de sintomas ansiogénicos que resultam da dificuldade de experienciar o presente. Assim, a impulsividade e a tendência para correr riscos potenciam a procura constante de actualização interna através de novas experiências e de sensações intensas.

- Exploração + Tranquilidade

A capacidade de apreciar o que se tem na vida e o que se é, no aqui e no agora, torna-se sem qualidade por compensar uma dificuldade em explorar e de se expor a novos ambientes. A dificuldade de exploração do meio e abertura à novidade associa-se a uma tranquilidade apática e aceitação resignada. Este padrão é marcado pela acomodação ao presente numa atitude passiva, despreocupada e irresponsável, o que se relaciona com a dificuldade de estabelecer objetivos a longo prazo, com a resistência e dificuldade de adaptação à mudança e com pouca tolerância a diferentes pontos de vista ou estilos de vida.

+ Coerência do Self – Incoerência do Self

A capacidade de experienciar congruência entre *Self Real* e *Self Ideal*, e entre pensamentos, sentimentos e comportamentos não é de qualidade, uma vez que esta experiência é compensatória de uma incapacidade de tolerar conflitos e incongruências ocasionais. O funcionamento caracteriza-se por experiência de coerência interior rígida, que associada à desadaptação da experiência de incoerência, não permite a emergência de egodistonia. Assim, é representativo de um mecanismo de defesa que está cronicamente ativo de modo a proteger a visão positiva sobre o *Self Real*. Para tal, existe a tendência a recorrer à atribuição causal externa sempre que possam ser experienciadas incoerências ocasionais, sendo que a repressão e as ideias de grandeza também podem funcionar como proteção face às discrepâncias entre os *Selves*.

- Coerência do Self + Incoerência do Self

A capacidade para tolerar conflitos, incongruências ocasionais não é de qualidade na medida em que é compensatória de uma dificuldade em experienciar incongruência entre *Self Real*, *Self Ideal* e entre pensamentos, sentimentos e comportamentos. Neste funcionamento os conflitos ocasionais são tendencialmente desvalorizados devido à ruminação e persistência das incoerências das diferentes instâncias do *Self*, o que motiva a persistência de egodistonia. Por um lado, podem surgir sentimentos de vazio interior, frustração, vergonha, culpa e/ou desânimo devido à discrepância entre o *Self Ideal* e o *Self Real*. Por outro lado, podem surgir emoções de agitação (medo e/ou ansiedade) e a percepção de uma identidade difusa associadas à discrepância entre o *Self Real* e o *Self Obrigatório*. Adicionalmente, a magnitude das discrepâncias entre o *Self Real* e o *Self*

Ideal relaciona-se positivamente com a presença de co-morbilidade com perturbações emocionais, depressão e ansiedade.

+ Autoestima - Autocrítica

A capacidade para se estimar e de estar satisfeito consigo próprio é compensatória de uma incapacidade de identificar, aceitar e aprender com as insatisfações e erros pessoais, traduzindo-se numa vivência sem qualidade. Esta discrepância é sugestiva de um perfil tendencialmente marcado pelo egocentrismo, sentimentos de superioridade, grandiosidade, orgulho, confiança e necessidade de adoração. Devido à sobrevalorização pessoal, prevêm-se dificuldades em empatizar com os outros e a existência de uma hipersensibilidade à crítica que poderá englobar a tendência para fazer atribuições externas, comportamentos de oposição e/ou atividades ilícitas.

- Autoestima + Autocrítica

A capacidade de identificar, aceitar e aprender com insatisfações e erros pessoais revela-se sem qualidade uma vez que é compensatória de uma dificuldade de se estimar e de estar satisfeito consigo próprio. Esta discrepância torna-se representativa de um estilo de funcionamento tendencialmente marcado pela autodepreciação, desvalorização pessoal e falta de confiança, intolerância aos erros do próprio e idealização dos outros. Erros cognitivos de atenção seletiva e catastrofização podem estar associados à emergência de sentimentos de culpa, de inferioridade e de incompetência.

ANEXO C

Inventário de Sintomas Psicopatológicos (BSI)

BSI

L.R. Derogatis, 1993; Versão: M.C. Canavarro, 1995

A seguir encontra-se uma lista de problemas ou sintomas que por vezes as pessoas apresentam. Assinale, num dos espaços à direita de cada sintoma, aquele que melhor descreve o GRAU EM QUE CADA PROBLEMA O INCOMODOU DURANTE A ÚLTIMA SEMANA. Para cada problema ou sintoma marque apenas um espaço com uma cruz. Não deixe nenhuma pergunta por responder.

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
1. Nervosismo ou tensão interior	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
2. Desmaios ou tonturas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
3. Ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
4. Ter a ideia que os outros são culpados pela maioria dos seus problemas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
5. Dificuldade em se lembrar de coisas passadas ou recentes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
6. Aborrecer-se ou irritar-se facilmente	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
7. Dores sobre o coração ou no peito	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8. Medo na rua ou praças públicas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
9. Pensamentos de acabar com a vida	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
10. Sentir que não pode confiar na maioria das pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
11. Perder o apetite	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
12. Ter um medo súbito sem razão para isso	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
13. Ter impulsos que não se podem controlar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14. Sentir-se sozinho mesmo quando está com mais pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
15. Dificuldade em fazer qualquer trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
16. Sentir-se sozinho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
17. Sentir-se triste	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18. Não ter interesse por nada	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
19. Sentir-se atemorizado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
20. Sentir-se facilmente ofendido nos seus sentimentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
21. Sentir que as outras pessoas não são amigas ou não gostam de si	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
22. Sentir-se inferior aos outros	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
23. Vontade de vomitar ou mal-estar do estômago	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
24. Impressão de que os outros o costumam observar ou falar de si	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
25. Dificuldade em adormecer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
26. Sentir necessidade de verificar várias vezes o que faz	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Em que medida foi incomodado pelos seguintes sintomas:	Nunca	Poucas vezes	Algumas vezes	Muitas vezes	Muitíssimas vezes
27. Dificuldade em tomar decisões	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
28. Medo de viajar de autocarro, de comboio ou de metro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
29. Sensação de que lhe falta o ar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
30. Calafrios ou afrontamentos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
31. Ter de evitar certas coisas, lugares ou actividades por lhe causarem medo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
32. Sensação de vazio na cabeça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
33. Sensação de anestesia (encortiçamento ou formigueiro) no corpo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
34. Ter a ideia que deveria ser castigado pelos seus pecados	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
35. Sentir-se sem esperança perante o futuro	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
36. Ter dificuldade em se concentrar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
37. Falta de forças em partes do corpo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
38. Sentir-se em estado de tensão ou aflicção	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
39. Pensamentos sobre a morte ou que vai morrer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
40. Ter impulsos de bater, ofender ou ferir alguém	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
41. Ter vontade de destruir ou partir coisas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
42. Sentir-se embaraçado junto de outras pessoas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
43. Sentir-se mal no meio das multidões como lojas, cinemas ou assembleias	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
44. Grande dificuldade em sentir-se "próximo" de outra pessoa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
45. Ter ataques de terror ou pânico	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
46. Entrar facilmente em discussão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
47. Sentir-se nervoso quando tem que ficar sozinho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
48. Sentir que as outras pessoas não dão o devido valor ao seu trabalho ou às suas capacidades	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
49. Sentir-se tão desassosssegado que não consegue manter-se sentado quieto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
50. Sentir que não tem valor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
51. A impressão de que, se deixasse, as outras pessoas se aproveitariam de si	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
52. Ter sentimentos de culpa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
53. Ter a impressão de que alguma coisa não regula bem na sua cabeça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

ANEXO D

Consentimento informado colocado na Plataforma Online

Consentimento Informado

Somos alunas da Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, a frequentar o 5º ano do Mestrado Integrado em Psicologia. No âmbito das nossas dissertações de mestrado, sob a orientação do Professor Doutor António Branco Vasco, estamos a realizar quatro estudos, que se enquadram na investigação sobre necessidades psicológicas.

Para participar terá de preencher os seguintes requisitos:

- Ter idade igual ou superior a 18 anos;
- Ter, no mínimo, o 9º ano de escolaridade (ou equivalente);
- Ter o Português como língua materna.

Se não preencher alguma destas condições, por favor, não prossiga. Se preencher, a sua participação é voluntária e poderá interrompê-la a qualquer momento. Se por alguma razão não quiser participar tem todo o direito em fazê-lo.

As informações recolhidas são estritamente confidenciais e anónimas, sendo que não serão recolhidos quaisquer elementos que o/a possam identificar. Os dados serão utilizados exclusivamente para fins de investigação. A sua participação consiste em responder a um conjunto de questões, nas quais não existem respostas certas nem erradas, e demorará, aproximadamente, 1 hora.

Caso tenha alguma questão ou esteja interessado/a em receber um resumo em linguagem não técnica dos resultados obtidos no final deste estudo poderá contactar-nos através do seguinte endereço de correio eletrónico: necessidadespsicologicas@gmail.com.

Ao prosseguir estará a declarar que cumpre os requisitos de participação, leu, compreendeu e concordou com as indicações acima contidas e que aceita colaborar voluntariamente nesta investigação.

Muito obrigada pela sua atenção e colaboração!

Alice Várzea

Elisabel Barcelos

Neuza Carolino

Sofia Lopes

Género

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino

Idade

Habilitações Literárias

- ☐ 9º Ano ou equivalente
- ☐ 12º Ano ou equivalente
- ☐ Bacharelato
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutoramento

Conjugalidade

- ☐ Com relação amorosa estável
- ☐ Sem relação amorosa estável

Actualmente está a ter acompanhamento psicológico, psicoterapêutico ou psiquiátrico?

- ☐ Sim
- ☐ Não

ANEXO E

Quadro de Intercorrelações da EPDN

Escalas	N	-P/+D	+P/-D	-P/+D	+P/-L	-P/+L	+C/-C	-C/+C	+E/-T	-E/+T	+C/-I	-C/+I	+A/-A	-A/+A	EPDN
+P/-D	185	.040	.515**	.035	.222**	.123	.121	.272**	.467**	.067	.215**	.163*	.187*	.131	.406**
-P/+D	185		.372**	.608**	.456**	.498**	.359**	.445**	.224**	.334**	-.234**	.706**	-.029	.657**	.689**
+P/-D	185			.353**	.410**	.434**	.311**	.565**	.278**	.294**	-.135	.610**	-.052	.588**	.689**
-P/+D	185				.325**	.586**	.511**	.583**	.126	.594**	-.092	.637**	.130	.646**	.752**
+P/-L	185					.369**	.427**	.339**	.437**	.180*	-.093	.536**	-.025	.500**	.644**
-P/+L	185						.427**	.529**	.091	.475**	-.098	.552**	.128	.537**	.693**
+C/-C	185							.293**	.351**	.413**	.127	.458**	.279**	.397**	.668**
-C/+C	185								.161*	.476**	-.116	.609**	-.065	.624**	.705**
+E/-T	185									-.192**	.241**	.231**	.263**	.167*	.447**
-E/+T	185										.116	.384**	.104	.443**	.579**
+C/-I	185											-.362**	.528**	-.345**	.043
-C/+I	185												-.188*	.829**	.802**
+A/-A	185													-.201**	.207**
-A/+A	185														.772**

**p<.01; *p<.05

ANEXO F

Quadro de correlações entre a EPDN Global e a ERSN 57 Global

Escalas	N	-P/+D	+P/-D	-P/+D	+P/-L	-P/+L	+C/-C	-C/+C	+E/-T	-E/+T	+C/-I	-C/+I	+A/-A	-A/+A	EpdnT
Ersn T	.152**	-.611**	-.374**	-.566**	-.372**	-.526**	-.317**	-.474**	.030	-.337**	.450**	-.682**	.212**	-.694**	-.548**

**p<.01

ANEXO G

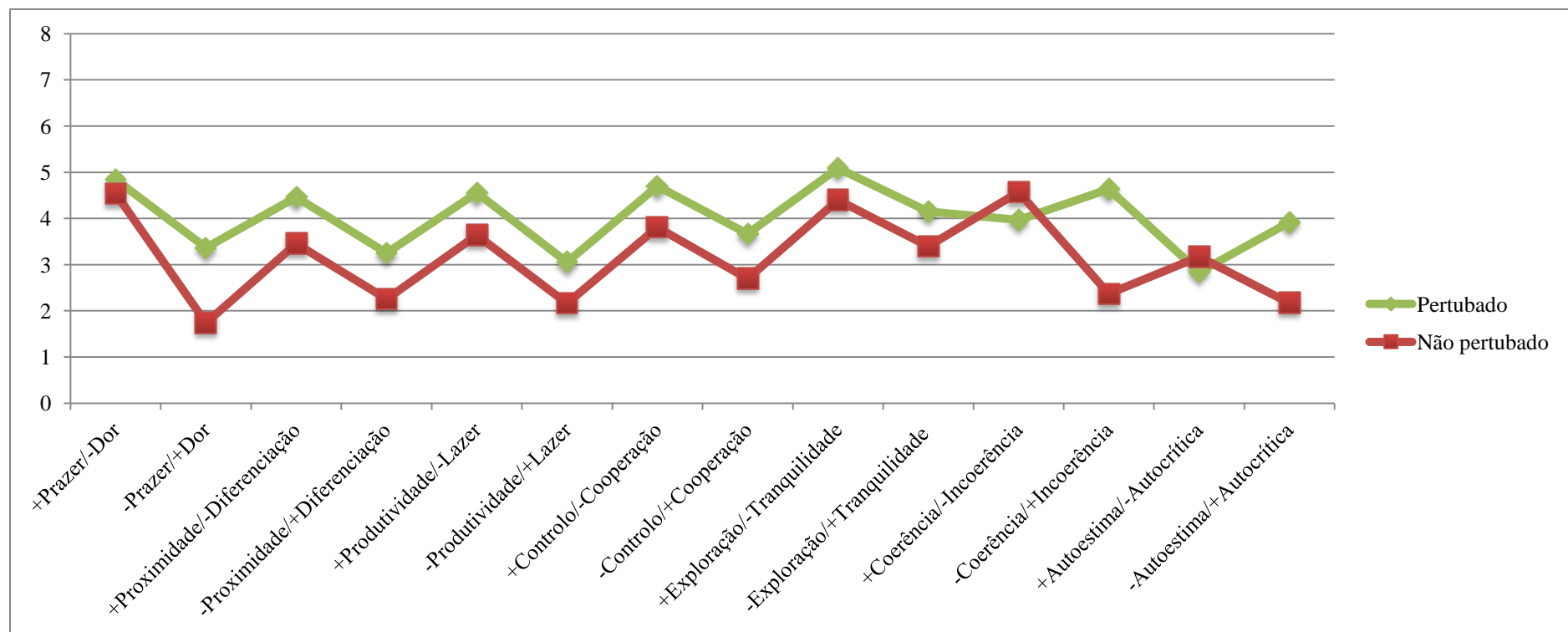
Quadro de correlações entre os perfis de discrepâncias e as catorze necessidades psicológicas.

Escalas	P	D	Pr	Df	P	L	C	Cp	E	T	C	I	Ae	Ac
+P/-D	.116	.026	.005	-.086	.147	.268**	.152*	.137	.242**	.078	.216**	.050	.107	.073
-P/+D	-.647**	-.241**	-.625**	-.152*	-.527**	-.479**	-.233**	-.258**	-.148	-.596**	-.465**	-.508**	-.587**	-.342**
+P/-D	-.328**	-.091	-.417**	-.309**	-.322**	-.099	-.141	-.105	-.119	-.320**	-.268**	-.399**	-.368**	-.261**
-P/+D	-.492**	-.284**	-.642**	-.462**	-.368**	-.419**	-.273**	-.430**	-.283**	-.381**	-.361**	-.402**	-.395**	-.340**
+P/-L	-.419**	-.038	-.405**	-.205**	-.310**	-.182*	-.144	-.195**	-.069	-.381**	-.241**	-.414**	-.365**	-.133
-P/+L	-.433**	-.302**	-.492**	-.315**	-.489**	-.334**	-.233**	-.443**	-.264**	-.356**	-.345**	-.293**	-.428**	-.428**
+C/-C	-.327**	-.004	-.412**	-.227**	-.249**	-.195**	-.190*	-.349**	-.083	-.241**	-.143	-.244**	-.255**	-.147
-C/+C	-.392**	-.176*	-.468**	-.524**	-.344**	-.284**	-.141	-.265**	-.176*	-.362**	-.326**	-.403**	-.418**	-.297**
+E/-T	-.066	-.009	-.187*	.041	.068	.078	-.022	.081	.453**	-.059	.072	-.101	-.002	.048
-E/+T	-.238**	-.164*	-.294**	-.453**	-.233**	-.162*	-.095	-.340**	-.414**	-.160*	-.205**	-.240**	-.191*	-.163*
+C/-I	.360**	.063	.278**	.105	.456**	.278**	.104	.161*	.265**	.491**	.447**	.421**	.541**	.284**
-C/+I	-.682**	-.161*	-.612**	-.356**	-.584**	-.412**	-.213**	-.249**	-.259**	-.653**	-.572**	-.649**	-.731**	-.313**
+A/-A	.141	-.098	.041	.025	.311**	.079	-.063	-.167*	.186*	.359**	.287**	.288**	.419**	.043
-A/+A	-.640**	-.238**	-.585**	-.373**	-.592**	-.416**	-.236**	-.277**	-.321**	-.652**	-.570**	-.605**	-.715**	-.398**
Epdn T	-.540**	-.213**	-.618**	-.418**	-.413**	-.307**	-.223**	-.338**	-.151*	-.443**	-.349**	-.475**	-.469**	-.306**

**p<.01; *p<.05

ANEXO H

Figura com os níveis médios dos catorze Perfis de Discrepâncias nos indivíduos perturbados e não perturbados.



ANEXO I

Níveis médios dos Perfis de Discrepâncias nos grupos com diferentes graus de regulação da satisfação das necessidades psicológicas

Perfis Grupos	N	+P/-D	-P/+D	+P/-D	-P/+D	+P/-L	-P/+L	+C/-C	-C/+C	+E/-T	-E/+T	+C/-I	-C/+I	+A/-A	-A/+A
Praz./Dor															
1 (-/-)	50	4.7100	3.3900	4.4800	3.4160	4.8240	3.4050	4.6400	3.8150	4.8850	4.2640	3.9320	4.5133	2.9360	3.9720
2 (-/+)	37	4.4392	2.8514	4.1081	2.9622	4.4000	2.7095	4.2865	3.4932	4.5338	3.9243	4.0649	4.2252	2.7838	3.4541
3 (+/-)	31	4.6210	1.6774	3.3613	2.3097	3.2065	1.9839	3.6000	2.6210	4.6532	3.2581	4.3742	2.1882	3.0129	2.0258
4 (+/+)	56	4.8170	1.5893	3.5036	1.9750	3.3857	1.8304	3.9321	2.5402	4.5937	3.2143	4.7036	2.2113	3.1821	1.9929
Prox./Dif.															
1 (-/-)	49	4.7041	3.2602	4.5429	3.7061	4.6408	3.3265	4.6694	4.1990	4.6888	4.4898	3.9265	4.6020	2.8612	3.9429
2 (-/+)	34	4.7206	3.0368	4.2176	3.0471	4.4529	2.7500	4.5706	3.0294	5.1691	3.5412	4.1647	3.8284	3.2235	3.2471
3 (+/-)	30	4.9750	1.7500	3.8267	2.2000	3.8867	2.2000	3.7000	3.2833	4.4417	3.6933	4.4533	2.8278	2.9867	2.4667
4 (+/+)	61	4.4672	1.6475	3.2066	1.8262	3.2393	1.8361	3.7246	2.2336	4.5041	3.0852	4.5639	2.1831	2.9836	2.0197
Prod./Laz.															
1 (-/-)	53	4.3585	3.3302	4.1208	3.3396	4.3925	3.2547	4.4302	3.6934	4.5142	3.9547	3.5887	4.4465	2.6755	3.8151
2 (-/+)	19	4.7895	2.6711	4.5789	2.8105	4.4947	3.0000	4.2947	3.2895	4.9474	4.0000	4.1895	4.0351	2.5895	3.7263
3 (+/-)	29	4.6897	2.5862	3.9655	2.7586	4.3862	2.5517	4.2897	3.1810	4.7586	3.7448	4.4828	3.2759	3.2414	2.8345
	73	4.8596	1.5582	3.5068	2.0849	3.3918	1.7945	3.8575	2.6438	4.6884	3.3589	4.7425	2.2785	3.2384	1.9945

4 (+/+)															
Cont./Coop.															
1 (-/-)	49	4.2602	2.8724	4.0082	3.1184	4.2612	3.1684	4.7020	3.4388	4.5867	3.8694	3.9714	3.8776	3.1551	3.2816
2 (-/+)	23	4.9348	2.4348	4.1826	2.9304	4.1391	2.2065	4.0087	3.3587	4.9891	3.6000	4.3913	3.3478	2.9391	3.1130
3 (+/-)	34	4.7647	2.3235	3.8412	3.0412	4.1235	2.5662	4.4118	3.2647	4.7132	4.1000	4.3706	3.4167	3.3176	3.1000
4 (+/+)	68	4.8309	2.0625	3.7235	2.0441	3.6588	2.0772	3.6735	2.7463	4.6140	3.3471	4.4382	2.8015	2.7412	2.3971
Expl./Tranq.															
1 (-/-)	54	4.3750	2.9537	4.1667	3.2037	4.3704	2.9722	4.3963	3.5046	4.3657	4.1963	3.7222	4.2315	2.6185	3.6963
2 (-/+)	30	4.3417	1.9250	3.5267	2.6067	3.4800	2.3833	3.9133	2.8750	3.8333	3.9533	4.5667	2.5889	3.3467	2.4067
3 (+/-)	23	5.0435	3.5000	4.6000	3.0435	4.9304	3.1630	4.5739	3.9130	5.6413	3.4609	3.4087	4.8986	2.3391	4.2087
4 (+/+)	67	4.9291	1.7649	3.5791	2.1104	3.5701	1.9366	3.9164	2.6567	4.9701	3.2030	4.9194	2.3109	3.3701	1.9731
Coer./Incoer.															
1 (-/-)	63	4.4286	3.2262	4.3143	3.2794	4.4794	3.0238	4.3619	3.7222	4.7063	4.0794	3.6381	4.6111	2.6159	4.0127
2 (-/+)	21	4.5357	1.9881	3.9810	2.8095	4.0095	2.6429	4.2952	3.1429	4.4286	3.7714	4.2381	2.9683	3.0095	2.5524
3 (+/-)	20	5.3375	2.0625	4.5200	2.6600	4.2400	2.4125	4.4800	3.2250	4.9375	3.8700	4.5600	3.1833	3.4900	2.7400
4 (+/+)	70	4.7393	1.8536	3.2943	2.0543	3.4543	2.0036	3.8257	2.5500	4.6464	3.2257	4.8086	2.2452	3.1943	1.9943

Autoe./Autocr.															
1 (-/-)	50	4.4650	3.1850	4.3920	3.4400	4.4240	3.3800	4.5240	3.6900	4.5700	4.1600	3.7400	4.2667	2.7400	3.9720
2 (-/+)	31	4.6855	3.0161	4.0968	2.9935	4.4516	2.4435	4.1032	3.4839	4.9194	3.6839	3.5677	4.6183	2.4387	3.5935
3 (+/-)	21	4.9405	2.3095	4.0762	2.4667	3.8190	2.3214	3.8762	3.1071	4.6190	3.4571	4.4286	2.7778	3.3619	2.6381
4 (+/+)	72	4.7292	1.5937	3.3917	2.0278	3.5222	1.9583	3.9944	2.5799	4.6597	3.3972	4.9361	2.2060	3.3083	1.8806

ANEXO J

Resumo dos resultados da ANOVA

Grupos	Variáveis Dependentes	F	df	Error	Sig.	Partial Eta Squared
Praz/Dor	+P/-D	.545	3	170	.652	.010
	-P/+D	25.341	3	170	.000	.309
	+Pr/-Df	7.582	3	170	.000	.118
	-Pr/+Df	16.289	3	170	.000	.223
	+P/-L	13.964	3	170	.000	.198
	-P/+L	16.668	3	170	.000	.227
	+C/-C	6.014	3	170	.001	.096
	-C/+C	11.733	3	170	.000	.172
	+E/-T	.575	3	170	.632	.010
	-E/+T	7.945	3	170	.000	.123
	+C/-I	3.785	3	170	.012	.063
	-C/+I	32.853	3	170	.000	.367
	+Ae/-Ac	.786	3	170	.503	.014
	-Ae/+Ac	27.010	3	170	.000	.323
Prox./Dif.	+P/-D	.894	3	170	.445	.016
	-P/+D	21.426	3	170	.000	.274
	+Pr/-Df	11.879	3	170	.000	.173
	-Pr/+Df	35.746	3	170	.000	.387
	+P/-L	10.323	3	170	.000	.154
	-P/+L	13.735	3	170	.000	.195
	+C/-C	9.303	3	170	.000	.141
	-C/+C	27.373	3	170	.000	.326
	+E/-T	2.078	3	170	.105	.035
	-E/+T	12.528	3	170	.000	.181
	+C/-I	2.539	3	170	.058	.043
	-C/+I	25.042	3	170	.000	.306
	+Ae/-Ac	.549	3	170	.650	.010
	-Ae/+Ac	19.584	3	170	.000	.257
Prod./Laz.	+P/-D	1.333	3	170	.266	.023
	-P/+D	22.264	3	170	.000	.282

	+Pr/-Df	4.534	3	170	.004	.074
	-Pr/+Df	12.234	3	170	.000	.178
	+P/-L	6.884	3	170	.000	.108
	-P/+L	15.386	3	170	.000	.214
	+C/-C	2.615	3	170	.053	.044
	-C/+C	6.744	3	170	.000	.106
	+E/-T	.517	3	170	.671	.009
	-E/+T	2.686	3	170	.048	.045
	+C/-I	9.721	3	170	.000	.146
	-C/+I	21.264	3	170	.000	.273
	+Ae/-Ac	3.151	3	170	.026	.053
	-Ae/+Ac	21.306	3	170	.000	.273
Contr./Coop.	+P/-D	1.993	3	170	.117	.034
	-P/+D	3.191	3	170	.025	.053
	+Pr/-Df	.866	3	170	.460	.015
	-Pr/+Df	10.293	3	170	.000	.154
	+P/-L	1.747	3	170	.159	.030
	-P/+L	6.880	3	170	.000	.108
	+C/-C	8.366	3	170	.000	.129
	-C/+C	3.024	3	170	.031	.051
	+E/-T	.510	3	170	.676	.009
	-E/+T	3.071	3	170	.029	.051
	+C/-I	1.392	3	170	.247	.024
	-C/+I	3.553	3	170	.016	.059
	+Ae/-Ac	1.953	3	170	.123	.033
	-Ae/+Ac	3.754	3	170	.012	.062
Expl./Tranq.	+P/-D	2.648	3	170	.051	.045
	-P/+D	16.033	3	170	.000	.221
	+Pr/-Df	5.285	3	170	.002	.085
	-Pr/+Df	9.437	3	170	.000	.143
	+P/-L	7.533	3	170	.000	.117
	-P/+L	8.556	3	170	.000	.131
	+C/-C	2.948	3	170	.034	.049

	-C/+C	7.629	3	170	.000	.119
	+E/-T	10.965	3	170	.000	.162
	-E/+T	6.992	3	170	.000	.110
	+C/-I	16.172	3	170	.000	.222
	-C/+I	27.368	3	170	.000	.326
	+Ae/-Ac	7.044	3	170	.000	.111
	-Ae/+Ac	26.981	3	170	.000	.323
Coer./Incoer.	+P/-D	2.236	3	170	.086	.038
	-P/+D	13.879	3	170	.000	.197
	+Pr/-Df	9.566	3	170	.000	.144
	-Pr/+Df	12.532	3	170	.000	.181
	+P/-L	5.570	3	170	.001	.089
	-P/+L	6.655	3	170	.000	.105
	+C/-C	2.964	3	170	.034	.050
	-C/+C	9.281	3	170	.000	.141
	+E/-T	.478	3	170	.698	.008
	-E/+T	5.234	3	170	.002	.085
	+C/-I	11.048	3	170	.000	.163
	-C/+I	27.898	3	170	.000	.330
	+Ae/-Ac	3.637	3	170	.014	.060
	-Ae/+Ac	26.976	3	170	.000	.323
Autoe./Autocr.	+P/-D	.637	3	170	.592	.011
	-P/+D	19.155	3	170	.000	.253
	+Pr/-Df	6.725	3	170	.000	.106
	-Pr/+Df	16.765	3	170	.000	.228
	+P/-L	4.898	3	170	.003	.080
	-P/+L	12.558	3	170	.000	.181
	+C/-C	2.377	3	170	.072	.040
	-C/+C	8.245	3	170	.000	.127
	+E/-T	.428	3	170	.733	.007
	-E/+T	3.681	3	170	.013	.061
	+C/-I	15.416	3	170	.000	.214
	-C/+I	28.730	3	170	.000	.336

+Ae/-Ac	5.057	3	170	.002	.082
-Ae/+Ac	30.007	3	170	.000	.346